

**FACULDADE DE ARQUITETURA**  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

**ESTABELECE UM PERCURSO  
REDESENHO E REQUALIFICAÇÃO DA  
AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ**

A IMPORTÂNCIA DOS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS NO DESENVOLVIMENTO URBANO E COLECTIVO

**GONÇALO MARIA CALAVEIRAS FÉLIX OOM**  
(LICENCIADO)

PROJETO PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA  
(MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA)

(DOCUMENTO FINAL)

ORIENTADOR  
**PROFESSOR PAULO ALMEIDA**

CO-ORIENTADORA:  
**PROFESSORA JOANA BASTOS MALHEIRO**

JURI:

PRESIDENTE:  
DOUTOR JOSÉ ANTÓNIO JACOB MARTINS CABIDO  
VOGAL:  
DOUTOR ANTÓNIO MIGUEL NEVES DA SILVA SANTOS LEITE

LISBOA, SETEMBRO DE 2018



**TÍTULO I ESTABELECER UM PERCURSO**  
**REDESENHO E REQUALIFICAÇÃO DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ**  
**SUBTÍTULO I A IMPORTÂNCIA DOS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS**  
**NO DESENVOLVIMENTO URBANO E COLECTIVO**  
**DISCENTE I GONÇALO OOM**  
**ORIENTADOR I PROFESSOR PAULO ALMEIDA**  
**CO-ORIENTADOR I PROFESSORA JOANA BASTOS MALHEIRO**

## **RESUMO**

A presente dissertação parte, através de um enquadramento histórico, do reconhecimento da preponderância dos edifícios religiosos no desenvolvimento das cidades, particularmente nas ilhas de São Tomé e Príncipe. Focando-se no contexto particular da cidade de São Tomé que se foi desenvolvendo ao longo da Baía Ana Chaves, analisa-se como a construção de edifícios religiosos e seus espaços públicos adjacentes, potenciou de forma determinante a evolução do traçado urbano da Capital. Como parte integrante desta análise, apresenta-se também a relação inerente destes edifícios, assim como toda a cidade, com o Mar, característica comum às várias cidades coloniais portuguesas.

A linha mestra de crescimento urbano, que sempre funcionou como elemento unificador dos edifícios religiosos principais da cidade e símbolo preponderante da relação da cidade com o Mar, é a sua Avenida Marginal. Atualmente bastante degradada e muito aquém do seu potencial verdadeiro. Portanto em paralelo à análise referida apresenta-se um projeto de desenvolvimento urbano de toda a Avenida Marginal, ancorado na reabilitação e redesenho dos espaços públicos adjacentes aos seis edifícios religiosos que a pontuam. Desta forma, pretende-se através de espaços públicos qualificados e diferenciados nos seus usos, criar um maior equilíbrio na vivência da cidade, distribuindo-a ao longo de toda a Baía, em vez de centralizar nas zonas dos mercados, como está atualmente.

De forma a completar esse percurso, restabelecendo parte das antigas romarias da cidade, pretende-se ainda apresentar um projeto arquitetónico que permita dotar a cidade de um sétimo edifício religioso, também ele como impulsionador do crescimento urbano na zona norte da Baía. O edifício proposto, tendo em conta a maioria religiosa são-tomense, será uma igreja católica, procurando ser um local de encontro social e espiritual, que vá de encontro à expectativa dos fiéis. O edifício e o seu espaço envolvente terão como desafio, respeitando a tradição católica e cultura africana, conseguir de forma contemporânea enquadrar-se dentro da linha dos seis edifícios religiosos já referidos. Este deve funcionar como parte integrante do percurso da marginal e não como elemento de exceção, de forma a criar relações dinâmicas e fluídas em vez de um percurso de sentido único.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Avenida Marginal | Arquitetura Religiosa | Percurso | Comunidade

**TITLE | ESTABELECE UM PERCURSO**  
**REDESENHO E REQUALIFICAÇÃO DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ**  
**SUBTÍTULO | A IMPORTÂNCIA DOS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS**  
**NO DESENVOLVIMENTO URBANO E COLECTIVO**  
**STUDENT | GONÇALO OOM**  
**MAIN ADVISOR | PROFESSOR PAULO ALMEIDA**  
**CO-ADVISOR | PROFESSORA JOANA BASTOS MALHEIRO**

## **SUMMARY**

The present dissertation starts with a historical framework, recognizing the preponderance of religious buildings in the development of cities, particularly in the islands of São Tomé and Príncipe. Focusing on the particular context of the city of São Tomé that has been developed along the Ana Chaves Bay, it is analyzed how the construction of religious buildings and their adjacent public spaces, potentiated in a decisive way the evolution of the urban layout of the Capital. As an integral part of this analysis, the inherent relation of these buildings, as well as the whole city, with the Sea, characteristic common to the several Portuguese colonial cities, is also presented.

The main line of urban growth, which has always functioned as unifying element of the city's main religious buildings and a preponderant symbol of the city's relationship with the Sea, is its Marginal Avenue. Currently very degraded and far below its true potential. Therefore, in parallel to the analysis referred to above, there is an urban development project of the entire Avenida Marginal, anchored in the rehabilitation and redesign of the public spaces adjacent to the six religious buildings that punctuate it. In this way, it is intended through public spaces qualified and differentiated in their uses, to create a greater balance in the experience of the city, distributing it throughout bay, instead of centralizing in the zones of the markets, as it is currently.

In order to complete this route, restoring part of the ancient pilgrimages of the city, it is also intended to present an architectural project that allows to endow the city with a seventh religious building, also it as a driver of urban growth in the northern part of the bay. The proposed building, taking into account the religious majority of Sao Tome, will be a Catholic church, seeking to be a place of social and spiritual encounter, which meets the expectations of the faithful. The building and its surrounding space will have as challenge, respecting the catholic tradition and African culture, to achieve in a contemporary way to fit within the line of the six religious buildings already mentioned. This should work as an integral part of the path of the marginal and not as an element of exception in order to create dynamic and fluid relations rather than a one-way path.

## **KEYWORDS**

Waterfront | Religious Architecture | Urban Booster | Community



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os meus professores que me acompanharam ao longo do curso, com destaque para o professor Paulo Almeida, para a professora Joana Bastos Malheiro e para o professor João Sousa Morais que me acompanharam na realização deste trabalho final.

Gostaria de agradecer a toda a equipa da OPENBOOK ARCHITECTURE, Atelier onde tenho aprendido e crescido muito como arquiteto, agradecendo em especial ao Arquiteto Rodrigo Sampayo, Arquiteto João Cortes, Arquiteto Paulo Jervell e ao Pedro Pires, por me desafiarem e por todos os ensinamentos que me deram e dão para o meu percurso profissional como Arquiteto. Agradeço também de forma especial a todos os meus colegas e amigos de atelier, em especial à Sara Oom, Rita Piçarra, Luis Pombo, Andreia Dias, Rita Lisboa, Ana Salvado, Margarida Marques Pinto, Frederico Pinto Leite, Diogo Bleck, Miguel Bairrão, Manuel Emygdio, Nuno Moser e todos os outros que sempre me acompanharam.

Gostaria de agradecer a todos os outros arquitetos que me foram ensinando fora do curso, em especial ao Arquiteto Pedro Oom, Arquiteto Pedro Almeida Torres, Arquiteto Pedro Cabral, Arquiteto João Perloiro, Arquiteta Helena Barahona, Arquiteto Gonçalo Próspero e ao Arquiteto Rui Pinto Goncalves,

Gostaria de agradecer também a toda a minha família, em especial aos meus pais e irmãos Francisco, Rita e Maria.

Agradeço de forma particular aos meus grandes amigos, que ao longo deste tempo sempre me apoiaram e compreenderam, em especial ao Bernardo Próspero, Francisco Maia Cerqueira, Francisco Amaral, António Appleton, Duarte Próspero e António Castelo Branco.

Agradeço também à minha querida Carolina, que nesta fase da vida com o seu incentivo constante muito me apoiou e compreendeu.

Termino por agradecer a todas as pessoas que tive o prazer de conhecer em São Tomé, pela sua disponibilidade e simpatia, em especial o D. António Manuel, Bispo de São Tomé, assim como ao projeto MOVE, e à equipa que me recebeu de braços abertos em sua casa.

## ÍNDICE

### INDICE DE FIGURAS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

AGRADECIMENTOS

1. TEMA : O TERRITÓRIO	10
1.1.GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA	11
1.2. CONTEXTO HISTÓRICO - EVOLUÇÃO DA MALHA URBANA	12
2. TEMA : A IGREJA	
2.1.A IGREJA E SÃO TOMÉ	26
2.2.TRADIÇÕES	27
2.3.RAZÕES QUE JUSTIFICAM A CRIAÇÃO DE UM NOVA IGREJA	29
2.4.O QUE É UMA IGREJA	34
2.5.IGREJA-CASA E O <i>MOVIMENTO LITÚRGICO</i>	39
2.6.CONVERSA COM D.ANTÓNIO MANUEL SANTOS, BISPO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	44
3. TEMA: PROJECTO:	
3.1.CASOS DE ESTUDO	47
3.2. ÁREA DE INTERVENÇÃO	56
3.3. PLANO URBANO GERAL	58
3.4. PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS URBANAS	61
3.5. INTERVENÇÃO URBANA	62
3.6. PRAÇA A PRAÇA	
3.7. PROPOSTA DESENVOLVIDA – IGREJA DE SÃO JOSÉ	65
3.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

PEÇAS DESENHADAS

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: PLANTA DA BAÍA ANA CHAVES - 1788 -1796  
FIGURA 02 – FESTAS DE SÃO PEDRO– IMAGEM: JORGE TRABULO MARQUES  
FIGURA 03 – PALCO TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 04 – ROUPAS TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 05 – ROUPAS TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 06: PLANTA DA BAÍA ANA CHAVES - 1788 -1796  
FIGURA 07 – MAPA DE SÃO TOMÉ 1655 – IMAGEM: Johannes VINGBOONS,  
FIGURA 08 – MAPA DE SÃO TOMÉ 1655 (AMPIADO) – IMAGEM: Johannes VINGBOONS,  
FIGURA 09 – ROMARIAS EM SÃO TOMÉ – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO  
FIGURA 10 – BATISTÉRIO SEPARADO IMAGEM – SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 11 – BAPTISTÉRIO EXTERIOR IMAGEM- SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 12– PIA BAPTISMAL IMAGEM – SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 13- DISPOSIÇÃO AXIAL-PROCESSIONAL DA ASSEMBLEIA (MISSA TRIDENTINA, PRÉ-CONCÍLIO) IMAGEM – AUTOR  
FIGURA 14 – MURO DO LADO EXTERIOR – IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 16 – PLANTA DO ESPAÇO– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 17 – FONTE E PLANO DE TRONCOS– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 18 – ESPAÇO DA FONTE– IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 19 – PLANTA DO ESPAÇO– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 20 – FONTE E SEUS PLANOS– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 21 – JARDINS GENERALIFE, GRANADA – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 22 – PLANTA DO ESPAÇO– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”  
FIGURA 23 – ESPAÇO DA FONTE – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 24 – ESPAÇO DA FONTE COM DUAS ESCULTURAS– IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 26 – ESPAÇO DA FONTE – IMAGEM: RENE BURRI  
FIGURA 27 – AXONOMETRIA ESQUEMÁTICA – IMAGEM: LEIRE DOMINGUEZ DE TERESA  
FIGURA 28 – ENQUADRAMENTO DAS CAVALARIÇAS – IMAGEM :SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 29 – PLANO ROSA COM OS DOIS VÃOS HORIZONTAIS – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 30 – PLANO ROSA COM OS DOIS VÃO VERTICAIS – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 31 – PLANTA DO ESPAÇO – IMAGEM : “BARRAGAN”- OBRA COMPLETA  
FIGURA 32 – VISTA PARA O ALTAR – IMAGEM – SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 33 – VISTA DO ALTAR – IMAGEM : SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 34 – ÁREA DE INTERVENÇÃO – IMAGEM : AUTOR  
FIGURA 35 – TRAÇADO URBANO, VIAS PRINCIPAIS E AS IGREJAS – IMAGEM - AUTOR  
FIGURA 36 – VIAS EXISTENTES PARALELAS À COSTA – IMAGEM : AUTOR  
FIGURA 37 – VIAS EXISTENTES PERPENDICULARES À COSTA – IMAGEM : AUTOR  
FIGURA 38 – PROPOSTA COM NOVAS VIAS – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 39 – PROPOSTA COM NOVAS VIAS – IMAGEM : AUTOR  
FIGURA 40 – ESQUEMA PERFIL DE RUA EXISTENTE– IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 41 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 42 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 43 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 44 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 45 – IMAGEM NOVO PERFIL DA RUA – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 46 – REFERÊNCIA DE ILUMINAÇÃO NOTURNA – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 47 – VIAS INFORMAIS EM DIREÇÃO AO MAR - IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 48 – PROPOSTA URBANA - IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 49 – PROPOSTA URBANA - IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 50 – FACHADA PRINCIPAL BOM DESPACHO – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 51 – VISTA DO MAR – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 52 – VISTA PARA O MAR – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO  
FIGURA 53 – VISTA DAS TRASEIRAS – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 54 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 55 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 56 – IMAGEM FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 57 – IMAGEM FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 58 – FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
FIGURA 59 – FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: H.P.I.P. (PATRIMÓNIO DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA)  
FIGURA 59 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 60 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 61 – FACHADA PRINCIPAL DA SÉ – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 62 – PORTA PRINCIPAL – IMAGEM: AUTOR  
FIGURA 63 – VISTA LATERAL -IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

FIGURA 64 – VISTA LATERAL- IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 65 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 66 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 67 – VISTA FRONTAL IMAGEM: SUPORTE AUTOR  
 FIGURA 68 – MERCADOS INFORMAIS IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
 FIGURA 69 – PORTA LATERAL IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
 FIGURA 70 – VISTA LATERAL - IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
 FIGURA 71 – EXISTENTE - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 72 – PROPOSTA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 73 – EXEMPLO DE ROMARIA AQUÁTICA IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
 FIGURA 74 – ESPAÇO DA CAPELA – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO  
 FIGURA 75 – ESPAÇO DA CAPELA – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO  
 FIGURA 76 – ESPAÇO DA CAPELA – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 77 – ESPAÇO DA CAPELA – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 78 – EXISTENTE- IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 79 – PROPOSTA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 80 – ALÇADO FRONTAL – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 81 – IGREJA NO TEMPO COLONIAL – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL  
 FIGURA 82 – VISTA LATERAL – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 83 – PRAÇA DA IGREJA – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 84 – LOCAL DE IMPLANTAÇÃO – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 85 – ÁREA DE ATERRO – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 86 – ÁREA VERDE IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 87 – ÁREA DE JARDIM – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 88 – AMBIENTE DO JARDIM – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 89 – AMBIENTE DO JARDIM – IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 90 – IMAGENS ESQUEMÁTICAS DOS POSSÍVEIS USOS – IMAGEM: C.F. Møller Architects  
 FIGURA 91– APURAMENTO DA FORMA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 92 – CELEBRAÇÃO DA MISSA NO EXTERIOR DA SÉ - IMAGEM: FACEBOOK D. ANTÓNIO MANUEL  
 FIGURA 93 – ESQUEMA DA FORMA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 94 – ESQUEMA DA FORMA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 95 – CAPELA - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 96 – CAPELAS LATERAIS - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 97 – MAQUETE- PRAÇA CENTRAL - IMAGEM: AUTOR  
  
 FIGURA 98 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 99 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 100 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 101 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 102 – MAQUETE- ENFIAMENTO / PASSADIÇO- IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 103 – MAQUETE- CAPELAS / EQUIPAMENTOS- IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 104 – MAQUETE- CRUZ / CONFESSIONÁRIOS - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 105 – MAQUETE- ACESSO À PRAÇA CENTRAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 106 – VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 107 – CAPELA DE SÃO JOSÉ - IMAGEM: AUTOR  
 FIGURA 108 – VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR



## INTRODUÇÃO

A base de partida deste projeto final de mestrado, que nos propomos realizar, advém da conjectura arquitetónica nos países agora em desenvolvimento, mais concretamente, no continente africano, São Tomé e Príncipe.

Na cidade de São Tomé, um dos seus principais marcos urbanos, a Avenida Marginal, encontra-se bastante aquém do real valor que já possuiu. Em estado de degradação, sem vivência nem turística nem local, a Avenida Marginal urge uma intervenção que lhe devolva a dignidade que lhe é própria. Sendo o principal elemento identificável de ligação dos vários tecidos urbanos, a marginal atua como espinha dorsal da cidade, revelando-se essencial para o seu desenvolvimento urbano no passado e certamente no futuro.

A marginal desta cidade atua também como símbolo preponderante da memória coletiva de São Tomé. Sendo literalmente a primeira rua da cidade, esta suporta sobre si toda a história urbanística de São Tomé. Este trabalho propõe entender esse mesmo desenvolvimento urbano em função da avenida marginal. Sendo as avenidas marginais, algo característico das cidades portuguesas junto ao mar, esta dissertação pretende propor algo que respeite essa herança, indique soluções para a sua revitalização e potencie o seu crescimento e evolução, tal como o resto da cidade.

O segundo ponto deste projeto assenta sobre os edifícios religiosos.

Tal como grande parte das cidades europeias, o desenho e desenvolvimento da malha urbana rege-se grandemente pelos seus edifícios religiosos. Ao longo do desenvolvimento da cidade de São Tomé, é dada a primazia a este tipo de edifícios. A primeira estrutura urbana, já referida em cima, é nada mais que a ligação do porto a uma igreja. Sob esta lógica surge a avenida marginal e em volta dela a cidade de São Tomé.

Atualmente avenida marginal é marcada por uma série de 6 igrejas, que começando na Igreja do Bom Despacho no braço Este da Baía, termina na Igreja de São João Baptista (atual sede do Sporting) no braço Oeste. Com distâncias entre elas de menos de 600 metros, constituem coletivamente um percurso à beira mar que atravessa os principais tecidos urbanos e que evoca as tradicionais romarias religiosas, tão praticadas na comunidade são-tomense. É notório atualmente e ao longo da sua história urbana, o papel de desenvolvimento que os edifícios religiosos tiveram. A dissertação pretende entender essa importância e vivência, através da análise histórica, espacial e social desses edifícios ao longo da evolução urbana de São Tomé e com isso revitalizar a avenida marginal.

O entendimento e restabelecimento desse percurso, ancorado nas igrejas e seus espaços públicos é um dos principais focos desta dissertação.

O terceiro ponto passa pela identificação de um elemento em falta. Além da simbologia própria do número sete no contexto religioso, neste caso referindo-se à sétima igreja no percurso já referido, identifica-se a necessidade de extensão dos limites da cidade, de forma a ligar o braço Nascente da baía ao Poente. O elemento de ligação, seguindo a lógica presente na avenida

marginal, é proposto através de uma nova igreja. Apesar da referência histórica de uma igreja neste lugar, a pertinência da mesma será aprofundada nesta dissertação. Este exercício constitui uma oportunidade de aprofundar a vivência africana dos edifícios religiosos e seus espaços públicos, assim como propor este tipo de edifício no contexto contemporâneo e tropical.

Através dos edifícios religiosos existentes e do novo proposto, assim como os seus espaços públicos, pretende-se restabelecer e revitalizar a avenida marginal de São Tomé, elemento essencial na caracterização deste Lugar.

**CAPÍTULO I**  
**TEMA: O TERRITÓRIO**



## CAPÍTULO I

### TEMA: O TERRITÓRIO

#### 1.1 - GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

##### 1.1.1. - GEOGRAFIA FÍSICA

Situado no Golfo da Guiné, a cerca de 300 km da costa africana, São Tomé e Príncipe é um arquipélago composto por uma série de ilhotas e duas principais ilhas, a ilha de São Tomé e a ilha do Príncipe. O território em conjunto das duas ilhas, é de cerca de 1001km<sup>2</sup>, sendo São Tomé e Príncipe o segundo país mais pequeno de África. O arquipélago é de origem vulcânica, sendo a sua topografia maioritariamente de carácter montanhoso. O seu ponto mais alto é a montanha do Pico, na ilha de São Tomé, com cerca de 2024m de altitude, é também importante referenciar o pico Cão Grande, uma elevação vulcânica com cerca de 300m de altitude, situada a sul da ilha.

As suas principais cidades são: a cidade de São Tomé na ilha de São Tomé, e a cidade de Santo António situada na ilha do Príncipe. O seu desenvolvimento ficou particularmente associado à exploração agrícola, nomeadamente do açúcar, café e cacau.

O seu clima é tipo equatorial-oceânico, quente e húmido. Este pode ser dividido em duas épocas distintas: a época das chuvas que decorre entre Outubro e meados de Maio e a época seca, entre Junho e Setembro. Apesar desta variação as temperaturas são mais ou menos constantes, andando sempre entre os 20°C e os 35°C.

##### 1.1.2 - O POVO DE SÃO TOMÉ – VIAGEM A SÃO TOMÉ

Para este projeto final de mestrado, de forma a conhecer melhor o lugar a intervir e as pessoas que o habitam, decidiu-se viajar diretamente a São Tomé, na procura de um conhecimento mais completo.

Ao visitar São Tomé, algo de que nos apercebemos logo é o seu sentido de comunidade, património tangível que deve ser preservado e reforçado. Seja pelo seu isolamento e pelo facto de se tratar de uma ilha, São Tomé é um país que se assemelha à vivência de uma aldeia. Expressões como “Todos se conhecem” ou “Aqui, somos todos primos”, quase podiam ser interpretadas literalmente. A ligação entre as diferentes partes da população é notória. Tal fenómeno reflete-se na sua segurança e baixa criminalidade, sendo dos países africanos mais seguros<sup>1</sup>.

Sendo um povo bastante acolhedor, além da hospitalidade que lhes é própria, reconhecem a importância do turismo, procurando por isso inserir quem vem de fora, na sua comunidade. Ainda

---

<sup>1</sup> Segundo a empresa britânica especialista em segurança *ControlRisks*

- <https://cdn-prd-com.azureedge.net/-/media/corporate/files/riskmap-2018/maps/riskmap-2017-map-regions-africa-a3.pdf?modified=20171207113358>

assim, as potencialidades turísticas de São Tomé, não correspondem ao seu real valor, em grande parte devido à grande degradação da sua cidade.

Existe, no entanto, um sentimento de confiança e interajuda entre os são-tomenses, indicadores da sua relação comunitária e unida, que permite acreditar no seu desenvolvimento e evolução.

Este tipo de consciência sobre o povo de São Tomé, é mais claro ao visitar a ilha. A viagem feita até São Tomé e a possibilidade de experienciar este sentido de comunidade no lugar, conhecendo pessoalmente os são-tomenses, verificou-se essencial para este projeto final de mestrado.

Ao deambular pelos seus mercados, percebemos essa maneira ainda algo tradicional de atuar nas trocas comerciais. Vindos, na sua maioria, dos bairros informais, como o bairro Riboque, nos limites da cidade formal<sup>2</sup>, vemos uma série de comerciantes, que vendem praticamente de tudo, na sua maioria produtos do dia, para subsistência básica. Peixes, frutas, vegetais, entre muitos outros artigos, são normalmente produzidos, vendidos e trocados pelo próprio comerciante. As vendedoras de peixe são normalmente mulheres de pescadores, os vegetais são muitas vezes produzidos numa horta informal na casa de quem os vende, as frutas variadas foram recolhidas das árvores de casa das pessoas e diretamente vendidas. E ainda que na sua maioria, já haja trocas convencionais de dinheiro por produtos, ainda se consegue assistir ao sistema de 'troca por troca' de produtos por outros.

No capítulo II aprofundaremos o povo são-tomense e suas tradições, tão presentes na vivência da cidade.

## 1.2 - CONTEXTO HISTÓRICO - EVOLUÇÃO DA MALHA URBANA

*"A história e a memória são a herança mais profunda de uma sociedade. São Tomé e Príncipe convive diariamente com esta herança, como se da realidade se tratasse. Um país quase parado há mais de trinta anos, em que o abandono, a desilusão e o esquecimento são sentimentos reais de um povo que vive 'preso' a duas pequenas ilhas no equador africano."*<sup>3</sup>

Ao realizar a investigação histórica para este projeto final de mestrado, conclui-se, tal como em grande parte das cidades, que os acontecimentos, seja a nível político, económico e social ao longo da história de uma sociedade, acabam por ter grande influência na sua arquitetura e urbanismo. A evolução de uma cidade, nunca é independente da história da sociedade que a habita.

---

<sup>2</sup> Ao referirmos cidade formal, falamos da cidade urbanisticamente planeada e cidade histórica, de assentamento consolidado, com suas ruas definidas sobre uma malha ortogonal vs a cidade informal, marcada por um assentamento urbano clandestino, sem regra ou planeamento.

<sup>3</sup> ANDRADE, Rodrigo Rebelo de - As Roças de São Tomé e Príncipe, Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007.

*“Por isso as cidades, embora durem séculos, são na realidade grandes acampamentos de vivos e de mortos onde ficam alguns elementos como sinais, símbolos, advertências.”<sup>4</sup>*

Apoiados nesta frase de Aldo Rossi, entendemos como a história vai moldando a própria cidade. Por essa mesma razão, optou-se por fazer o relato histórico da São Tomé em paralelo com a evolução da sua malha urbana.

*“A Cidade, na sua vastidão e na sua beleza, é uma criação nascida de numerosos e diferentes momentos de formação; a unidade destes momentos é a unidade urbana no seu conjunto; a possibilidade de ler a cidade com continuidade reside no seu proeminente carácter formal e espacial. (...)*

*(...) A unidade destas partes é dada fundamentalmente pela História, pela memória que a cidade tem de si mesma.<sup>5</sup>*

### 1.2.1 - A DESCOBERTA DE SÃO TOMÉ

São Tomé e Príncipe eram ilhas desabitadas no oceano Atlântico, sendo assumida a sua descoberta no contexto da expansão marítima portuguesa. Essa descoberta, com a data mais provável, no período entre 1470 e 1472, foi atribuída a Pedro Escobar e João de Santarém<sup>6</sup>.

### 1.2.2 - PRIMEIROS POVOADORES

A chegada dos primeiros colonos é datada por meados de 1485, após a atribuição a João Paiva, sob o regime de capitania. Estes ao desembarcarem na enseada em Água Ambó, na região de Ponta Figo, como forma de agradecimento pela viagem, decidiram marcar o território com uma pequena capela de madeira dedicada a Nossa Senhora do Cabo.<sup>7</sup>

### 1.2.3 - DIFERENTES CAPITANIAS

*“O processo de ocupação e governação de muitas colónias portuguesas no século XV passou pelo denominado regime de capitanias, funcionando como delegações régias de grande espectro de poder administrativo e económico, refletindo-se na ocupação do território a aplicação do corpus teórico da engenharia militar”<sup>8</sup>.*

É dada regência a João de Paiva, com a incumbência de promover o cultivo da cana do açúcar, sendo dados privilégios especiais a quem o acompanhasse no desenvolvimento e povoação da ilha. Sobre esta base deveria iniciar-se o processo de desenvolvimento da ilha, mas os fracos resultados,

---

<sup>4</sup> ROSSI, Aldo “Autobiografia Científica”, 2ª ed. - Gustavo Gil, Barcelona, 1998, p. 48

<sup>5</sup> ROSSI, Aldo, 1977: P.80

<sup>6</sup> NEVES, Carlos Agostinho das, CEIT, Maria Nazaré – História de S.Tomé e Príncipe : (s.n), 2004

<sup>7</sup> , AMBRÓSIO, António. “Subsídios Para a História de São Tomé e Príncipe”, s.l.: Livros Horizon- te, 1984, p. 8, - Atualmente encontra-se em seu lugar, a Igreja de Nossa Senhora das Neves

<sup>8</sup> MORAIS, João; MALHEIRO, Joana; - “São Tomé e Príncipe – As cidades”, 2013, p.64

resultaram na passagem da capitania em 1490 para João Pereira, que também ficará pouco tempo no cargo.

#### 1.2.4 - ÁLVARO DE CAMINHA (1496 – 1499)

A capitania passa para Álvaro de Caminha em 1493, que viria a ser o grande colonizador da ilha. Álvaro de Caminha tinha um grande conhecimento da região, tendo mesmo chegado a formular previamente, um plano urbano de desenvolvimento da cidade.

Álvaro de Caminha terá procurado aprender com a cidade de Lisboa, nomeadamente nas suas medidas de higiene e segurança, tais como o traçado retilíneo para facilitar a circulação, o estabelecimento de larguras mínimas de rua, o evitar de recantos perigosos, entre outros<sup>9</sup>.

É por volta desta altura, que a população ainda no local de desembarque, portanto Água Ambó, inicia a sua busca por um outro local mais apropriado.

Dentro do contexto das necessidades da expansão marítima portuguesa, os critérios de escolha para a cidade passavam primeiramente pela proximidade com o mar e a um local propício à construção de um porto. Baías abrigadas, mas com boa exposição solar, que permitissem instalar bons pontos militares para a sua defesa, com proximidade de cursos de água potável, com terrenos cultiváveis, estavam entre alguns dos critérios, para a implantação da nova cidade.

O que melhor correspondeu a esses critérios, foi a Baía Ana Chaves, mais concretamente junto ao Rio Água Grande, fonte de água potável, começando então os primeiros assentamentos da ainda embrionária, cidade de São Tomé. Nela estaria a base da sustentabilidade da ilha, tendo em conta as rotas comerciais que aí se cruzariam

As condições climáticas e naturais, tais como a temperatura, humidade e solo, permitiam ver em São Tomé grandes potencialidades económicas. Numa primeira fase através da exploração e comércio da cana de açúcar, São Tomé foi prosperando, permitindo assim o seu desenvolvimento urbano.

A povoação da mesma, foi, no entanto, problemática. Começou inicialmente por apostar na introdução de marginalizados da sociedade portuguesa como judeus e degredados<sup>10</sup>. Mas o isolamento, a insalubridade, a propagação de doenças, levavam a uma taxa de mortalidade elevada, dificultando o crescimento da população. Com forma de contornar essa dificuldade, por ordem régia de D. Manuel I, cada colono deveria tomar uma das suas escravas com o propósito de ter filhos.

---

<sup>9</sup> Extrai-se esta ideia pelo pedido do Rei, nesse mesmo ano de 1493, do *Regimento e Ordenações da cidade de Lisboa*, para que fosse fornecido a Álvaro de Caminha.

<sup>10</sup> O termo "*degredado*", etimologicamente, vem do Latim *decretum*, sendo um termo tradicional legal português usado para se referir a qualquer um que estava sujeito a restrições legais ao seu movimento, fala ou de trabalho. Exílio é uma das várias formas de pena legal. Mas com o desenvolvimento do sistema português de transporte penal, o termo degredado tornou-se sinónimo de um condenado ao exílio, em si referido como degredo.

Álvaro de Caminho deu então início a uma série de construções, dos quais se destacam o mosteiro de São Francisco<sup>11</sup>, a Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Ave-Maria e a Torre do Capitão. Este conjunto é considerado a primeira estrutura dita urbana de São Tomé, sendo edifícios em volta dos quais se desenvolveu o resto da cidade.

Da ligação deste primeiro conjunto urbano com o porto, define-se o eixo principal da cidade, a Rua Direita. O princípio utilizado seria replicado no desenvolvimento urbano do resto da ilha, sendo um modelo comum nas cidades portuguesas.

Correndo paralelamente à linha do mar, esta ligava o núcleo comercial, marcado pelo porto, uma alfandega<sup>12</sup> e armazéns de açúcar, com o núcleo religioso/institucional, marcado pela torre do Capitão e a Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Ave-Maria<sup>13</sup>. Os respetivos serviços iam acompanhando o crescimento desta Rua. Com o desenvolvimento provocado pela prosperidade do negócio de açúcar e tráfico de escravos, observa-se um exponencial crescimento da cidade, tal como a área habitacional que se desenvolve à sua volta com cerca de 250 fogos. Deste eixo urbano, surgem uma série de ruas paralelas e perpendiculares, formando-se os primeiros quarteirões, dando posteriormente, forma a um primeiro desenho da malha urbana da cidade. Esta primeira estrutura urbana pode ser considerada, como a que define o primeiro momento principal do desenvolvimento urbano em São Tomé.

*“A torre e as igrejas, bem como o caminho que as ligava, assumiram-se como elementos primários do assentamento urbano: enquanto a estrutura edificada da torre teve um papel agregador da edificação, o caminho constituiu um elemento estruturante que progressivamente foi ocupado por um edificado, em correnteza, de armazéns e de habitações efémeras, que adquiriram o primeiro estatuto urbano”<sup>14</sup>.*

Ainda neste período, junto à igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Ave-Maria, terá existido também um mosteiro dos Religiosos de Santo Elói<sup>15</sup>, que muitas vezes ali se hospedavam na passagem para o Congo, tendo este mesmo mosteiro dado nome ao bairro onde se inseria.

### 1.2.5 - FERNÃO DE MELO (1499 – 1522)

Sem herdeiros diretos de Álvaro de Caminha, a 11 de dezembro de 1499, a Capitania é passada para Fernão de Melo. Este ficaria com todos os privilégios e deveres do seu antecessor e ainda

---

<sup>11</sup> A Igreja e Mosteiro de São Francisco, não se sabe a localização exata, mas presume-se que terá sido próxima dos restantes elementos urbanos e presume-se que este terá sido depois destruído, mas sabemos da sua existência através de Valentim Fernandes: *“E assim mandou o rei, pedra, cal, tijolo e telha para fazer as igrejas, e ornamentos, clérigos e frades. Fez o dito capitão na dita ilha duas igrejas, uma de São Francisco que é mosteiro sem frades.”*

<sup>12</sup> Esta alfandega, deverá ter sido uma estrutura simples de madeira, visto o edifício, propriamente dito só terá sido construído durante a Capitania de Fernão de Melo.

<sup>13</sup> Situada próxima da zona da atual Sé, Igreja de Nossa Senhora da Graça.

<sup>14</sup> MORAIS, João Sousa, MALHEIRO, Joana – *“São Tomé e Príncipe – As cidades, Património Arquitetónico”*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013. p.74

<sup>15</sup> Segundo o historiador Raimundo Cunha Matos, que terá vivido em São Tomé : *“Ha noticia que existiam aqui alguns missionarios eremitas de Santo Agostinho, ou conegos de S.Eloy; e ignora-se se os primeiros fundadores da casa que ao depois deu o nome de Mosteiro a um dos bairros da cidade”* in *“Corografia histórica das Ilhas de S. Tomé e Príncipe”*, Ano Bom e Fernando Pó. Lisboa, 1916;

beneficiária das rendas e direitos de alcaide-mor<sup>16</sup>. Como incumbência do rei, ficou ainda a construção uma fortaleza na ilha.

O início da capitania, foi marcado por um grande incêndio em 1501<sup>17</sup>. O incêndio destruiu grande parte das edificações, por serem de madeira. A igreja de N<sup>a</sup>. S.<sup>a</sup> da Ave-Maria terá sido praticamente destruída e sobre os seus alicerces<sup>18</sup>, terá sido mais tarde, contruída uma capela.

Podemos presumir a destruição da Igreja N<sup>a</sup>. S.<sup>a</sup> da Ave-Maria, pela sua perda de relevância nos artigos históricos e crescente importância da Igreja de N<sup>a</sup>. S.<sup>a</sup> da Graça<sup>19</sup>, que mais tarde se tornaria a Sé patriarcal, com data provável da construção neste período.

Também nesta altura, no início do ano de 1517, observa-se um série de conflitos e motins, por parte dos mulatos e dos escravos<sup>20</sup> que viriam a perturbar a paz e a criar destruição na cidade.

Apesar destes infortúnios, São Tomé continuará a experienciar um rápido crescimento da povoação, fruto do continuo crescimento comercial. Dá-se logo, a expansão da cidade, marcada pela construção de uma série de edifícios singulares, tais como a Prisão, a Curadoria, a Câmara, entre outros. Estes são dispostos em função do crescimento da rua Direita, que expande os seus limites e se prolonga em direção à nova igreja da Conceição, que dará o nome à freguesia.

A Igreja de N<sup>a</sup>. S.<sup>a</sup> da Conceição<sup>21</sup>, presume-se que terá iniciado a sua construção em 1495, portanto ainda durante a administração de Álvaro de Caminha, mas a sua conclusão, ainda que com data incerta, só terá ocorrido no final do século XVI.

Esta, ao contrário das anteriores, encontra-se mais colocada no interior e não tão próxima do mar. Ainda que a sua relação com o mar continue a existir, tal como a maior parte dos edifícios de São Tomé, esta demonstra também o início de uma vontade de expandir os limites da cidade para o interior da ilha.

---

<sup>16</sup> Um alcaide era o magistrado, de origem nobre, nomeado pelo rei, que desempenhava funções militares numa cidade ou vila sede de município, residindo como tal no castelo da mesma. Funcionava como representante do Rei

<sup>17</sup> Esta data é referida por Manuel de Rosário Pinto in *“Relação do Descobrimento da Ilha de São Tomé”*; «Coleção de estudos e Documentos», Lisboa: Centro de História de Além-Mar, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, p.58. Note-se que o historiador Raimundo Cunha Matos, já aqui referido, terá, no entanto, datado o incêndio entre 1510 e 1512, não sendo por isso certa a sua data.

<sup>18</sup> Terá sido construída no princípio do século XIX e com devoção a São Tomé e N.S. Ave maria. Os alicerces desta igreja e a sua relação histórica, terão sido descobertos, em 1950, devido a escavações para o prolongamento da Avenida da Independência. Também foram descobertos nesse momento, uma série de túmulos, entre eles o de Álvaro de Caminha.

<sup>19</sup> A Sé original, presume-se ter sido, tal como a maior parte das igrejas da ilha, em madeira. Terá sido posteriormente substituída por uma nova Sé, construída em alvenaria, iniciada no ano de 1576 e terminada por volta do ano 1578: *“Sepultado na Sé Velha de Nossa Senhora da Graça, trasladaram-se os seus ossos para a nova Sé, onde está sua sepultura na capela-mor”*

<sup>20</sup> Apuramos esse facto, pela descrição de Raimundo Cunha Matos: *“Os mulatos e os pretos escravos das fazendas de uns fulanos Lubatos, imensamente ricos, amotinaram-se e cometeram (ajudados de outros) grandes destruições”* in MATOS, 1916, p.9)

<sup>21</sup> Encontra-se atualmente, na proximidade do maior bairro informal de São Tomé, o bairro Riboque, assumindo os seus espaços públicos um carácter mercantil, em grande medida devido a sua proximidade com os três principais mercados de São Tomé.

A Igreja da Conceição, encontrava-se urbanisticamente delimitada por duas grandes vias, a Avenida da Conceição e Avenida 12 de Junho, encontrando-se atualmente no centro da maior concentração social, provocada pela existência de uma série de mercados à sua volta e também o maior bairro informal da cidade, o Bairro Riboque. Aqui denotamos não só o papel desta igreja como elemento de expansão dos limites da cidade e motor do desenvolvimento urbano, mas também como elemento agregador da população.

Durante a capitania de Fernão de Melo, chegaram também, uma série de missionários, pertencentes a ordem dos Ermitas de Santo Agostinho, sendo estes fundadores da Misericórdia em 1504. Estes deram início à construção de uma igreja e respetivo Hospital da Misericórdia<sup>22</sup>, junto a zona da Sé. A estrutura inicial da Rua direita mantem-se, ligando o núcleo institucional/Religioso, que ganha complexidade e importância com a construção da Misericórdia e da Sé, ao Porto, também ele mais complexo e rico, com a adição do edifício da Feitoria, Câmara, ente outros.

Dá se inicio neste momento, à segunda fase de desenvolvimento, a Rua direita continua também o seu crescimento, expandindo-se até à igreja da Conceição, que nesta altura define o limite derradeiro da cidade.

A cidade continua a crescer para zona do outro lado do rio Água grande, fazendo o desenvolvimento para poente, estabelecendo-se próxima da igreja da Conceição, uma zona de carácter mercantil. Com o aumento da exportação e a intensa atividade comercial, era necessária construção de uma Alfândega, próxima do porto. Embora não seja possível conhecer a data de construção da Alfândega<sup>23</sup>, é provável que já existisse nos finais do século XVI.

Começam também a surgir os primeiros espaços públicos. Estes surgem inicialmente, sob a forma de terreiros, sendo no caso de São Tomé, normalmente associados aos edifícios religiosos. Surgem como extensões dos adros das igrejas, onde as pessoas se juntam, tendo muitos deles persistido até aos dias de hoje.

São disso exemplo o terreiro da Misericórdia, que se transformou num amplo jardim por volta do século XIX, situado em frente ao atual Tribunal; o terreiro em frente à Sé e à já inexistente Torre do Capitão, que assumiu desde logo um carácter representativo do poder, onde naturalmente veio mais tarde a ser construído o Palácio da Presidência; o terreiro em frente a igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição, que veio assumir um carácter mercantil e zona de mercado, devido sua proximidade com zonas comerciais; a atual praça da independência terá sido fruto da transformação de um antigo terreiro junto à Alfândega.

### 1.2.6 - FORAL AO POVO DE SÃO TOMÉ (1522 – 1580)

Apesar de um bom período de prosperidade e desenvolvimento, São Tomé no século XVII é marcada por uma série de conflitos político-administrativos. A propagação doenças e insalubridade,

---

<sup>22</sup> A igreja e o hospital foram mandados construir pelo Rei D. Manuel, tendo sido construídos num dos melhores terrenos da povoação, junto da Torre do capitão e da Igreja Matriz, constituindo com estes o núcleo religioso civil e um dos dois polos principais desta fase do desenvolvimento urbano. Com o passar do tempo a sua função terá desaparecido e no seu atualmente funciona o Tribunal de São Tomé, que dá para a Praça da Revolução

<sup>23</sup> A primeira referência desenhada do edifício da alfândega na planta "*Cidade de S. Thomé (ilha de S. Thomé)*" de Bernardo Pereira Garcêz, em 1889

já referidas anteriormente, levaram ao falecimento ou desistência de muitos governantes, levando a um clima de alguma instabilidade governativa e ao profundo declínio da ilha.

Surge, no entanto, um crescimento de igrejas pelo centro da cidade e periferia, criando uma nova rede de crescimento urbano, em primeira instância de forma a ligar os diferentes edifícios religiosos, mas posteriormente a servir como alicerce para o desenvolvimento da cidade.

Constrói-se a igreja de São João Baptista<sup>24</sup> junto à costa para poente, a igreja de Santo António<sup>25</sup> e igreja Madre Deus<sup>26</sup> para o interior da ilha, para oeste e sul da cidade. É importante referir, neste período, a criação da diocese de São Tomé, no dia 31 de janeiro de 1533. Consequentemente ocorre a elevação da igreja de N.ª S.ª da Graça a Sé catedral em 1534. Terá nesta altura, sido construída a Ermida de São Sebastião<sup>27</sup> e a Fortaleza<sup>28</sup>. A ermida, no entanto, desapareceria na primeira metade do século XVIII. A construção da Ermida e Fortaleza, correspondem a mais um expandir dos limites urbanos da cidade, neste caso para Este. Tal como em processos anteriores de desenvolvimento urbano, a criação desses elementos de exceção, levou ao prolongamento da Rua Direita e consequente crescimento de novas habitações ao longo da mesma. A necessidade de uma fortaleza, surge como resposta aos, cada vez mais crescentes, ataques de corsários holandeses e franceses, tema mais aprofundado no ponto seguinte.

No desenvolvimento urbano, o papel da Igreja foi determinante. As igrejas constituíram alguns dos edifícios predominantes nas primeiras fases de assentamento. Na planta seguinte, conseguimos melhor entender como os edifícios religiosos ao longo do tempo (elementos maiores a vermelho), especialmente para interior da ilha, funcionaram como pontos de expansão dos limites da cidade. As igrejas, localizadas em pontos estratégicos, funcionaram como “elementos primários<sup>29</sup>” para a construção da malha urbana. As ruas principais, nascem dessas mesmas igrejas e depois vão ligar à cidade junto à costa. Estas ruas, eram posteriormente em fileira, ocupadas pelo resto do edificado, nomeadamente habitações, armazéns de açúcar, entre outros.

---

<sup>24</sup> Nota: No livro de João Morais, *“A igreja de São João Baptista foi construída junto à estrada para N.ª S.ª das Neves, a alguma distância da cidade, para oeste. O local de construção centra-se na bifurcação da estrada, com desvio para a fazenda dos fundadores da igreja – Ana de Chaves e seu marido, Gonçalo Gomes – que ficava no lugar onde hoje está construído o hospital. Segundo um relato do século XIX, a igreja – hoje inexistente - tinha três altares e na capela-mor existia um túmulo de pedra com uma inscrição a declarar que ali estava sepultado o casal”*, esta igreja atualmente ainda existe, mas é uma casa de fãs do Sporting.

<sup>25</sup> “A Igreja de Santo António foi construída antes de 1568, em alvenaria, tinha quatro altares muito bem ornamentados e várias imagens que saíam em procissão. Em 1685 foi doada aos Capuchinhos Italianos, que junto a ela construíram um hospício. Esta igreja marcou um novo limite, para sul, com uma considerável expansão da cidade” - MORAIS, João; MALHEIRO, Joana; - *“São Tomé e Príncipe” – As Cidades*, 2013, p.96

<sup>26</sup> “(...) Tendo ela falecido em 29 de dezembro de 1562, terá sido construída antes dessa data” - MORAIS, João; MALHEIRO, Joana; - *“São Tomé e Príncipe – As Cidades”*, 2013, p.96

<sup>27</sup> A sua localização é percebida através da cartografia de 1644 e de 1647, na qual percebemos que se encontrava perto da atual localização do Forte de S. Sebastião.

<sup>28</sup> Edifícios independentes nesta altura, mais tarde seria contruída uma capela dentro da fortaleza.

<sup>29</sup> Aqui utilizamos o termo de Aldo Rossi, que o define da seguinte forma: “(...) conjuntos de elementos determinados que funcionaram como núcleos de agregação. (...) indicámo-las como elementos primários, visto que participam da evolução da cidade no tempo de modo permanente, identificando-se frequentemente com os factos constituintes da cidade.” - ROSSI, Aldo: - *“A Arquitectura da Cidade”*. Ed. Cosmos, Lisboa, 1977, p.109



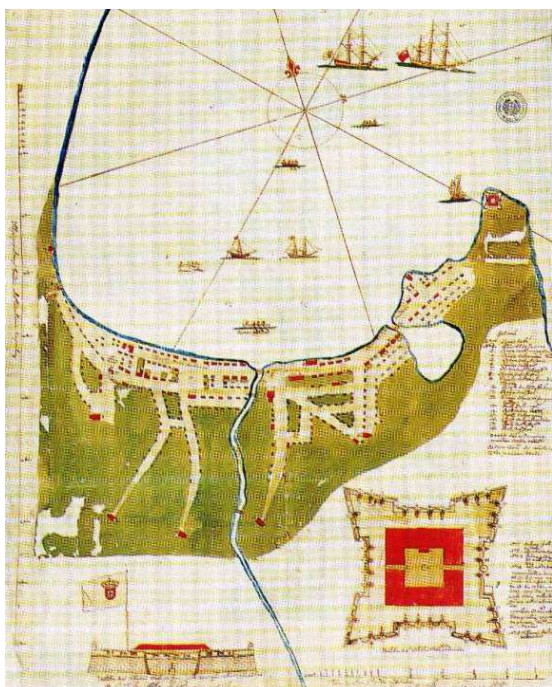


Figura 01: Planta da Baía Ana Chaves, compreendendo a planta da cidade de S. Tomé e a perspectiva e planta da fortaleza de S. Sebastião - 1788 -1796 por João Rozendo Tavares Leote – 440 x 670 mm; in A.H.U., c. m, nº176

### 1.2.7 - O CICLO DO AÇÚCAR E OS INVASORES HOLANDESES (1580-1650)

Este período é iniciado, tal como anteriormente, por um grande incêndio. Este, no entanto, é de causa accidental<sup>30</sup>. Após este período de alguma instabilidade interna, deu-se no ano de 1598, a invasão de uma armada holandesa, levando a fuga e migração da maior parte dos habitantes são-tomenses para zonas mais interiores da ilha. No entanto, tal como sucedera como muitos governantes de São Tomé, centenas de soldados invasores fustigados pelas condições de insalubridade da ilha, acabariam por morrer, levando por isso ao abandono da ilha três meses depois. A passagem dos holandeses por São Tomé, teve um grande impacto. Em 1601 a cidade encontrava-se em ruínas, tendo mesmo, e 1610, o governador em regência D. Francisco Telo de Meneses pedido transferência para a ponta de Cabo Verde<sup>31</sup>, tal era o estado de degradação da cidade. Para esta transferência da cidade, o governador, solicitava ao Rei, um arquiteto que pudesse desenvolver um novo projeto urbano.

Dá-se assim início a um novo panorama urbano. Sobre as ruínas da antiga cidade, surge a oportunidade de novos desenvolvimentos urbanos.

Para assegurar a defesa da cidade, retirada em definitivo dos invasores holandeses, assim como prevenir futuros ataques, dá-se início a duas novas construções militares: O forte de São Jerónimo<sup>32</sup> e o Forte do Picão de Nossa Senhora da Graça<sup>33</sup>, fora do tecido urbano, promovendo, tal como os edifícios religiosos, com já referenciado anteriormente, o crescimento urbano. Não havendo dados

<sup>30</sup> Cunha Matos refere-se a este incidente no seu Compêndio: *“No ano de 1585 foi a cidade reduzida a cinzas acidentalmente, e então se consumiram os cartórios e arquivos públicos da Capitania”*

<sup>31</sup> Zona da ilha de São Tomé, não confundir com o Arquipélago de Cabo Verde

<sup>32</sup> Segundo Joaquim Lopes de Lima (Lima, 1844), o forte de S. Jerónimo terá sido construído em 1613/1614, por Filipe I e posteriormente restaurado 1801, por causa das guerras napoleónicas.

<sup>33</sup> Terá sido construído em meados do século XVII.

concretos sobre o sucedido, atualmente o forte de São Jerónimo encontra-se em ruínas e o forte do Picão desapareceu por completo, pelo que se presume que não tenha chegado a ser concluído.

Este crescimento urbano, é novamente alicerçado no papel fundamental da Igreja. Surgem uma série de novos templos, tais como a igreja de Santiago<sup>34</sup>, a N<sup>a</sup> Senhora do Bom Despacho<sup>35</sup> e a Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos<sup>36</sup>.

#### 1.2.8 - COMÉRCIO DE ESCRAVOS (1650 – 1753)

Com o decréscimo do valor de mercado do açúcar são-tomense face ao brasileiro, que possuía uma qualidade superior e consequente preço mais elevado, verifica-se uma forte emigração dos comerciantes para o Brasil. Ainda a recuperar dos ataques holandeses, adicionando a taxa de emigração, São Tomé entra num período de decadência económica, demográfica e política. Face a queda do mercado do açúcar, a maior parte dos comerciantes começa a dedicar-se em exclusivo ao comércio de escravos. Estes são enviados para o Brasil, para trabalharem nas grandes plantações. As fazendas e engenhos de açúcar, são abandonados.

Dá-se também por esta altura a chegada dos Capuchinhos Italianos e dos Agostinhos Descalços.

Os Capuchinhos Italianos fundam, em 1684, o Hospício de Santo António, junto à igreja com o mesmo nome, da qual tinham ficado encarregues. Os Agostinhos Descalços em 1691, constroem a sua casa e mais tarde, em 1694, um outro hospício, o Hospício da Ordem de Santo Agostinho, junto à igreja de São Tiago, que lhes tinha sido doada.

Outro edifício religioso relevante é a capela de São Miguel Arcanjo<sup>37</sup>, no início da estrada que separava os pântanos de São Sebastião e de São Miguel.

Apesar da construção de novos edifícios militares, como os referidos anteriormente, continuam as invasões no arquipélago. Corsários franceses desembarcam em 1709, em São Tomé, tendo pilhado e destruído várias ruas e edifícios nobres, voltando a cidade a um estado de degradação considerável. Entre os edifícios, estava a igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição, a igreja de Santo António, N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário e São Tiago.

Tendo ficado em ruínas, a igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição é reedificada no ano de 1719, mas o estado de degradação das igrejas em São Tomé é ainda evidente no ano de 1735.

Deve ser referido também a construção do forte de São José, em 1756, no extremo poente oposto na baía, ao forte de São Sebastião. Estaria implantado no braço poente da Baía Ana Chaves, também denominado de ponta de São José. Junto a este forte, neste período, terá sido construído o Hospital<sup>38</sup>, onde apesar de não ser possível datar a sua construção, este já aparece desenhado e consolidado na planta de Bernardo Pereira Garcêz, em 1889, já referida anteriormente.

---

<sup>34</sup> A igreja de Santiago, foi construída em alvenaria, antes de 1617. A sua localização era próxima da igreja da Conceição, encontrando-se, no entanto, mais a norte desta. Em 1695 foi doada aos Agostinhos Descalços.

<sup>35</sup> Fundada por volta de 1617.

<sup>36</sup> Informação que nos é dada por: *“A Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos: é de alvenaria, mediana grandeza, e foi construída no princípio do século XVII (...)”* (Ambrósio, 1984, p.174)

<sup>37</sup> Construída provavelmente no século XVII, e depois sofre reforma em 1786.

<sup>38</sup> Atualmente é o Hospital Ayres de Menezes

Apesar de não serem conhecidos grandes desenvolvimentos urbanos de encontro a este ponto fora do tecido urbano, pode-se formular a hipótese, que seguindo a sua estratégia urbana até então, seria de prever um crescimento da cidade e da Rua direita até ao forte de São José. Atualmente o forte encontra-se praticamente destruído, mas a ocupação urbana do território, ainda que algo desordenada, ocorreu com o passar do tempo. Tal facto, é provavelmente devido à presença do hospital, que pela sua importância atuou como fixador da população.

Os anos seguintes foram então marcados por grande inconstância e decadência. O comércio de escravos também sofreu um forte revés, com a interdição do comércio de escravos no princípio de 1800. A população desceu drasticamente, com a emigração de muitos escravos agora livres.

### **1.2.9 - CAPITAL PASSA PARA SANTO ANTÓNIO DO PRÍNCIPE (1753 – 1852)**

Este período é marcado pela passagem do estatuto de capital, de São Tomé para Santo António do Príncipe. Tal facto ficou a dever-se ao constante conflito e infortúnio de São Tomé, que num estado de grande degradação e estagnação assiste à sua perda de importância.

Apesar da mudança, as condições de insalubridade da cidade, tais como os inúmeros conflitos políticos na ilha, vieram a ditar o regresso da capital a São Tomé.

Como o território urbano onde vai incidir este projeto final de mestrado é sobre São Tomé, optou-se por apenas contextualizar esta mudança no paradigma político e não aprofundar o desenvolvimento urbano no Príncipe.

### **1.2.10 - CICLO DO CAFÉ E DO CACAU (1852 – 1950)**

Com a quebra no tráfico de escravos, este momento é marcado por um novo desenvolvimento na economia são-tomense, fruto da implementação e crescimento do cultivo do Café e Cacau.

A nível político esta mudança também se fez sentir, nomeadamente em dois grandes ciclos políticos, com repercussões urbanas. O primeiro ciclo político, irá abranger o denominado de período da Regeneração, que decorrer de 1851 a 1868, terá uma forte influência de Fontes Pereira de Melo no desenvolvimento da cidade. De seguida, segue-se o período do Fontismo (1868-1887) influenciado pelo marquês de Sá da Bandeira, que implementou uma série de novas infraestruturas e equipamentos.

Com a morte de Rei D. Carlos I em 1908, e implantação da República em 1910, a instabilidade política em Portugal, dá início ao segundo ciclo político, pois São Tomé acaba assim por perder a sua relação administrativa com a Metrópole, permitindo assim maior independência comercial dos administradores das Roças.

O impacto das roças do desenvolvimento da cidade foi notório, pois esta pode beneficiar do grande movimento de importações e exportações. Estas, em determinado momento, passaram a ter os seus próprios portos, evitando assim o porto da cidade, no entanto, manteve-se uma grande

afluência de pessoas à cidade, pois era sempre necessário comprar elementos básicos. Este fenómeno despoletou o crescimento desordenado de habitações precárias, dos trabalhadores dependentes das roças, levando ao crescimento da cidade informal<sup>39</sup>. Para ligar essas mesmas dependências às roças, uma rede de caminhos de ferro, é projetada por Francisco Mantero, em 1890.

Apesar de todo o desenvolvimento demográfico e económico de São Tomé, o estado da cidade mantinha-se degradado e a piorar com a passagem do tempo. No entanto, deve-se destacar a construção do Teatro cultural, a Biblioteca Nacional e a zona portuária, nas décadas de 40 e 50. Foram feitos também importantes restauros, nomeadamente na Igreja da Conceição, no Hospital Central e no Palácio do Governo.

### 1.2.11 - INICIO DO ESTADO NOVO

O Estado Novo, de forma a promover o orgulho nacional, viu nas suas colónias a forma de relembrar a história gloriosa dos portugueses. O espírito nacional também ficou marcado, na arquitetura, do qual é expressão disso o movimento “Português Suave”, marcada pela padronização dos edifícios públicos e uniformização da estrutura urbana.

É criado no ano de 1944, para fazer face às ideias de desenvolvimento das colónias portuguesas, o Gabinete de urbanização Colonial (GUC). Surge então, a oportunidade de novo desenvolvimento de São Tomé. Gozando nesse período, de uma maior estabilidade económica e política, é solicitado ao GUC, um plano geral de desenvolvimento urbano.

Em 1951, é apresentado o plano de João António de Aguiar.

No seu plano, a cidade continuaria a desenvolver-se ao longo da Baía Ana Chaves, propondo a criação de uma série de bairros residenciais, marcados por longas avenidas, que ligariam grandes equipamentos públicos. O plano procurava reestruturar a zona histórica da cidade, melhorando os equipamentos e espaços públicos existentes, tal como desenvolver as zonas de expansão da cidade.

Aguiar sofreu, no entanto, algumas críticas, por alegadamente o seu plano, ter pouco em consideração o universo pré-existente. Por essas mesmas razões, o seu plano acabou por não ser concretizado.

Surge posteriormente, o Arquiteto Mário de Oliveira, que se tornaria a figura central no desenvolvimento urbano de São Tomé. Esta parte do plano de Aguiar, mas abandona o seu traçado. Procede a uma série de inquéritos à população local, de forma a criar um antepiano de urbanização adequado a São Tomé.

Este seria o plano que acabaria por ser implementado, surgindo uma série de edifícios notáveis, tais como o Arquivo Histórico Nacional, a Embaixada do Brasil, a Escola técnica Silva e Cunha<sup>40</sup> e a Estação Rádio Nacional de Schiappa de Campos.

---

<sup>39</sup> Distingue-se aqui a chamada cidade informal, que corresponde ao assentamento sem grande critério, urbano do edificado correspondente à população mais pobre. Cidade formal, corresponde neste caso concreto, à cidade histórica, portanto cidade com uma estrutura urbana, planeada e disposta com base em critérios claros.

<sup>40</sup> Liceu Nacional

### 1.2.12 - CONCLUSÃO DO DESENVOLVIMENTO URBANO

Pretendemos demonstrar em paralelo como foi a evolução da malha urbana com a história de São Tomé, mas é pertinente no fim deste exercício, desenvolver uma síntese dessa mesma evolução urbana, que como foi sendo referido anteriormente se resume em três grandes momentos de desenvolvimento urbano:

Um primeiro momento, que é marcada principalmente pela procura do melhor local para fundar a cidade de São Tomé. Após essa busca e satisfeitas as necessidades que cidade iria ter, constroem-se os primeiros edifícios, através dos quais se estabelecem dois polos distintos. Um de carácter civil/militar e religioso e outro polo de carácter comercial/portuário. A união desses polos, estabelece o eixo principal da cidade, que terá o nome de Rua Direita, à volta do qual a se vai desenvolver o restante tecido urbano, estabelecendo-se assim o que se pode considerar uma estrutura urbana inicial, uma Povoação.

O segundo momento urbano, é marcado pelos mesmos princípios, na medida em que se dá uma extensão da Rua direita, em ordem a ligar os novos edifícios notáveis à cidade. Notamos um crescimento para nascente, ligando a cidade de São Tomé ao Forte de São Sebastião, portanto um polo de carácter militar e um crescimento para poente para ligar um novo limite da cidade, estabelecido pela Igreja de São João, de carácter religioso. Posteriormente a malha da cidade também se começa a alterar, começando a surgir uma serie de ruas paralelas e perpendiculares transversais (travessas), em relação à rua Direita. Nesta malha urbana, à semelhança de outras cidades marítimas, os lotes urbanos são paralelos uns aos outros, ocupando a totalidade do quarteirão, assumindo a forma de um retângulo alongado. Numa fase inicial estes quarteirões, paralelos uns aos outros, tem apenas uma frente de rua, mas como referido anteriormente, com o desenvolvimento de uma malha regular, estes ganham através das ruas transversais e paralelas a Rua Direita, novos acessos pelo seu lado interior, sendo assim totalmente integradas na estrutura da cidade<sup>41</sup>.

O terceiro momento urbano, passa pela consolidação da malha urbana e o crescimento urbano para o interior. Esse crescimento é impulsionado principalmente pela implantação de novos edifícios religiosos, fora do tecido urbano, levando a sua expansão. Igrejas como a Igreja de Santo António, Igreja de Santo Agostinho, Igreja do Rosário, Igreja Madre Deus, entre outras, acabam a definir os novos limites da cidade, sendo os caminhos até estes edifícios, ocupados posteriormente com o edificado. Nesta fase observamos uma malha consolidada que ocupa a totalidade da baixa de São Tomé atualmente. Observamos também uma alteração nos quarteirões, que ao contrário da estrutura anterior onde o lote correspondia à profundidade total do quarteirão, estes ganham uma forma quadrangular onde o lote tem uma única frente virada para rua e estando as traseiras do lote viradas para o interior do quarteirão. Este tipo de desenho é influenciado pelo ideal renascentista, que estava a ser aplicado em Portugal no século XV e XVI.

---

<sup>41</sup> Este tipo de ocupação do Território, é bastante semelhante ao tipo de traçado utilizado na reestruturação de cidades medievais portuguesas de XIII e XIV, demonstrando a influência portuguesa nesta ocupação.

**CAPÍTULO II**  
**TEMA: A IGREJA**

## 2.1 - A IGREJA E SÃO TOMÉ

No capítulo anterior enunciámos a importância dos edifícios religiosos no desenvolvimento urbano de São Tomé. Mas a influência dos mesmos, não se prende apenas na sua exceção física ou urbana em relação ao resto do edificado. A influência das igrejas e do cristianismo em São Tomé e nos são-tomenses, é notória em tantos outros níveis que é importante entendê-la para melhor compreensão do Lugar.

São Tomé é uma ilha descoberta e povoada por Portugueses, sendo então natural que os seus habitantes, fossem eles oriundos de Portugal ou de outras colónias, tenham vindo a herdar e adotar as antigas tradições do catolicismo romano tão presente na história portuguesa.

A descoberta da ilha começou exatamente como uma prática comum do cristianismo, fruto da missão evangelizadora dos povos ao chegarem a um novo lugar. Primeiro procurou-se criar um local, onde o homem se pudesse recolher e falar com Deus, materializado numa pequena capela de madeira, dedicada a Nossa Senhora das Neves, na enseada Água Ambó<sup>42</sup>. A própria nomenclatura do seu território, demonstra essa influência: São Tomé, Sant’Ana, Nossa Senhora das Neves, Trindade, Belém, Santa Cruz, são alguns dos inúmeros nomes de origem cristã em São Tomé.

Atualmente cerca de 112 000 habitantes, ou seja 81% da população, se assume como católica<sup>43</sup>, existindo ainda, no entanto uma série de outras práticas religiosas. Algumas, são derivadas do cristianismo, como a Igreja Adventista de Sétimo dia, a Igreja Maná, assim como outras religiões como o Islamismo e mesmo religiões provenientes da cultura tribal africana, como o animismo, o Curandeirismo, espiritismo e outras espiritualidades pagãs.

As tradições religiosas são-tomenses acabam por incorporar um pouco desta multiculturalidade. Ainda que o discurso predominante seja o católico, este integra muito da cultura africana, seja nas suas músicas, seja nas suas danças e muitas outras formas diferenciadas do modelo europeu de louvar a Deus.<sup>44</sup>

## 2.2 - TRADIÇÕES

---

<sup>42</sup>Já referido no contexto histórico, mas importante salientar, pois trata-se do momento que inicia a história urbana religiosa em São Tomé *“o primeiro grupo de povoadores chegou em 1486 à enseada de Água Ambó, na região de Ponta figo e o acontecimento foi celebrado com a construção de uma capela, em madeira, dedicada a Nossa Senhora do Cabo.”* - MORAIS, João Sousa; MALHEIRO, Joana Bastos; *“SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO – AS CIDADES”*, CALEIDOSCÓPIO, 2013

<sup>43</sup> [http://www.ceastangola.org/dioceses/sao-tome/sao-tome\\_0\\_127.html](http://www.ceastangola.org/dioceses/sao-tome/sao-tome_0_127.html)

<sup>44</sup>Neste ponto é importante referir o discurso do cardeal Francis Arinze, Prefeito da Congregação para o Culto Divino entre 2002 e 2008, em resposta a perguntas sobre dança litúrgica e música secular na Missa, e assim entender um pouco das diferenças: *“(...) é diferente em África e na Ásia. Não que haja uma concessão para eles, mas porque a cultura deles é diferente. Se entregar a um típico africano os dons para serem trazidos no ofertório, e se entregar a um típico europeu os mesmos dons para serem trazidos, mesmo que eles não se vejam, o europeu vai se colocar mais rígido e andará até ao altar. O africano provavelmente terá movimento para esquerda e direita. Não é uma dança. É um movimento gracioso para mostrar alegria e oferta. (...) sabendo que o objetivo, as razões da Missa, as razões são quatro: Adoração, contrição, ação de graças e pedir pelos que precisam. Se os movimentos colaboram para isso, sim”*.

Ao longo do ano existem inúmeras celebrações que unem a realidade religiosa católica e a realidade africana.

### 2.2.1 - FESTAS POPULARES, ROMARIAS E CÍRIOS.

À semelhança de Portugal, São Tomé dá grande importância a celebração dos dias dos seus santos padroeiros, chamadas festas dos santos populares. Como já referido anteriormente, muitas das vilas e terras de São Tomé têm nomes de santos, sendo o dia de celebração desses mesmos santos motivo de festa especial nas localidades. Além da celebração da eucaristia, existe a realização em muitos casos de romarias, onde a imagem do Santo celebrado, faz um percurso, normalmente de uma igreja para outra. Como exemplo disso temos a festa de São Pedro, Padroeiro dos pescadores, celebrada em volta da sua pequena capela, na Baía Ana Chaves, onde depois a sua imagem percorre em procissão toda a avenida marginal. Toda a celebração é vivida no exterior e a própria procissão é acompanhada com canoas todas embelezadas para a celebração.



FIGURA 02 – FESTAS DE SÃO PEDRO– IMAGEM: JORGE TRABULO MARQUES

A vivência do espaço exterior em regime religioso e também na celebração popular, é algo bastante característico na identidade São-tomense. A ligação saudável entre o sagrado e profano faz-se desta forma vivida em comunidade em São Tomé.

<sup>45</sup> Fotografia de Jorge Trábulo Marques - <http://www.odisseiasnosmares.com>





FIGURA 03 – PALCO TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE



FIGURA 04 – ROUPAS TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 05 – ROUPAS TCHILOLI – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

### 2.2.2 - TCHILOLI

Além das normais festividades anuais dos santos católicos padroeiros das várias vilas de São Tomé, estes momentos são também ocasião para os espetáculos nacionais como o *Tchiloli*, um teatro nacional, que corresponde a uma das manifestações culturais mais relevantes.

O *Tchiloli*<sup>46</sup> constitui um excelente exemplo do sincretismo entre as várias realidades de São Tomé, pois resulta da fusão da cultura ocidental/europeia com a cultura Crioula/africana. Este também constitui um bom exemplo do que é estar reunido em comunidade. O palco é normalmente um espaço retangular em terra batida, em volta do qual a comunidade se reúne. Em muitos momentos se funde o teatro com a plateia, participando esta ativamente com comentários e aplausos, revelando a união da comunidade.

O *Tchiloli* assim, consegue fundir uma série de elementos de São Tomé, a música, a dança, a religião, tradição, ocidental e africano, tal como a reunião da comunidade.

<sup>46</sup>O *Tchiloli*, de forma resumida, baseia-se num texto escrito por volta de 1540 por Baltazar Dias, um dramaturgo cego, madeirense da escola de Gil Vicente (1465-1536). O seu drama inspira-se em seis romances castelhanos que, por sua vez, derivam do ciclo carolíngio do século XI. Este teatro medieval conta a história de Dom Carloto, filho e herdeiro do imperador Carlos Magno que assassina o seu melhor amigo, Valdevinos, sobrinho do marquês de Mântua, durante uma caçada, porque se apaixonou por Sibila, a esposa de Valdevinos e as suas consequências.

## 2.3 - RAZÕES QUE JUSTIFICAM A CRIAÇÃO DE UMA NOVA IGREJA.

### 2.3.1 - HISTÓRIA URBANA

Como já foi demonstrado no capítulo da evolução da malha urbana de São Tomé, percebemos que os edifícios religiosos tiveram uma elevada importância. A evolução histórica da cidade de São Tomé resume-se no seguinte, a primeira rua construída de São Tomé, a Rua direita, era nada mais que a ligação entre o porto e a igreja. As ruas seguintes seguiram-lhe a mesma lógica. Construía-se uma igreja, fora dos limites da cidade e posteriormente a cidade crescia até esse novo limite urbano. Desta forma a cidade foi crescendo e expandindo as suas fronteiras. Tal é demonstrado no mapa seguinte, já referido anteriormente:

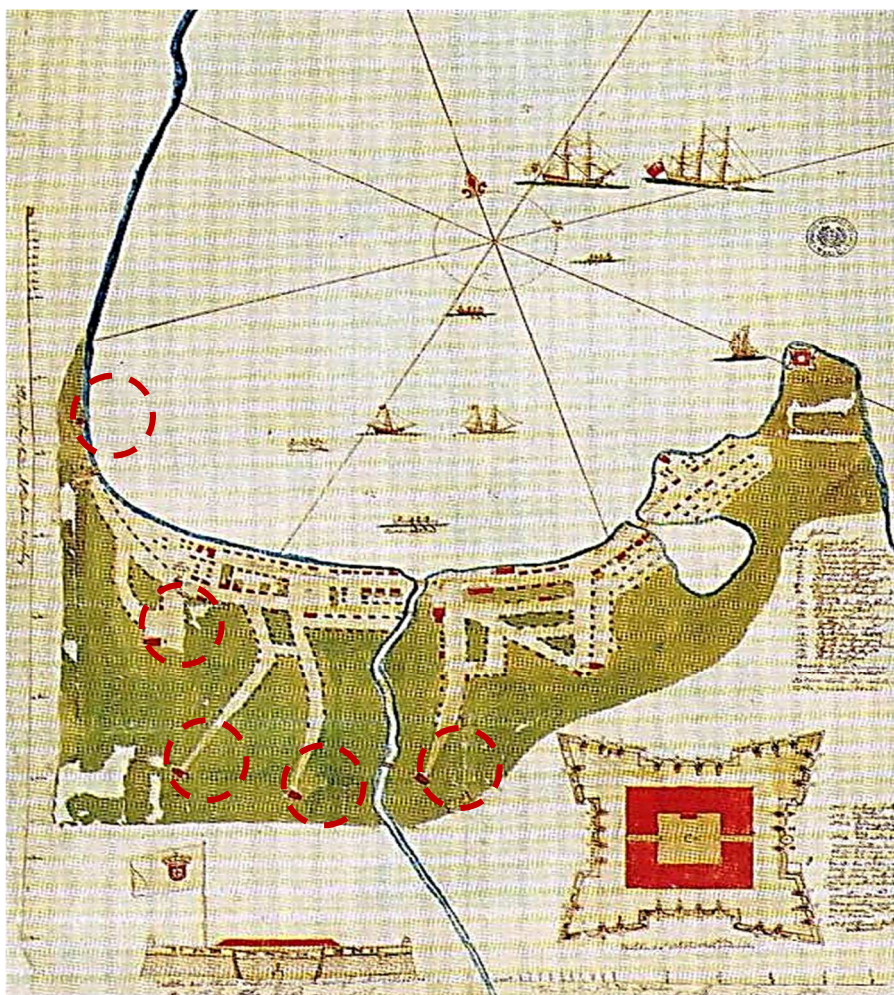


FIGURA 06 (1788 - Autor Anónimo, Planta da baía de Ana Chaves da cidade de São Tomé e da fortaleza de São Sebastião,

Arquivo Histórico Ultramarino. Carta feita durante o governo de João Rozendo Tavares Leote Correia da Silva. Ref. em SILVEIRA, Luis, Ensaio..., pág. 59)

Olhando para a cidade histórica de São Tomé, percebemos que esta cresceu de forma ordenada, com ruas ortogonais até aos limites da igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição. Para o interior da ilha, até

finais do século XVI, os limites da cidade eram estabelecidos pela igreja de Santo António, Madre Deus, entre outras.

A igreja mais a poente da Baía Ana Chaves é a igreja de São João, que se encontra a cerca de 400 metros da capela de São Pedro e bastante perto do Cemitério São João da Vargem. Este constituiu o derradeiro limite poente da cidade até final do século XVI. Ainda que a densidade construtiva seja menor que no centro da cidade, conseguimos identificar uma estrutura urbana residencial, ao longo da marginal que se expande até esta. Existiram mesmo planos urbanos, não realizados, que contemplavam a expansão da cidade tendo em conta estes limites, reforçando a sua importância.

O próprio assentamento informal urbano e a sua distribuição de ruas nesta zona, busca enfiamentos que levem não só à igreja de São João, mas também à capela de São Pedro. Ao longo de toda a ilha estes exemplos são visíveis. As igrejas<sup>47</sup> por toda a ilha funcionaram como verdadeiras “sementes urbanas”, brotando em sua volta as diferentes povoações. Ao percorrer a ilha é bastante evidente, entendemos que chegamos a uma povoação nova quando vemos a sua igreja. Na maior parte dos casos, a própria povoação tem o nome do santo ao qual a igreja é dedicada.

### 2.3.2 - EXTENSÃO DOS LIMITES DA CIDADE

Como já referido no ponto da história urbana de São Tomé, os edifícios religiosos detinham a capacidade de estender os limites da cidade. É certo, que na ponta de São José, já existe assentamento urbano, muito em redor do hospital, ainda que assentamento informal, seja sem grande regra ou critério.

Ao longo da baía, a própria cidade não é homogénea. Identificamos várias zonas distintas, a zona do porto, a zona da cidade histórica, zonas dos mercados, entre outras. A ligação entre as mesmas não é feita da melhor forma.

A espinha dorsal, a referência comum entre os vários espaços urbanos, é a Rua Direita /Avenida Marginal e são as igrejas. As igrejas acabam por ser referenciais da cidade. Quase como "migalhas"<sup>48</sup> que marcam o caminho. A norte da igreja de São João, essa referência não existe de forma clara. O único elemento que nos leva a percorrer a marginal até ao fim é o supermercado CKDO. Uma fraca referência arquitetónica, para o fim ou início de uma marginal com esta beleza. A construção de uma nova igreja, portanto um edifício de referência assinalável.

---

<sup>47</sup> Excluimos aqui as roças pelo facto de serem elas próprias como que pequenas povoações autónomas.

<sup>48</sup> Referência ao conto tradicional de *Hansel e Gretel* dos Irmãos Grimm



### 2.3.3 - PRÉ-EXISTÊNCIAS

#### UMA IGREJA

Algo que reforça a pertinência de construir uma nova igreja na Baía Ana Chaves, é o de restabelecer uma memória perdida na história de São Tomé. Iremos perceber na imagem seguinte, que a ponta de São José, braço norte da Baía Ana Chaves, já terá tido ela própria uma igreja/capela. Edifício que seguindo a lógica de outros edifícios religiosos pela ilha, poderá explicar o desenvolvimento urbano nesta zona, ainda que tal facto possa ser partilhado pela construção do hospital.



FIGURA 08 – MAPA DE SÃO TOMÉ 1655 (AMPIADO) – IMAGEM: Johannes VINGBOONS,



FIGURA 07 – MAPA DE SÃO TOMÉ 1655 – IMAGEM: Johannes VINGBOONS,



49

<sup>49</sup> 1665- VINGBOONS, Johannes, Cidade de São Tomé, pág. atlas GROSSELING, Martine, Land in Zicht, detalhe jpg 162KB, também referenciada a carta inteira "'t eyland St. Thome" Kaart van St. Thomé no Nationaal Archief Beeldbank)

O desenho de um edifício com duas cruzes desenhadas e onde podemos ler as inscrições de “Capel” e “Pater”, identificam de forma clara a existência de uma igreja ou capela neste local.

Ainda que à data a cidade de São Tomé tivesse menos igrejas construídas, o edifício aparece completamente isolado, sugerindo por isso que esta zona deveria ter uma importância espiritual elevada. A recuperação da memória espiritual neste lado da Baía, passaria exatamente por restabelecer e reconstruir uma nova igreja que evocasse este edifício perdido que vemos no mapa.

## UM FORTE

Como já referido no capítulo I, no ponto do desenvolvimento urbano, neste local terá existido o Forte de São José, construído em 1756, que atualmente está completamente destruído. Tal como o forte de São Sebastião no extremo nascente, teria sido em tempos a única referencia arquitetónica no extremo poente da Baía.

Denotamos aqui, nas pré-existências, o tipo de edifícios que promoveram bastante o desenvolvimento da avenida Marginal e do desenvolvimento urbano. Recordamos que numa fase de evolução da cidade, os seus limites eram efetivamente definidos por dois edifícios destas características. O Forte de São Sebastião, de carácter militar, definia o limite nascente e a Igreja de São João, de carácter religioso, definia o limite poente.

### 2.3.4 - ROMARIAS – REFORÇAR E RESTABELECER A MEMÓRIA COLETIVA

Algo evidente em São Tomé, é que a religião constitui um dos principais motores para a reunião da comunidade. Nas inúmeras religiões existentes em São Tomé, ainda que principalmente religiões de matriz cristã, a celebração da fé tem grande importância e devoção. É nelas que assentam as principais tradições que os são-tomenses ainda mantêm.





FIGURA 09 – ROMARIAS EM SÃO TOMÉ – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO

Durante o ano, várias festas, procissões e romarias são realizadas na celebração dos santos ou outros dias litúrgicos importantes. Ainda que na sua construção poderia não existir esse intuito, a proximidade das várias igrejas da Baía Ana Chaves, permite estabelecer um percurso entre as mesmas que poderia dar força às diferentes devoções. Celebrações de fé, sob a forma de um percurso deambulatório entre vários pontos é bastante comum nas celebrações religiosas. Como exemplo disso temos a Via Sacra, as Romarias. A sua escala pode variar imenso, sendo este percurso feito dentro dos limites da igreja ou por vezes na escala de uma aldeia ou povoação.

Em São Tomé temos o exemplo das procissões feitas no mar, em devoção a São Pedro, na qual o percurso é feito por canoas embelezadas pelos locais como referido anteriormente no ponto das tradições.

A Baía de Ana Chaves contém neste momento 6 igrejas: Igreja do Bom Despacho, Igreja do Bom Jesus, Sé Patriarcal, Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição, Capela de São Pedro e Igreja de São João. A criação de uma sétima igreja, além de constituir bíblicamente o número da perfeição, permitiria estabelecer um percurso de Via Sacra, constituída por catorze estações. Começando na ponta sul ou norte da baía, o percurso de ida e volta, permitiria em cada igreja rezar duas estações. Este constituiria não só um momento importante de celebração da fé em comunidade, como permitiria no processo apreciar devidamente a avenida marginal e a sua Baía.

## 2.4 - O QUE É UMA IGREJA

### 2.4.1 – INTRODUÇÃO

Sendo uma parte deste projeto final de mestrado a proposta de uma nova igreja, é importante entender primeiro o que é, e de seguida, os espaços que a compõem.

Foquemo-nos apenas nos seus espaços principais. Apesar da enorme riqueza e diversidade dos espaços de uma igreja, surge a procura pelo essencial de um espaço e da vivência religiosa neste projecto final de mestrado. Procura-se através do exercício de projeto, criar de forma simples um espaço que responda às necessidades espaciais, sociais e espirituais de cada são-tomense. Devido



ao facto da intervenção se localizar em África num país com elevados níveis de pobreza, procura-se sintetizar os recursos necessários sem afetar o discurso arquitetónico pretendido.

#### 2.4.2 - SAGRADO VS RELIGIOSO

Primeiramente, é importante distinguir o conceito de sagrado e religioso. Os elementos sagrados, têm como principal característica o facto de serem consagrados a uma divindade específica, servindo-a. São por isso exclusivos a uma determinada religião, que os determinou com tal, através de um rito específico. Como um pequeno exemplo, os terrenos de cemitérios, são considerados espaços sagrados não pelo facto de terem mais ou menos arquitetura relevante ou pela sua vivência espacial, mas pelo facto da religião professada os consagrar como lugares especiais para a presença de Deus. Na sua essência, o que define o espaço como sagrado, não são as características do seu edifício, a igreja em si, mas antes a celebração comunitária que decorre no seu interior. A Igreja Católica considera 'corpo' que corresponde à comunidade que se reúne para celebrar a Eucaristia como a própria Igreja, fundindo a realidade social e a realidade material (o edifício) na mesma palavra.

No entanto, a atmosfera e a dimensão estética do edifício têm um papel preponderante na 'materialização', através da sua dimensão simbólica e prática, da presença de Deus e de uma vivência mais plena do culto. O culto, ainda que não dependa da arquitetura, encontra nela uma via para se expressar de forma mais plena e mais entendível para o homem. Nela o homem, pode-se recolher totalmente, focando-se na experiência espiritual.

A religião é também um termo importante de referir, na medida em que está intimamente relacionado com a vivência espiritual. Este distintamente do termo sagrado, é algo mais genérico. Por exemplo a arte religiosa, nem sempre é consagrada logo considerada arte Sacra, e por isso este tipo de arte nem sempre é introduzida na liturgia.

#### 2.4.3 - IMPLANTAÇÃO DO EDIFÍCIO

O local de implantação de uma igreja é um fator muito determinante. Ainda que atualmente algumas igrejas sejam destinadas a espaços sobranceiros do traçado urbano, o local de implantação de um espaço religioso sempre foi algo muito relevante.

Os espaços religiosos primeiramente pressupõem um retirar do mundo, um afastamento concreto e físico da realidade mundana, em ordem a conseguir uma maior ligação com o mundo transcendente. Por essa mesma razão muitos edifícios religiosos foram implantados em locais afastados das cidades, em paisagens de carácter especial.

*"Moisés foi levantar a tenda a alguma distância fora do acampamento. (E chamou-a tenda do encontro.) Quem queria consultar o Senhor, dirigia-se à tenda de reunião, fora do acampamento."*<sup>50</sup>

Nesta passagem do Antigo testamento, é frisada a importância do retiro. Da procura de um lugar diferente do habitual em ordem a uma melhor comunicação com o Divino. Tais lugares naturais,

---

<sup>50</sup> Êxodo, 33:7

diferentes do habitual, possuíam características que lhes conferiam uma certa espiritualidade, uma certa sacralidade. Este fenómeno decorria de duas formas:

- O lugar, pela sua magnanimidade natural, encerrava em si características que evocam o sagrado. Grandes promontórios debruçados sobre o mar com horizonte desimpedido, altos de montes com visão sobre as distâncias, zonas de confluência de cursos de água, grutas e cavernas, entre outros, são lugares que ao longo da história evocaram a ligação com o Divino. A nomenclatura cristã é disso exemplo: Nossa Senhora do Cabo, Nossa Senhora do Monte, Nossa Senhora das Águas, Nossa Senhora da Lapa, entre outros, são exemplos de nomes inspirados nos lugares naturais onde a divindade se terá manifestado.

“De facto, muito desses lugares não parecem ter sido, afinal, simplesmente escolhidos pelo homem. Antes parecem ter sido escolhidos pela própria divindade que neles se manifestou, (...)”<sup>51</sup>

Neste excerto somos remetidos para o arrebatamento espiritual de determinados lugares. O lugar comunica-se de forma mais ou menos evidente sobre o seu carácter e atmosfera diferenciada, como se a divindade, ou espírito do Lugar<sup>52</sup>, se manifestasse. O homem, no reconhecimento e entendimento destes lugares, marca-o com a Arquitetura.

Esta não cria um lugar religioso novo, mas legitima e define com mais clareza um já existente, mas que antes era menos perceptível. A Arquitetura acaba por atuar como ampliador da experiência espiritual destes promontórios, destes montes. Na medida em que lhe dá forma, em que lhe dá abrigo sobre os elementos e permite uma experiência mais plena, tornando-o qualificado. A marcação destes lugares não era exclusivamente cristã, esta ocorria para além dos formalismos religiosos sendo feita de várias formas, desde um simples menir na pré-história marcando o lugar, passando pelos templos romanos, as mesquitas islâmicas até às catedrais cristãs. Muitas vezes, no mesmo lugar natural, a implantação do edifício religioso mantinha-se entre religiões. Onde antes esteve uma mesquita islâmica, poderia estar agora uma igreja cristã<sup>53</sup>.

- Outra razão de implantação, ainda que pudesse coincidir com o enunciado no parágrafo anterior, é a existência de algum artefacto, revelação divina ou alguma tradição associada ao lugar. Isto pode ser porque nesse local viveu ou está sepultado um Santo ou figura religiosa relevante. Temos como exemplo a Igreja do Santo Sepulcro, construída sobre o lugar onde terá sido o túmulo de Jesus Cristo, a Basílica de São Pedro que está sobre o lugar onde terá sido sepultado São Pedro, a Basílica

---

<sup>51</sup> PEREIRA, Paulo. “*Lugares Mágicos de Portugal. Arquitecturas Sagradas*”, 2009

<sup>52</sup> Desde o Egito Pré-dinástico, mas também na Grécia e Roma Antiga, os deuses eram associados aos vários lugares. Eram associados a uma floresta, a uma montanha, a uma fonte, a um rio, como que um espírito sem nome que protegia. Um ser espiritual que habitava estes lugares como que seu guardião. Os romanos chamavam-lhe de *Genius Loci*. O termo mais tarde viria a ser utilizado pelo poeta inglês Alexander Pope ao aconselhar o Conde de Burlington, defensor do *Palladianismo inglês*, a consultar o espírito do lugar: “*Consultem sempre a disposição ou o espírito do lugar. É ele que vos dirá se é necessário levantar ou deixar correr as águas (...); deve parecer que pintam à medida que plantam, que desenham à medida que trabalham*”. Atualmente o tema ainda é discutido numa série de reflexões pós-modernas mais alargadas, referindo a importância do contexto e da fenomenologia, como é exemplo o livro de Christian Norberg-Schultz – “*Genius Loci : Rumo a uma Fenomenologia da Arquitectura*”.

<sup>53</sup> Como exemplo deste fenómeno temos em Portugal o Convento da Arrábida, que muitos séculos antes da sua construção, terá sido um antigo *Rabat*, espaço fortificado dos mouros. Outro exemplo é a Basílica de São Clemente em Roma. Esta num único edifício demonstra as várias épocas, desde a antiguidade clássica (na forma de um Mitreu (*Mithraeum*)), passando pela era cristã primitiva (basílica inferior) até à idade média tardia (igreja superior).



de Nossa Senhora de Fátima onde Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo, terá aparecido, entre muitos outros. Também existem ainda lugares nos quais a história da sua relevância até se perdeu, mas que por tradição passada de geração em geração se manteve a devoção nestes lugares místicos.

#### 2.4.4 - ORIENTAÇÃO

Ainda que com algumas variações, a orientação das igrejas na Baía Ana Chaves, estão na sua maioria orientadas para Oriente, seguindo a tradição católica. Apenas as Igrejas de Nossa Senhora da Conceição e de São João, não estão orientadas nessa direção, mas sim para Ocidente.

Esta preocupação com a orientação do edifício, sempre existiu ao longo da história nas diversas religiões. Também a diversidade de razões/simbologia e que orientação deviam ter os edifícios foi variando ao longo dos tempos. No Egito, o templo Amón-Rá, Deu Sol, era orientado de forma que o pôr do sol incidisse e iluminasse perfeitamente o seu interior. Na Grécia antiga, o conhecido Pártenon, templo de homenagem à Deusa Atenas, era orientado na direção da constelação das Plêiades. As mesquitas islâmicas são orientadas na direção Caaba em Meca, entre outros exemplos nas diversas religiões do mundo. Pode-se então concluir, que a preocupação e o simbolismo associados à orientação é algo comum e transversal às várias religiões, e algo que podemos associar também à própria Arquitetura. Ainda que as razões sejam na sua maioria físicas, nomeadamente aproveitamento solar, controlo do vento, condição dos terrenos, assim como outros conceitos como a geomancia e o *feng shui*, seja para um edifício religioso ou uma habitação, a orientação é algo de grande importância.

Contudo, tendo em conta que o projeto final de mestrado pretende incidir sobre o tipo de edifícios religiosos em São Tomé e estes serem predominantemente católicos, é importante entendermos mais detalhadamente a sua perspetiva.

#### 2.4.5 - AD ORIENTEM

Os primeiros cristãos tinham o ritual de rezar voltados em direção a Oriente, para Este, na direção onde nasce o sol. Existem várias explicações para tal fenómeno, não sendo um tópico consensual. No tempo de Jesus, era prática do Judaísmo a oração voltada para Jerusalém, que para a maioria do império Romano seria na direção Este.

Outra explicação advém de quando Jesus fala sobre a sua segunda vinda, onde este afirma: *“Porque, assim como o relâmpago risca o céu, do nascente até o poente, assim será a vinda do Filho do Homem”*<sup>54</sup>. Mas é algo que a sua origem não é absolutamente clara, ainda que tal disposição e atenção pela direção do sol nascente, não seja exclusiva do cristianismo.

A orientação para oriente, foi primeiramente estabelecida de forma oficial, nas “Constituições apostólicas” entre 375 e 380 d.C., uma coleção de tratados cristãos que explicavam uma série de temas e onde, entre eles estabelecia na construção de novas igrejas que o “presbitério<sup>55</sup>” fosse na

---

<sup>54</sup>Mateus, 24: 27

<sup>55</sup> A explicação dos vários espaços que compõem uma igreja, será feita no capítulo seguinte.

extremidade leste, estando o povo voltado para oriente. Apesar disso, esta norma não foi sempre aplicada, sendo a maioria das primeiras igrejas de Roma, construídas com a entrada principal a nascente, contrária ao referido anteriormente.

A este tipo de orientação geográfica, estava associada a missa tridentina, no qual o sacerdote celebrava de costas para o povo, tendo o nome esta prática *Ad Orientem* ou *Versus Absidem*, de frente para a abside, por oposição ao *Versus Populum*, de frente para o povo. Mais tarde com o *Concílio de Vaticano II* e o *Movimento litúrgico*, a preocupação da orientação para oriente perde força e todo o espaço litúrgico sofre alterações, tema que será aprofundado mais à frente.

## 2.4.5 - ESPAÇOS PRINCIPAIS DA IGREJA

### ADRO

*“É limpo o adro da igreja.  
É limpo o adro da igreja.  
É grande o largo da praça.  
Não há ninguém que te veja  
Que te não encontre graça.”<sup>56</sup>*

O Adro, constitui o espaço exterior, imediatamente após a porta da igreja, assumindo muitas vezes o perfil de uma praça.

O espaço do Adro teve uma grande importância urbanística ao longo da história. O adro constitui a pré-praça, assumindo o papel histórico dos primeiros exemplos<sup>57</sup> de espaço público usufruível pela comunidade. No adro decorriam todos os eventos comunitários relevantes. Além das celebrações religiosas, muitas vezes decorriam execuções, casamentos, proclamações do estado, entre outros.

Também constitui um importante local de ligação entre o espaço exterior e o espaço interior. Os seus limites nem sempre são claros, até porque estes acabam na maior parte das vezes, por “evoluir” urbanisticamente, como foi referido anteriormente, para praças, constituindo os espaços públicos. Ainda que nos encontremos no exterior, ainda sentimos parte do acolhimento.

Estes têm funcionado também como o primeiro local de encontro informal da comunidade. Antes e depois das celebrações, é onde as pessoas se encontram e aprofundam, ainda que de forma breve, os laços comunitários.

Em São Tomé, apesar de não existir uma grande vivência do Adro, presume-se devido ao clima, nele continuam a decorrer grandes festas, especialmente no adro da Sé. Estando bastante próxima do

---

<sup>56</sup> “*Quadras ao Gosto Popular*”. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1965. (6ª ed., 1973).  
- 99.

<sup>57</sup> Aqui não referimos os espaços públicos existentes na Roma e Grécia Antiga, denominados por Fórum Romano e Ágora no caso grego. Estes tal como o adro, ainda que de forma diferente, assumiram o papel de espaço de encontro da comunidade.

palácio do presidente, não só as celebrações de carácter religioso, mas também as celebrações de carácter nacional/estatal decorrem neste espaço.

Aqui, ainda que sendo um espaço exterior, é por vezes utilizado como espaço alternativo de celebrações. A visita de uma entidade religiosa superior ou outros motivos que levem à concentração de um maior número de pessoas, leva a que a eucaristia seja celebrada diretamente no exterior para toda a comunidade.

## BATISTÉRIO

Apesar do simbolismo próprio da água não ser exclusivo do cristianismo, esta tem especial relevância no ato do Batismo. Iniciado pelos primeiros cristãos no rio Jordão até ao batismo no Batistério. Este ao longo da história teve várias formas, sendo um espaço que podia ser exterior como interior. Existem alguns exemplos onde o batistério é um corpo edificado separado do espaço da igreja como no Batistério de San Giovanni em Florença<sup>58</sup>, ou o Batistério exterior no santuário de S. Pio de Pietrelcina<sup>59</sup>. Outros estão localizados no interior das igrejas, onde o batismo é feito através da pia batismal<sup>60</sup>, tendo esta um espaço próprio ou por vezes sendo mesmo na assembleia, normalmente junto à entrada. As características físicas do batistério também são influenciadas pelo tipo de rito escolhido na comunidade. O ritual do batismo pode ser por imersão, no qual o batizado é normalmente mergulhado dentro de água, levando o batistério a assumir características de uma pequena piscina, ou alternativamente, por Aspersão/Efusão onde a água é derramada sobre a cabeça do batizado, podendo o ritual ser feito apenas com uma concha batismal<sup>61</sup> ou na pia batismal.



FIGURA 10 – BATISTÉRIO SEPARADO  
IMAGEM – SUPORTE DIGITAL



FIGURA 11 – BATISTÉRIO EXTERIOR  
IMAGEM- SUPORTE DIGITAL



FIGURA 12 – PIA BATISMAL  
IMAGEM – SUPORTE DIGITAL

<sup>58</sup> Figura 10- Localizado na Piazza del Duomo, era um Edifício octogonal simbolizando o oitavo dia (*octava dies*) o tempo da Ascensão de Cristo, simbolizando a vida eterna dada pelo batismo. Outro exemplo de uma construção semelhante é o Batistério como o mesmo nome, mas localizado em Pisa, assim como o Batistério Neoniano em Ravena também em Itália.

<sup>59</sup> Figura 11, em S. Giovanni Rotondo, Itália

<sup>60</sup> Figura 12.

<sup>61</sup> Como o nome indica, um objeto metálico tipo travessa, normalmente em forma de *concha de vieira*, para onde a água pode ser derramada.

## 2.5 - IGREJA-CASA E O MOVIMENTO LITÚRGICO

O espaço seguinte a enunciar, seria logicamente a Assembleia, o lugar dos fiéis e posteriormente o Altar-mor reservado ao clero. No entanto, antes de identificar os restantes espaços interiores da igreja é importante referenciar um conceito, amplamente presente nas igrejas contemporâneas, mas que nem sempre foi claro. O conceito de Igreja-casa<sup>62</sup> apesar de aplicado com mais expressão nas igrejas contemporâneas, é algo que busca assemelhar-se aos espaços de celebração dos primeiros cristãos. Abandona de certa forma, o conceito de igreja como templo e de espaço anónimo monumental de celebração unilateral, mas procura a criação de um espaço comunitário, de um espaço de casa, onde a celebração eucarística é o principal evento, a revivência da última ceia de Jesus, a refeição familiar em comunidade.

Esta mudança de paradigma vem na sequência do *Movimento Litúrgico* iniciado no início de século XX e consolidado no *Concílio de Vaticano II* (convocado pelo Papa João XXIII em 1961 e terminado pelo Papa Paulo VI em 1965).

O *Movimento Litúrgico*<sup>63</sup> surge para dar resposta a um crescendo distanciamento dos fiéis<sup>64</sup>. A missa normalmente celebrada era a Missa Tridentina ou Missa de Pio V, caracterizada por ser celebrada em Latim, um idioma que normalmente não era compreendido pelos fiéis e caracterizada pelo facto de o celebrante celebrar de costas para a assembleia. Não obstante a sua beleza, deste modo a missa acabava por assumir o carácter de uma oração exclusiva dos clérigos, onde os fiéis eram apenas expectadores, faltando-lhes o sentido de vivência e inclusão pessoal na fé.

A própria arquitetura assumia essas características, marcada espacialmente pela disposição axial-processional da assembleia. Nesta disposição o altar encontrava-se colado à parede de fundo do presbitério, onde o celebrante celebrava de costas para a assembleia que se encontrava no plano oposto a alguma distância. Distinguiam-se aqui dois planos distintos:

O Plano litúrgico e oficial, onde se encontravam os celebrantes, os sacerdotes, distantes dos fiéis e o Plano de oração individual, onde os fiéis viviam a sua oração pessoal à margem da celebração, à qual apenas podia assistir e não participar.

---

<sup>62</sup> Conceito que encontram o seu paralelo no livro Gaston Bachelard *“Poética do Espaço”*

<sup>63</sup> O *Movimento Litúrgico* terá tido o seu início oficial, na Enciclia do Papa Pio XII, *“Mediator Dei”* em 1947, onde se iniciaram uma serie de reformas que iriam amadurecer e desembocar no *Concílio de Vaticano II*. Posteriormente em 1956, Papa Pio XII referiu, no primeiro *Congresso Internacional de Pastoral litúrgica*, na cidade de Assis, na sala das Bênçãos do Vaticano: *“o Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica”*.

<sup>64</sup> A referência do distanciamento dos fiéis, surge primeiramente pelo monge beneditino Lambert Beauduin, no *Congresso de Obras católicas*, no início do século XX. Este apoiou-se no documento do Papa Pio X sobre a Música Sacra, onde este reforçava a importância da participação ativa dos fiéis.

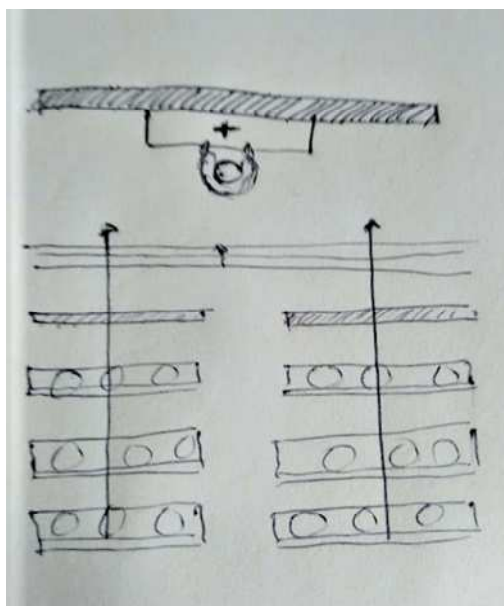


FIGURA 13- DISPOSIÇÃO AXIAL-PROCESSIONAL DA ASSEMBLEIA (MISSA TRIDENTINA, PRÉ-CONCÍLIO) IMAGEM – AUTOR

Pio XII foi o grande impulsionador de tais mudanças, destacando-se entre elas, a possibilidade da missa ser celebrada na língua vernácula além do latim, a reforma da vigília pascal e da Semana Santa e a simplificação do jejum eucarístico.

O Movimento litúrgico, resumidamente buscava:

- Reaproximar os fieis e reafirmar o sentido de comunidade, de povo de Deus, incentivando a sua participação
- Voltar à autenticidade e essência dos primeiros cristãos
- Recentrar a liturgia em Jesus, tornando o altar foco da celebração.

Como referido anteriormente, a materialização das ideias do Movimento Litúrgico, tem a sua maior expressão no Concílio de Vaticano II. As novas reformas implicaram alterações não só nos textos e ritos, mas também no espaço de celebração.

A maior alteração no espaço litúrgico, que acaba por influenciar todos os outros é a centralidade do altar. Este deixa de ser um balcão encostado a uma parede, para se tornar uma mesa, para onde todas as atenções estão viradas. Todos os espaços do edifício confluem para este centro.

O próprio ato de centralizar a liturgia, contribui para o sentido hospitaleiro, de acolhimento da Igreja, aproximando as pessoas. A figura da liturgia já não se encontra numa extremidade distante, mas encontra-se no seu centro, entre a comunidade.

Os espaços tornam-se mais amplos, onde toda a comunidade se pode ver a si própria, sem obstáculos, sem lugares privilegiados, onde todos sem exceção são convidados à Eucaristia.

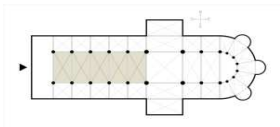
A geometria torna-se mais simples, na procura de um sentido de unidade. A diferenciação de espaços outrora sempre presentes nas igrejas como Nave central e Nave Lateral, Transepto,

Cruzeiro, Abside, deambulatório<sup>65</sup>, deixam, em muitos casos, de existir. Estes acabam por fundir-se num único espaço.

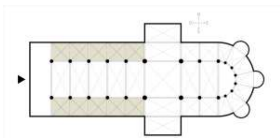
---

<sup>65</sup> Optou-se por não enunciar ou explicar os antigos espaços principais de uma igreja, seguindo as novas premissas das igrejas contemporâneas, no entanto de forma breve são explicadas em rodapé.

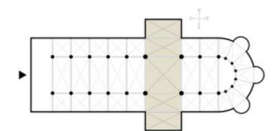
*Nave Central* – Corresponde à ala central de uma igreja ou catedral onde se reúnem os fiéis de modo a assistirem ao serviço religioso.



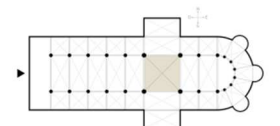
*Nave lateral* – Corresponde às passagens laterais mais estreitas que correm paralelas ao eixo central. Normalmente são separadas da nave central por colunas.



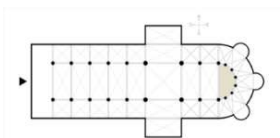
*Transepto* - O transepto pode ter uma ou mais naves que atravessam perpendicularmente o corpo principal perto do coro, e dá à igreja uma planta em cruz.



*Cruzeiro* - É o espaço situado na intersecção da nave central com o transepto nas igrejas ou catedrais cristãs que apresentam uma planta em forma de cruz romana. Nas igrejas sem transepto, cruzeiro denomina o espaço situado entre o altar-mor e a nave.



*Abside* - É ala da igreja que se projeta para fora de forma semicilíndrica ou poliédrica, em que o remate superior é geralmente uma semicúpula (planta circular) ou abóbada (planta poligonal). Nas igrejas orientadas, este anexo é aberto para o interior (capela-mor) no seguimento do eixo da nave, situando-se na extremidade Leste. Após o altar, na área do coro, este anexo pode ainda acoplar absides mais pequenas



*Deambulatório* - Em geral define-se como uma passagem que circunda uma área central. Se situa na extremidade leste da igreja, e que acompanhando a curvatura da abside, circunda o coro. Esta passagem, semicircular ou poligonal, permite a procissão dos fiéis em torno do altar-mor e dá acesso às capelas que radiam em torno da abside (capela radiante).

A própria disposição dos fiéis é alterada. Estes passam a dispor-se de forma circular ou em leque em torno do altar, reforçando a sua centralidade e sentimento de comunidade reunida.

Outra premissa levantada pelo Movimento Litúrgico é a busca da simplicidade.

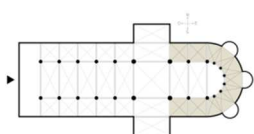
Esta procura vai muito além da simples procura por linhas minimalistas, mas de facto procurar compreender e ir ao essencial da Casa dos Cristãos.

Procurou-se criar espaços que não distraíssem os fiéis da experiência espiritual e comunitária. As igrejas perdem parte da sua por vezes excessiva ornamentação. Apesar da enorme beleza e monumentalidade, estes tipos de igrejas poderiam criar um certo distanciamento, estimulando a vivência de um museu e não de espaço de reunião comunitária. Opta-se por deixar todo esse decoro, ostentação e protagonismo visual para o altar, verdadeiro centro e razão de ser de todo o edifício religioso. A materialidade, a escala, a disposição das imagens e ícones religiosos, a decoração, a luz, tudo é disposto e pensado para “servir” a centralidade do altar e vivência do espírito comunitário.

A procura pela flexibilidade do espaço surge também como reflexo do carácter servidor e acolhedor da Igreja, na medida em que procura acudir às necessidades da comunidade. Abre-se assim a possibilidade de a igreja acolher no seu interior outras funções que não apenas a litúrgica, ainda que sempre adequadas e com o devido respeito ao espaço onde se realizam. Exemplos disso são a possibilidade de realizar concertos (nem sempre de carácter religioso, como a música clássica), teatros, conferências, entre outros.

Os próprios aglomerados urbanos de apoio à paróquia e à comunidade tornam-se mais comuns e por vezes fazem parte do próprio corpo edificado da igreja. Tirando as capelas com uma escala própria e propositada, o conceito de edifício religioso isolado (composto apenas pelo espaço de celebração, sacristia e capela secundária) cai um pouco em desuso, dando lugar a um “agregado religioso”, também designado como o espaço paroquial. Este “universo paroquial” reflete mais o sentido comunitário onde além da igreja, há por vezes creches, lares de idosos, escolas, entre outros.

O interior das igrejas é também alterado de forma a permitir a sua modificação conforme necessidade, ora aumentando a sua capacidade para grandes celebrações ora reduzindo o espaço de celebração, permitindo parte do espaço sobranter para ser utilizado como espaço de convívio e serviço à comunidade.



## **2.6 - CONVERSA COM D. ANTÓNIO MANUEL SANTOS, BISPO DE SÃO TOMÉ**

Após análise dos elementos necessários para a proposta de uma nova igreja, revelou-se necessário falar com alguém local que estivesse por dentro da vivência espiritual dos são-tomenses.

O conhecimento de D. António Manuel, Bispo de São Tomé, um bispo muito presente e próximo dos são-tomenses, constitui peça fundamental para entender realmente a sua vivência espiritual e assim conscientemente projetar de forma a potenciar essa mesma espiritualidade.

De seguida, um excerto dessa mesma conversa:

### **O que é uma igreja para um São-tomense?**

D. Manuel - Fundamentalmente é um lugar de “encontro”. Aí as pessoas “encontram-se” entre elas e com a divindade. Por isso a Igreja é lugar onde se reza, mas também onde as pessoas se cumprimentam, se relacionam, perguntam pela vida uns dos outros, etc.

### **Sendo o próprio D. António, um ocidental, de que maneira diferenciada é vivida a espiritualidade são-tomense?**

D. Manuel - Aqui a fé é vivida com mais “movimento”, participando com tudo o que se tem na celebração da fé: reza-se, canta-se, bate-se palmas, dança-se... Há também a presença de um certo espírito sincretista. Na missa celebra-se a fé, mas também se cumpre o rito que o “curandeiro” mandou fazer.

### **Quais os espaços essenciais de uma igreja em São Tomé?**

D. Manuel - O altar, o lugar do Santíssimo, o sítio do coro e o espaço da assembleia.

### **Olhando para as sete igrejas no conjunto, qual a melhor forma de as interligar?**

D. Manuel - Desde que cheguei a São Tomé tenho procurado valorizar todos os espaços de culto, celebrando neles a fé. Os sacerdotes aí presentes também colaboram nessa missão. Assim, praticamente todas as Capelas, com algum significado, têm eucaristia pelo menos uma vez por mês. A Capela de Bom Jesus que, durante muitas dezenas de anos esteve sem culto, ao ser restituída à Igreja procurei que aí se celebrasse Eucaristia e, agora, todas as Segundas-feiras tem missa. E a melhor forma de valorizar esses espaços é torná-los vivos, lugares de celebração da fé.

### **Que percursos, romarias, tradições religiosas existem em São Tomé?**

D. Manuel - As festas religiosas, em São Tomé, continuam a ter uma importância grande. A festa de Santo Isidoro, em Ribeira Afonso; a de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Neves, em Neves; a de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição, em São Tomé; a da Nazaré, na Trindade; a De Santa Ana, em Santana, e outras, continuam a ter a presença de muita gente. Não podemos igualmente esquecer a devoção a São Pedro por parte dos pescadores.

Na celebração da festa religiosa a Eucaristia é o ato central, mas a procissão e o almoço “atrás da Igreja” são igualmente elementos essenciais. Os “juizes” da festa é que são os responsáveis de toda a festa.



**Como vivem as pessoas os terreiros, praças ou outros espaços públicos das igrejas, os são-tomenses.**

D. Manuel - De facto, esses espaços têm muito pouca importância<sup>66</sup>. As pessoas fazem é do espaço interior o lugar de “encontro”. Se estiver presente antes de uma missa, vai ver que as pessoas param pouco tempo fora da Igreja. Dentro cumprimentam-se partilham vida... Fora saúdam-se e entram. À saída é quase a mesma coisa, apenas na missa de defunto é que os familiares se põem à porta da Igreja para receber os pêsames. De facto, o “adro” não tem tradição em São Tomé.

**São Tomé é marcado por ter uma comunidade bastante unida, como é essa vivência em comunidade, inserida na igreja?**

D. Manuel - Em São Tomé as pessoas gostam de viver a sua fé em grupo. Há grupos de todo o género: escuteiros, Legião de Maria, Santa Face, Evangelização 2.000, etc.

**Como pode uma igreja e seus espaços anexos ajudar melhor a comunidade?**

D. Manuel - Uma Igreja é sempre um lugar de encontro que leva as pessoas a olhar para esse lugar. Isso faz com que se criem à sua volta espaços vivos: habitações, lugares de convívio, etc. Igualmente um espaço que ajude as pessoas a celebrar a sua fé, uma igualmente a vida da comunidade com valores morais, espirituais e culturais.

**A espiritualidade associada ao mar? Como é a relação entre os são-tomenses, o mar e Deus?**

D. Manuel - No que se refere ao mar, temos muitas manifestações ligadas ao mesmo. Para além das festas de São Pedro, com as suas procissões no mar, temos também Santo Isidoro, em Ribeira Afonso; Santa Ana, em Santana e N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Neves, em Neves, em que a procissão termina com a bênção das pessoas e do mar.

---

<sup>66</sup> Nesta nota do D. António Manuel, podemos colocar como hipótese, a reunião e convívio ser feito já dentro da própria igreja, por haver na rua, demasiado calor e ao sol ser desagradável. A maior parte das igrejas em São Tomé, não possui uma antecâmara, entre o interior e exterior, um espaço abrigado do sol e calor onde possam reunir-se antes da celebração. De facto, as praças abertas estão normalmente desertas, as ajardinadas com sombra de árvores, bastante mais cheias.

**CAPÍTULO III**  
**TEMA: O PROJETO**

### 3.1 - CASOS DE ESTUDO

#### 3.1.1. - LUIS BARRAGAN

*“Cualquier trabajo de arquitectura que no exprese serenidad es un error”*

*““La serenidad es el gran y verdadero antídoto contra la angústia y el temor, y hoy, la habitación del hombre debe propiciarla. En mis proyectos y en mis obras no ha sido otro mi constante afán, pero hay que cuidar que no la ahuyente una indiscriminada paleta de colores. Al arquitecto le toca anunciar en su obra el evangelio de la serenidad.”*

LUIS BARRAGÁN

Como primeiro caso de estudo, iremos nos debruçar sobre dois conjuntos urbano:

*Las Arboledas* e *Los Clubes*, pelo Arquiteto Mexicano Luís Barragán, vencedor do prémio Pritzker no ano de 1980.

As obras encontram-se ambas situadas a cerca de 20 km da Cidade do México, na região de Atizapán de Zaragoza. Ambas são desenhadas em função da escala humana e a escala do cavalo. Os conjuntos urbanos são pensados tanto para a potenciar passeios pedonais como passeios a cavalo, algo evidente na arquitetura.

Outro elemento evidente na obra Barragán, daí a pertinência para o projeto final de mestrado, é a tendência introspetiva e religiosa da sua arquitetura. O próprio questiona se a Arte pode entendida sem essa espiritualidade, sem esse misticismo<sup>67</sup>.

#### - CONJUNTO URBANO *LAS ARBOLEDAS*

O conjunto urbano *las Arboledas* terá sido iniciada em 1958 e terminadas no ano 1961.

É marcado por três elementos articulados entre si: O *Muro Rojo*, a Praça e *Fuente del Campanario* e a praça e *Fuente del Bebedero*. Estes interagem entre si, num diálogo entre a natureza, marcada pela vegetação, pelo céu e pela terra com a arquitetura, marcada pelas formas minimalistas harmoniosamente utilizadas pelo autor.

---

<sup>67</sup> Referimo-nos ao discurso proferido na aceitação do prémio Pritzker: *“Como comprender el arte y la gloria de su historia sin la espiritualidad religiosa y sin el trasfondo mítico que nos lleva las raíces mismas del fenómeno artístico?”*



FIGURA 14 – MURO DO LADO EXTERIOR  
IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”



FIGURA 15 – MURO DO LADO INTERIOR  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

## O MURO VERMELHO

(EL MURO ROJO)

Logo na entrada de *Las Arboledas*, temos um longo muro em tons de vermelho e ocre, que percorre longitudinalmente o espaço, junto a uma fileira de freixos. Este funcionando como limite da rua, corre em direção ao horizonte, onde depois desaparece acompanhado o declive do terreno.

A presença do muro, na obra de Barragán é muito característica. Constitui elemento essencial que o arquiteto utiliza normalmente. Este permite-lhe emoldurar um espaço privado como que um contentor de natureza e vegetação de uma casa. Trabalhando a luz solar, os muros servem com telas onde as sombras das árvores se projetam, num fenómeno poético e sereno. Quem vive na casa, este efeito acaba por criar um certo sentimento de acolhimento e proteção mesmo estando num espaço exterior. Depois funciona como elemento de algum mistério, na medida em que ainda que seja um muro, pela sua escala sempre bastante humana, permite pela vegetação mais alta, antecipar as vivências que acontecerão no seu interior.

O muro de Barragán, pela maneira como se desenvolve e coloca, potencia a natureza, dando-lhe humanidade e escala, resulta um grande exemplo da não agressão ao Lugar e de harmonia entre a paisagem e arquitetura.

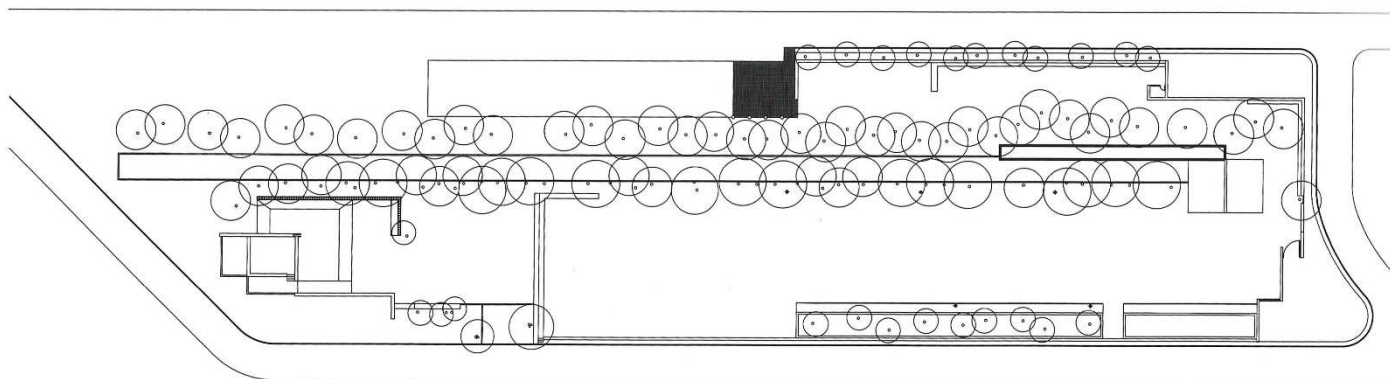


FIGURA 16 – PLANTA DO ESPAÇO COMPLETO – IMAGEM:  
“BARRAGAN, OBRA COMPLETA”

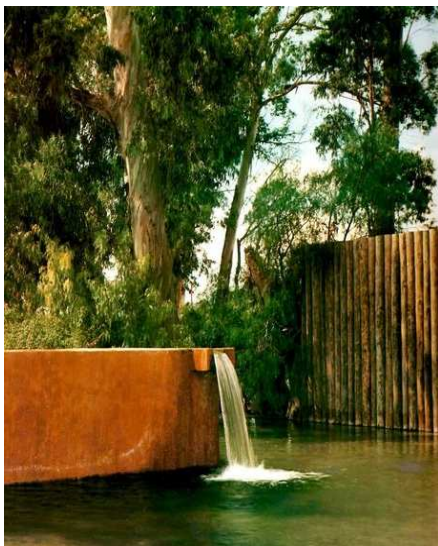


FIGURA 17 – FONTE E PLANO DE TRONCOS–  
IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”



FIGURA 18 – ESPAÇO DA FONTE– IMAGEM:  
SUPORTE DIGITAL

## PRAÇA E FONTE DO CAMPANÁRIO

(FUENTE DEL CAMPANARIO)

Pouco tempo depois da construção do muro, Barragán dá seguimento aos dois outros elementos urbanos, criando uma praça e a *fuente del Campanário* no extremo da rua rematada pelo Muro vermelho. Não muito distante, encontramos a cerca de 100 m no extremo oposto a praça e *fuente del Bebedero*.

Marcado pela mesma linguagem simples de toda a intervenção urbana, a *fuente del Campanário* é caracterizada por um plano feito de troncos de árvores e por dois pequenos muros, onde um deles depois gera um pequeno tanque, que depois jorra a sua água para um espelho de água. Estes três planos, que por trás tem um fundo de grandes eucaliptos, delimitam uma pequena praça intimista.

Neste espaço, observamos também a importância do som, na medida em escutamos o constante barulho da água a gotejar, induzindo o estado de serenidade que Barragán muito fala nos seus discursos<sup>68</sup>. Esta fonte não funciona, no entanto com um elemento isolado, mas como algo integrante de plano urbano, marcados por uma serie de espaços que se relacionam entre si. Constitui um bom exemplo de desenho arquitetónico e urbanístico, permitindo retirar conclusões de como gerar espaços altamente qualificados com poucos elementos. A sucessão de diferentes espaços com esta qualidade, permite criar um percurso urbano dinâmico e diferenciado, mas que mantém uma linguagem coerente ao longo do mesmo. A *fuente del Campanário* como referido anteriormente, além da ligação com os outros elementos urbanos, possui relação com a *fuente del Bebedouro*, que falaremos a seguir.

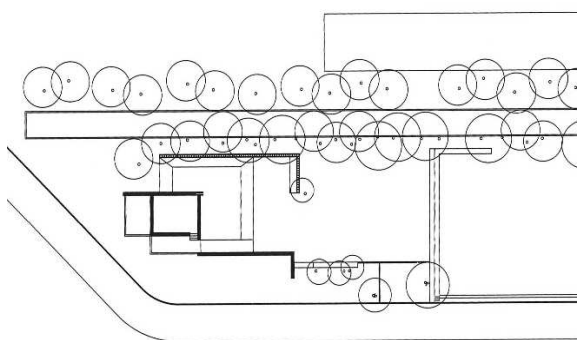


FIGURA 19 – PLANTA DO ESPAÇO– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”

<sup>68</sup> “Además de ser espacial, la arquitectura también es musical. Y esta música se toca con agua. La importancia de los muros se basa en lo que aísla del espacio exterior, de la calle. La calle es agresiva, hasta hostil: las paredes crean silencio. A partir de este silencio se puede hacer música con el agua. Y esa armonía continuará implicándonos.” – in Obra Completa p.219





FIGURA 20 – FONTE E SEUS PLANOS—  
IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”

## PRAÇA E FONTE DO BEBEDOURO

(FUENTE DEL BEBEDERO)

Percorrendo um corredor de grandes eucaliptos na direção oposta da *Fuente del Campanario*, encontramos a Praça e *Fuente del Bebedero*.

Pensado para saciar a sede aos cavalos, o espaço é marcado por um comprido tanque de baixa altura em pedra preta, que marca o início da descoberta do espaço. Tal como a *Fuente del Campanario*, mas de uma forma impercetível, a água transborda do tanque e por meio de uma pequena alheta, cai para baixo, dando a mesma sonoridade da água a gotejar. O fim do bebedouro é rematado pela intersecção visual de um plano branco de grande altura com um plano azul horizontal que delimita o espaço.

*“O Alhambra, Mies Van der Rohe, Mondrian e a quinta família de Corrales estão aí. São tantas as referências e misteriosas ambiguidades que sugerem estes espaços... aqui está o jardim mítico do Éden com os seus pátios e pavilhões, com os seus canais e tanques...com o som do silêncio.”<sup>69</sup>*



FIGURA 21 – JARDINS GENERALIFE,  
GRANADA – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

Na imagem da direita, que corresponde aos *Jardins de Generalife* em Alhambra, Granada, conseguimos ver o paralelismo e como de forma bastante simples e através de elementos abstratos consegue criar a atmosfera semelhante, o tal jardim mítico silencioso.

Para Barragán, a Arquitetura, tratamento dos jardins e da paisagem eram uma só única coisa. Este procura nestas intervenções urbanas integradas com a paisagem dotar os seus espaços exteriores da experiência e emoção de um verdadeiro paraíso terreno. Calmo e sereno, com o misticismo próprio de um *Jardim do Éden*<sup>70</sup>. Este terá na altura, sido também bastante influenciado pelo francês Ferdinand Bac<sup>71</sup> e os seus *Jardins Enchanté*, caracterizados por serem jardins de grande mistério e paz, com clara influência mourisca, tal como os de Alhambra.

Os próprios elementos simbólicos que induzem ao retiro e a meditação encontramos na *Fuente de Bebedouro*: a vegetação, a

<sup>69</sup> Texto escrito por Antonio Ruiz Barbarín

<sup>70</sup> Referência ao Jardim mítico judaico-Cristão, referido na Bíblia, no Livro do *Génese* (Gen., 2 e 3)

<sup>71</sup> Ferdinand Bac foi um cartoonista Francês, nascido em 1859, que com cerca de 50 anos começou a realizar uma série de desenhos de jardins e estabelecer-se como paisagista. Mais tarde escreveria dois livros sobre os seus jardins mediterrânicos, *Les Colombières* and *Jardins enchanté*, que iriam fascinar Luis Barragán e como já referido influenciar bastante a sua obra. O próprio Ferdinand referia algo que resume bastante a filosofia de Barragán e que o mesmo terá referido no seu discurso de aceitação do Pritzker: “A alma dos jardins abriga a maior soma de serenidade a disposição do homem”

pedra, a fonte de água purificadora, o horizonte induzido pelo plano circundante azul, o céu marcado pelo grande plano branco que sobe, entre outros, tudo contribuem para essa vivência espiritual do espaço.

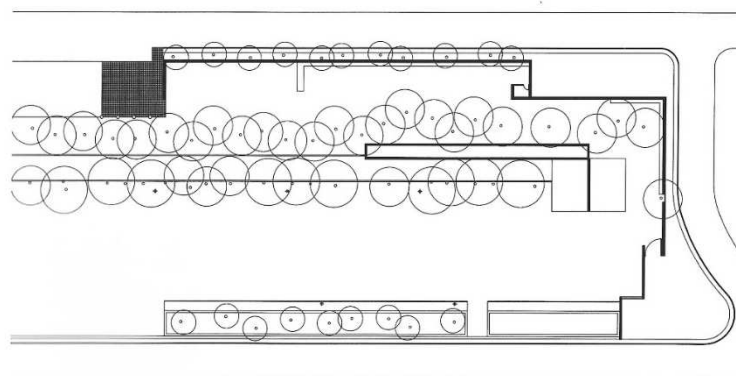


FIGURA 22 – PLANTA DO ESPAÇO– IMAGEM: “BARRAGAN, OBRA COMPLETA”

## - CONJUNTO URBANO LOS CLUBES

*“Sólo recibiendo de la arquitectura emociones, el hombre puede volver a considerarla como un arte”*

*Mathias Goeritz*

O conjunto urbano *los Clubes*, situa-se na rua Manantial East 20, junto a urbanização *las Arboledas* já referida anteriormente. Corresponde a uma área de 3,5 hectares e terá sido projetado para a família Folke Egerstrom, que dedicavam à criação de Cavalos. Luis Barragán, também ele amante e praticante de equitação, irá desenvolver o seu projeto em volta disso, trabalhou então o espaço de forma a servir não só a escala e vivência humana, mas também a escala equestre.

Neste projeto, o arquiteto estaria na sua maturação plena e tendo tido praticamente toda liberdade neste projeto conseguiu produzir verdadeiras obras primas.

Neste período da sua vida, Luis Barragán já teria amadurecido o tipo de arquitetura pelo qual seria mais identificado, a arquitetura emocional. Influenciado por Mathias Goeritz e o seu *“Manifiesto de la Arquitectura Emocional”*, irá procurar a transmissão de significados como a beleza, o fascínio, a magia, o silêncio e a serenidade, valores que o próprio identificou desaparecidos da arquitetura.

O conjunto urbano de *Los Clubes*, é marcado por três elementos principais, a *Fuente de los Amantes*, as Cavalariças de San Cristóbal e a Casa Folke Egerstrom. Para o projeto final de mestrado, iremos apenas referir em detalhe, os dois primeiros elementos, onde apesar do interesse arquitetónico da Casa Folke Egerstrom, esta é menos relevante para o projeto em questão.



FIGURA 23 – ESPAÇO DA FONTE – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 24 – ESPAÇO DA FONTE COM DUAS ESCULTURAS– IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

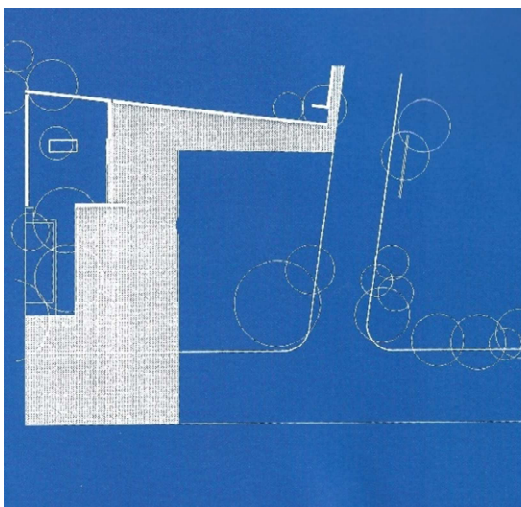


FIGURA 25 – PLANTA DO ESPAÇO – IMAGEM: “BARRAGAN : OBRA COMPLETA”

## A FONTE DOS AMANTES

### (FUENTE DE LOS AMANTES)

No angulo gerado pela interseção de duas vias do conjunto urbano de los Clubes, Luis Barragán construiu a *Fuente de los Amantes*. Este espaço é marcado pela mesma simplicidade que temos vindo a referir. O espaço é estabelecido com a utilização apenas de quatro planos rosas. Junto aos dois muros maiores soltos dispostos em L e que delimitam os lotes seguintes, encontramos perpendicularmente dois outros planos. De um dos planos sai uma viga que irá apoiar no plano seguinte e desta interseção nasce a fonte. A água corre com intensidade pela viga e vem cair com algum estrondo sobre um grande espelho de água. O movimento e sonoridade da água é claro, e aqui assume um papel diferenciado das outras fontes, onde o som da água é quase um murmúrio, ainda que sempre presente. O sentido do tato também é explorado na medida em que o espelho de água com um pavimento à base de seixos rolados toscos convida a entrar diretamente, para molhar os pés. O nome da fonte seria devido a duas esculturas de madeira que terão lá existido, objetos com ar de tótemes, altamente misteriosos, que segundo consta, terão sido restos dos antigos bebedouros em mau estado que o arquiteto terá aproveitado pelo seu efeito estético.





FIGURA 26 – ESPAÇO DA FONTE – IMAGEM: RENE BURRI

## CAVALARIÇAS SAN CRISTOBAL

*“Barragán ha construido casas y edificios que nos seducen por sus proporciones nobles y por su geometría serena; no menos hermosa –y más benéfica socialmente– es su arquitectura exterior, como él llama a las calles, muros, plazas, fuentes y jardines que ha trazado. La función social de estos conjuntos no está reñida con su finalidad espiritual. Los hombres modernos vivimos aislados y necesitamos reconstruir nuestra comunidad, rehacer los lazos que nos unen a nuestros semejantes; al mismo tiempo, debemos recobrar el viejo arte de saber quedarnos solos, el arte del recogimiento. Las plazas y arboledas de Barragán responden a esta doble necesidad; son lugares de encuentro y son sitios de apartamento”.*

Octavio Paz<sup>72</sup>

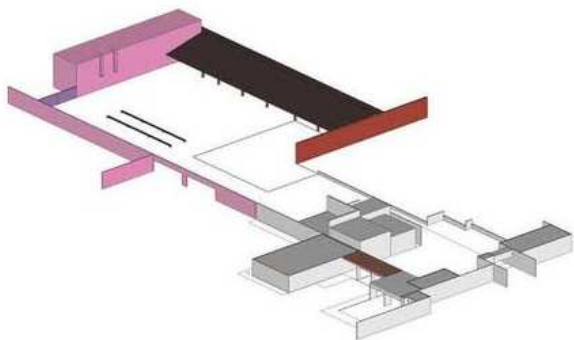


FIGURA 27 – AXONOMETRIA ESQUEMÁTICA – IMAGEM: LEIRE DOMINGUEZ DE TERESA

Não muito longe da Fuente de los Amantes, temos as Cavalariças San Cristóbal e Casa Folke Egerstrom projecto feito para a família Folke Egerstrom feitas em colaboração com Andrés Casillas.

Aqui observamos uma lógica semelhante aos projetos anteriormente referidos. O espaço é delimitado por grandes muros, planos que delimitam uma praça. O acesso às cavalariças é feito normalmente pela casa, sendo também possível aceder pelas traseiras, portanto vindo pelo lado norte, da avenida Juárez. Contornando a casa pintada de branco, pela direita, somos encaminhados por um muro também branco baixo.

No enfiamento visual desse caminho, começamos a visualizar três realidades distintas: O plano Vermelho/Ocre de onde jorra água, o tanque que a recebe e ao fundo um grande plano rosa que fecha o espaço. O plano vermelho corresponde a junção de duas lâminas paralelas, onde pelo meio corre uma caleira, por onde a água corre. Este atua como barreira visual para as cavalariças, sendo estas apenas visíveis após contornar este plano e o tanque de água no chão. Ao contrário da

fonte dos amantes, a posição da boca da fonte não é tão elevada e a água não corre com tanta intensidade.

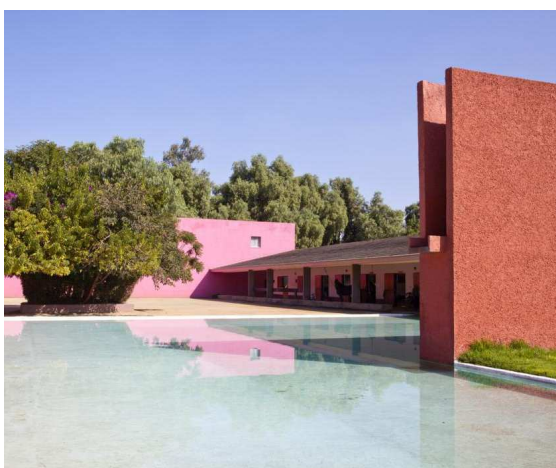


FIGURA 28 – ENQUADRAMENTO DAS CAVALARIÇAS – IMAGEM SUPORTE DIGITAL

<sup>72</sup> Octávio Paz Lozano foi um poeta e ensaísta mexicano, nascido em 1914, vencedor do prémio nobel em 1990, considerado um dos maiores escritores de século XX e um dos maiores poetas hispânicos de todos os tempos.



FIGURA 29 – PLANO ROSA COM OS DOIS VÃOS HORIZONTAIS – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 30 – PLANO ROSA COM OS DOIS VÃOS VERTICAIS – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

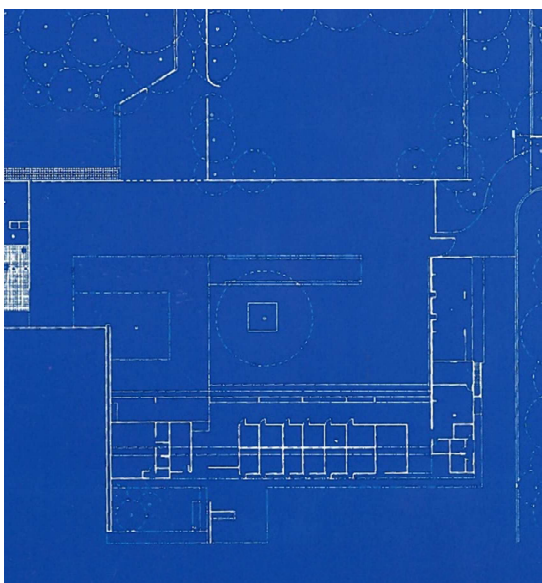


FIGURA 31 – PLANTA DO ESPAÇO – IMAGEM – “BARRAGAN”- OBRA COMPLETA

Aqui o efeito sonoro da água é mais subtil, mais delicado, pois esta embate no espelho de água com menos força. O próprio tanque parece um deslizar do pavimento que se transforma num pequeno lago de baixa profundidade. Descendo a sua cota gradualmente, este foi pensado para permitir ao cavalo entrar diretamente e ficar submerso até quase à barriga, permitindo não só matar sede, mas também refrescar-se.

O espaço, além das cavaleriças e o plano vermelho já referido, é delimitado por dois planos rosa, perpendiculares um ao outro, formando um L. Este assume várias formas e espessuras, mas mantém a sensação visual de sermos protegidos pela cor rosa. Contornando o tanque de água, a nossa esquerda começamos a visualizar um comprido plano rosa que percorre longitudinalmente todo o espaço. Este é rasgado dois grandes vãos horizontais, que dão acesso a uma pequena praça que podemos colocar a hipótese que funcionará com um picadeiro ao ar livre. Aqui é importante referir o efeito cénico que estes vãos provocam devido à sua escala controlada. A água funciona aqui também como elemento expensor, na medida “duplica” a altura dos muros através dos seus reflexos. No final do segundo vão, vemos que o arquiteto dobra o plano, transformando-o em algo maciço, num paralelepípedo. Na casa Folke Egerstrom, observamos bastante esta “surpresa”, na medida em que nem sempre nos é claro se estamos a observar um plano solto ou algo maciço, devido a este tipo de dobragem que geram formas. O fim deste plano longitudinal é rematado por um pequeno muro cor de amora com um portão da mesma cor.

Ao fundo do espaço, limite norte desta praça, encontramos um volume marcado por dois estreitos vãos verticais. Como já referido anteriormente, é nos dada a ilusão de ser um volume maciço, mas ao contornar o mesmo, observamos que se trata de uma casca para um palheiro posterior.

O acolhimento e proteção provocado, tal como a presença da água, permite um alheamento do mundo exterior. É bastante curioso a componente espiritual, que o arquiteto consegue aqui atingir, tratando-se de um espaço dedicado a cavalos. Ainda que seja um espaço perfeitamente pensado para servir os cavalos e seus cavaleiros, Barragán demonstra através das

emoções que gera, em quem vista o espaço, a sua discordância com a forma segue função. A serenidade e vivência espiritual obtida, é gerada pela sua arquitetura e pela linguagem utilizada, independentemente da função que desempenha.

A simplicidade e mestria com que com os seus planos e muros coloridos geram espaços qualificados cheios de profundidade e sentimento, assim como a capacidade de representar o espírito e o transcendente na matéria. Como referido no início deste ponto, tais conceitos vão bastante ao encontro da procura deste projeto final de mestrado, no caso concreto da nova igreja de São José, que iremos abordar mais a frente.

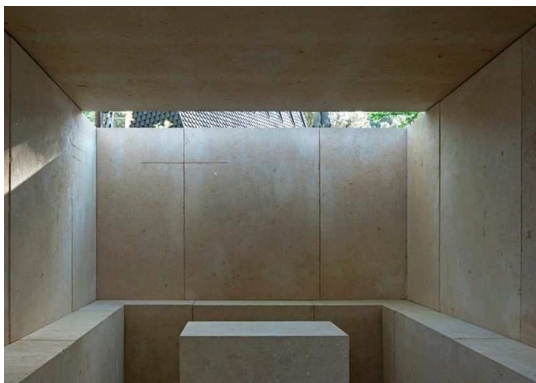


FIGURA 32 – VISTA PARA O ALTAR – IMAGEM – SUPORTE DIGITAL



FIGURA 33 – VISTA EM PLANTA – IMAGEM – SUPORTE DIGITAL

### 3.1.2. – EDUARDO SOUTO MOURA

Capela para o Pavilhão do Vaticano na Bienal de Veneza.

Este projeto Souto Moura, revela-se uma pertinente para o nosso projeto final de mestrado pela sua simplicidade e pureza.

A capela foi feita grandes pedras, de uma pedreira em Vicenza que o Arquiteto visitou com o historiador Francesco Da Co<sup>73</sup>. Esta tem uma forma retangular com um ligeiro forçar da perspetiva<sup>74</sup>. Tal com Barragán, mas numa escala muito mais pequena e intimista, o arquiteto delimita o espaço com quatros muros e uma porta. A própria porta, mantém-se essa identidade de muro, pois corresponde a uma pedra que roda sobre si.

Ao longo do espaço correm dois pequenos muros que fazem os bancos e ao centro um pequeno cubo que se afunda sobre o terreno natural. Devido ao tamanho bastante pequeno da capela, Souto Moura faz o terreno descer ligeiramente em direção ao altar, brincando novamente com a perspetiva e dando a ilusão de uma capela maior. Este constitui um exemplo dessa pela procura de um discurso simples, mas bastante profundo

<sup>73</sup> Historiador de Arquitetura Italiano

<sup>74</sup> O que torna a capela em planta, num trapézio pouco marcado



### 3.2 - ÁREA DE INTERVENÇÃO URBANA



FIGURA 34 – ÁREA DE INTERVENÇÃO – IMAGEM: AUTOR

A área de intervenção onde nos propomos intervir é composta por todo o espaço da avenida marginal desde da igreja do bom despacho, na ponta nascente, até ao espaço da nova igreja proposta, na ponta poente, tal como as igrejas e seus espaços públicos, uma área com cerca de 650 mil m2.

A cidade de São Tomé, desde o período colonial até aos dias de hoje continuou a sua expansão. A maneira com esta cresceu, dando origem à malha estruturada de vias ortogonais da cidade histórica, não foi, no entanto, replicada nos restantes tecidos urbanos. A cidade acabou a crescer na sua maioria de forma desordenada, à base de assentamentos informais e sem grande critério urbano. Os próprios os equipamentos urbanos mais recentes com relevância<sup>75</sup> são do período do Estado Novo, encontrando-se na sua maioria degradados, revelando a paragem no tempo no que toca ao desenvolvimento urbano.

A avenida Marginal, linha condutora da história urbana de São Tomé, também se encontra em completo abandono. O elemento que deveria funcionar com o ex-libris da cidade, é utilizado apenas com local de passagem automóvel. O próprio crescimento da cidade sofreu as consequências deste

<sup>75</sup> Aqui excluímos os novos supermercados e outros edifícios mais recentes, na medida em que estes não geraram alterações significativas na vivência da cidade. Observamos que os fluxos dos habitantes continuam semelhantes aos do período colonial, levando a uma cidade que apenas vive o seu centro histórico e zona dos mercados, e não disfruta dos diferentes tecidos urbanos.

abandono<sup>76</sup>. A dicotomia urbana também levou à divisão da comunidade. Os são-tomenses das classes mais altas concentram-se na cidade histórica. Os são-tomenses das classes baixas, muitos empregados das classes altas, ficam obrigados a ir viver precariamente nos enormes bairros informais como o bairro Riboque, próximo da igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Conceição. Estes bairros informais, são áreas de grande extensão, sem qualquer planeamento, vias de acesso ou edifícios de apoio e sem acesso a bens e serviços básicos que se encontram na cidade histórica. O próprio acesso de quem habita estes bairros, ao Mar e à avenida marginal é mais complicado, que pela falta de vias, tem que percorrer grandes distâncias<sup>77</sup>.

Algo que permite, ainda que momentaneamente dissipar estas diferenças na comunidade são as igrejas. Seja pelo seu carácter espiritual e social, tal como a sua presença formal no território, dotam-nas da capacidade de unir, de religar<sup>78</sup> os povos. A unificação social que a igreja promove na medida em que acolhe todos de forma igual e de forma aberta, pode também aplicar-se na componente urbana e arquitetónica. As igrejas podem servir como forma de consolidação dos tecidos urbanos, funcionando estas como verdadeiros centros para todos os habitantes.

Este projeto final de mestrado propõem então intervir sobre as seis igrejas existentes e seus espaços públicos, nomeadamente a igreja do Bom despacho, Igreja do Bom Jesus, Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. da Graça (Sé), Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Da Conceição, a Capela de São Pedro e a Igreja de São João Baptista. Como já referido no capítulo II, iremos também intervir sobre a ponta poente da baía, local onde ser proposta a sétima igreja, elemento de remate do percurso referido.

A área de intervenção também é fruto do reconhecimento da avenida marginal e das suas igrejas como veículo principal da identidade e memória de São Tomé. A avenida marginal abarca não só a sua componente formal e histórica, mas também a sua componente espiritual e emocional. Tal como os muros de Luis Barragán, referido nos nossos casos de estudo, a Baía Ana Chaves, pela sua topografia particular, encerra e delimita com os seus “braços” nascente e poente, o espaço da cidade e da avenida. Sentimos a sua proteção, onde alheados do mundo para lá desses “braços”, o nosso gesto é focarmo-nos no mar, focarmo-nos no horizonte infinito e vivenciar com serenidade esse acolhimento. As Romarias ou Cirios marítimo realizados na Baía, revelam esse mesmo carácter. Tal acontecimento dificilmente ocorria se tivessem totalmente expostos ao oceano atlântico. A área a intervir, corresponde ao lugar onde mais se sente esse acolhimento, portanto junto à avenida marginal e junto as igrejas. É sobre esta área de intervenção e sobre o seu legado histórico e espiritual que propomos lançar as bases para reestruturação e crescimento da cidade. Apenas após a reestruturação do seu eixo principal e dos seus elementos principais, estarão lançadas as bases para o restante desenvolvimento urbano.

---

<sup>76</sup> Como vimos no capítulo I, quando analisamos a evolução da malha urbana, observamos que é sobre a avenida marginal que cidade se desenvolve ao longo da baía Ana Chaves. Portanto é legítimo colocar a hipótese que a sua degradação e posterior perda de importância, poderão ter contribuído também para travar o crescimento ordenado da cidade para poente.

<sup>77</sup> Aliado a esta desproporção e desigualdade urbana, os habitantes das classes baixas possuem habitações altamente precárias e degradadas, sendo estas zonas informais onde está concentrada a maioria da população

<sup>78</sup> Note-se que a origem da palavra religião vem da palavra latina *Religare*, que significa atar ou ligar com firmeza, portanto é isso mesmo, religar.

### 3.3 - PLANO URBANO GERAL

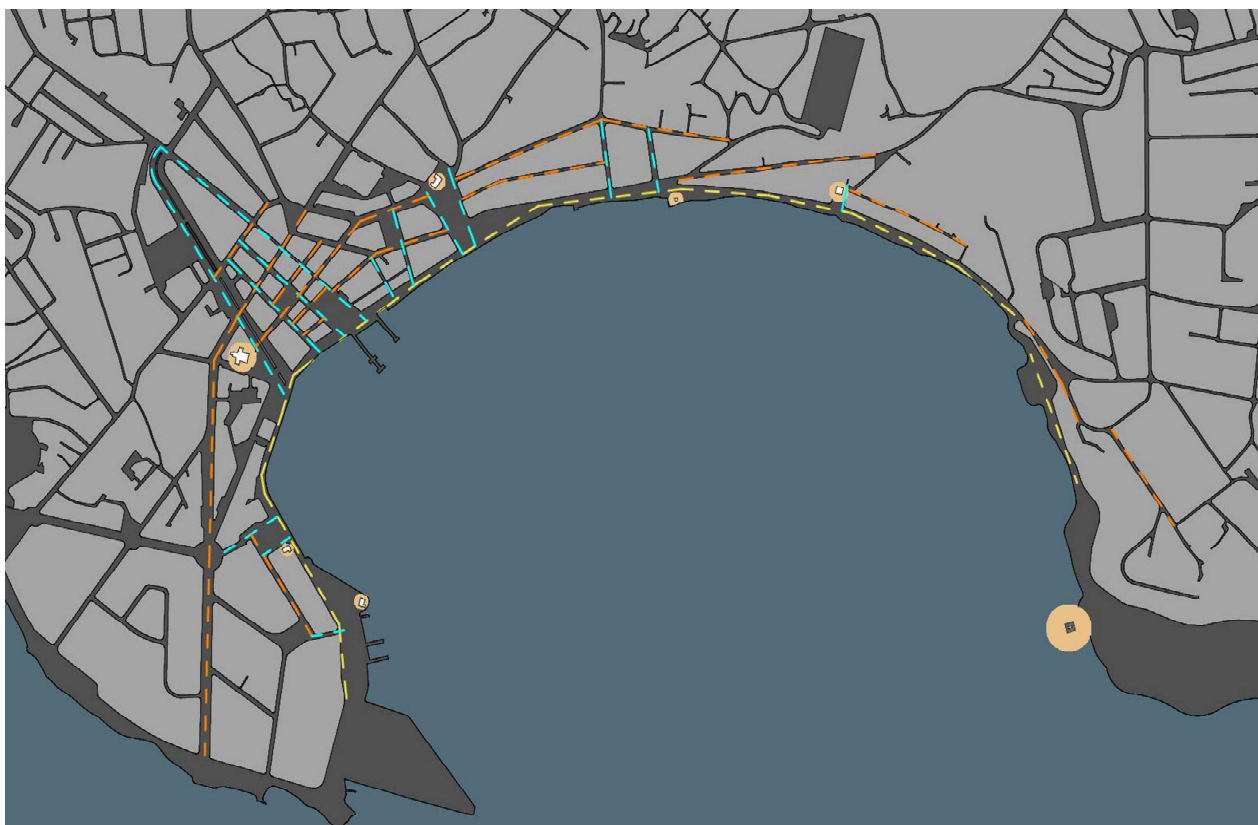


FIGURA 35 – TRAÇADO URBANO, VIAS PRINCIPAIS E AS IGREJAS – IMAGEM: AUTOR

Esta proposta pretende intervir e consolidar a estrutura existente, mantendo a memória e suas características, mas afinando e resolvendo parte das suas debilidades urbanas.

Pretende-se propor a consolidação da Avenida marginal e os seus espaços públicos principais, afetos às igrejas existentes. Utilizando as igrejas como elementos de ancoragem urbana, pretende-se estabelecer um percurso Nascente-Poente dinâmico, que permita não só devolver este espaço da cidade aos são-tomenses, mas também ser elemento gerador do seu crescimento consolidado. Tal crescimento para Poente, teria como destino e limite, uma nova igreja, a Igreja de São José.

Ainda que um dos principais objetivos do projeto final de mestrado seja a requalificação da avenida marginal, à medida que avançamos na direção poente, os acessos à avenida marginal e ao mar, para os habitantes dos bairros informais, diminuem. Por isso, querendo a avenida marginal servir como elemento de ligação dos diferentes tecidos urbanos, torna-se necessário a criação desses mesmos acessos, sob pena de a avenida marginal não cumprir totalmente o seu propósito.

Aplicando a mesma matriz histórica de São Tomé, propomos nesta fase, apenas a nível das vias a alteração no traçado, procurando estruturar uma malha urbana coesa e estruturada, sobre estes bairros informais, permitindo um crescimento homogêneo da cidade para poente e não a sua estagnação no período colonial e na cidade histórica.

Nas plantas dispostas conseguimos entender as vias principais e as diferenças no traçado.

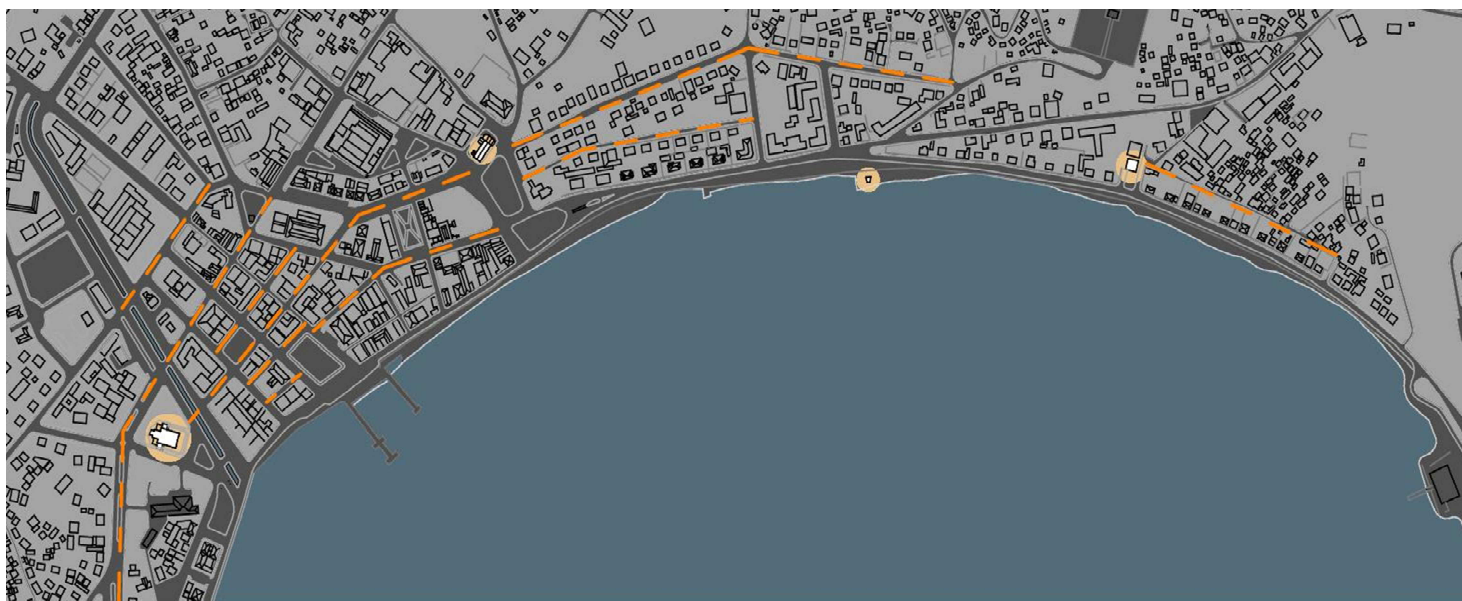


FIGURA 36 – VIAS EXISTENTES PARALELAS À COSTA – IMAGEM: AUTOR

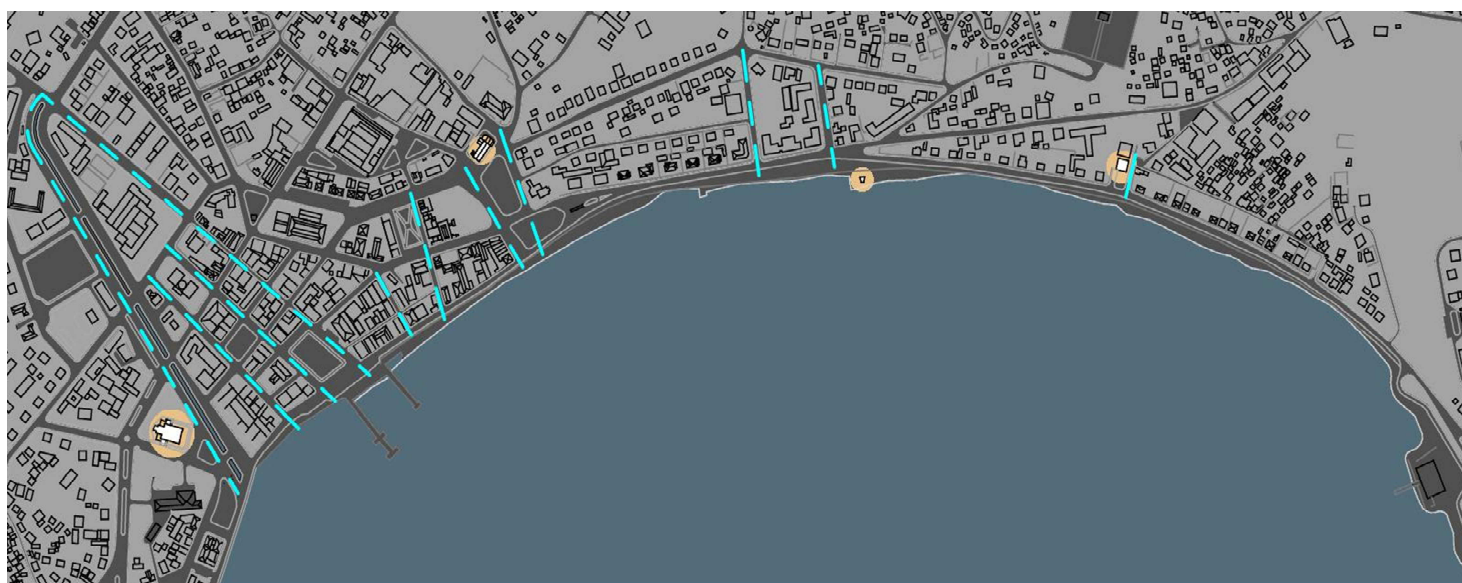


FIGURA 37 – VIAS EXISTENTES PERPENDICULARES À COSTA – IMAGEM: AUTOR



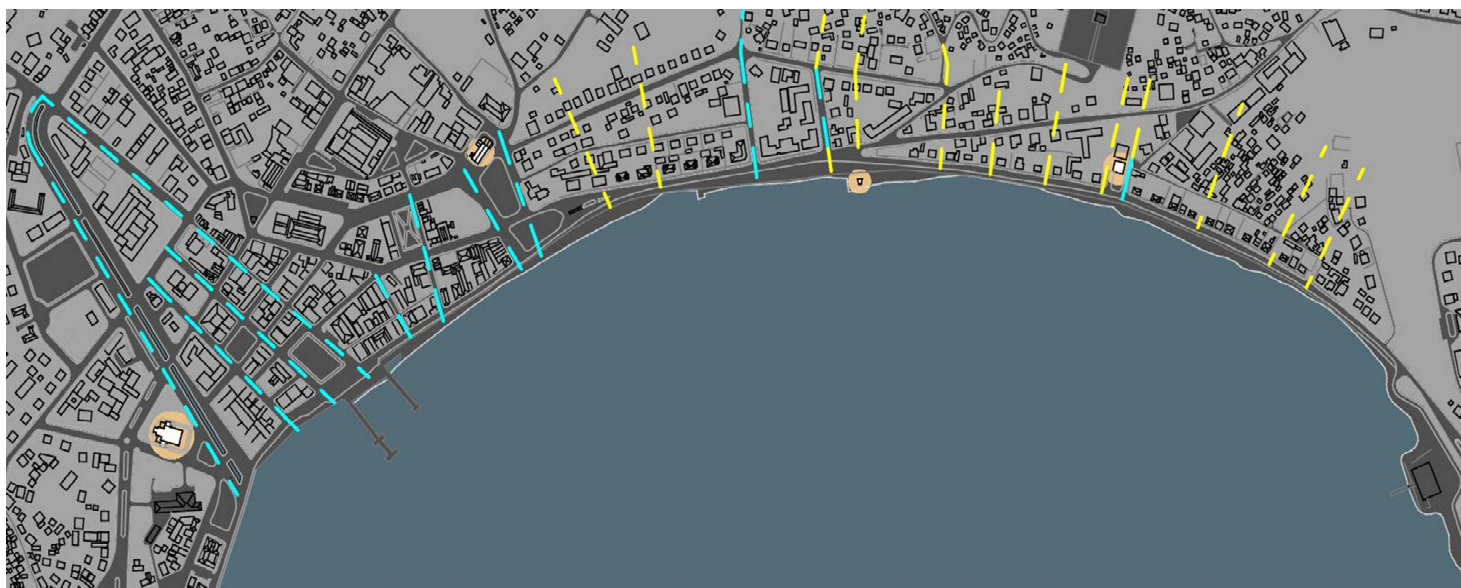


FIGURA 38 – PROPOSTA COM NOVAS VIAS – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 39 – PROPOSTA COM NOVAS VIAS – IMAGEM: AUTOR



### 3.4 - PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS URBANAS

Ao analisar o território próximo da avenida marginal, foram identificadas uma serie de debilidades no desenho urbano existente, nomeadamente:

Vias sobredimensionadas<sup>79</sup>,

A inexistência de passeadeiras de peões e a pouca largura de alguns passeios, que leva muitos habitantes a circular diretamente na via, potenciando a possibilidade de atropelamentos.

Falta de locais de estacionamento adequados e devidamente assinalados<sup>80</sup>.

Falta de um sistema de transportes públicos eficaz,<sup>81</sup> que pelo menos ligue os diversos pontos da marginal.

Falta de espaços verdes qualificados e tratados

Falta de espaços de paragem ao longo da marginal

Falta de pontos de água públicos

Neste ponto referimos apenas a abordagem geral as problemáticas da avenida marginal no seu todo, havendo, no entanto, a necessidade de reestruturação dos espaços públicos das igrejas de forma mais particular<sup>82</sup>. Grande parte do dinamismo e revitalização que propomos dar a avenida marginal, depende do interesse que os novos espaços públicos das igrejas vão conseguir gerar.

### 3.5 – INTERVENÇÃO URBANA

Face as problemáticas levantadas, propõe-se o seguinte:

Estreitamento das vias públicas: Vias com dois sentidos, passam a ter uma dimensão de 7 m de largura. Vias com um sentido passam a ter 3,5 m.

Aumento dos passeios para 5 m de largura nas vias principais e para 3 m nas vias secundárias.

---

<sup>79</sup>No caso da avenida marginal esta apresenta na sua maioria dimensões como 15 m de largura, tal como as vias principais perpendiculares a linha de costa, na cidade histórica. As vias secundárias, paralelas à linha de costa, apresentam larguras de cerca de 9,5 m, constituindo também exemplos de vias sobredimensionadas. O tráfego ocorre de forma deficiente e sem segurança. A largura excessiva das vias leva ao aumento da velocidade e consequentemente um elevado número de acidentes rodoviários, especialmente com a chamadas moto-táxi.

<sup>80</sup> A prática comum em São Tomé é simplesmente deixar o automóvel ou o motociclo parado na via pública. Tal facto é evidente no caso dos táxis, que junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição se concentram, ocupando a totalidade da Avenida da Conceição

<sup>81</sup> Atualmente as únicas maneiras de circular na cidade, é através dos moto-táxi, com os perigos já referidos, táxis convencionais ou as chamadas Toyota Hiace, carrinhas amarelas que assumem o perfil de um táxi coletivo.

<sup>82</sup> Tal constitui uma das principais premissas principais do projeto final de mestrado, a reestruturação da marginal, alicerçada nas igrejas

Criação de maior número de lugares de estacionamento e marcá-los de forma clara. Nas vias de maior dimensão, prever a criação de lugares de estacionamento paralelos à via.

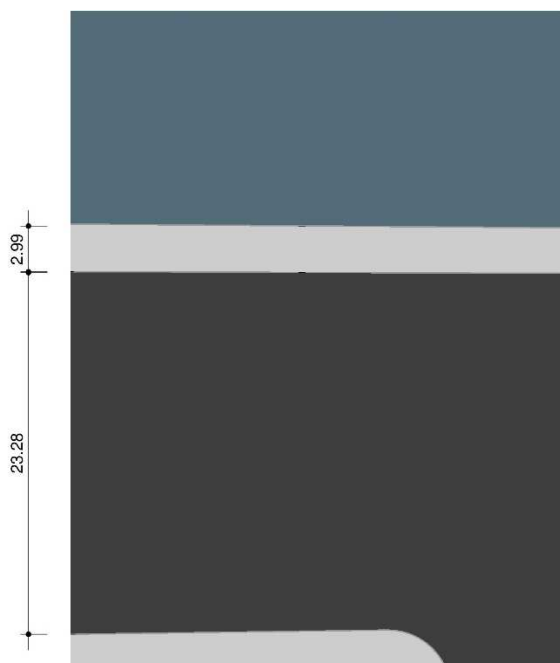


FIGURA 40 – ESQUEMA PERFIL DE RUA EXISTENTE– IMAGEM: AUTOR

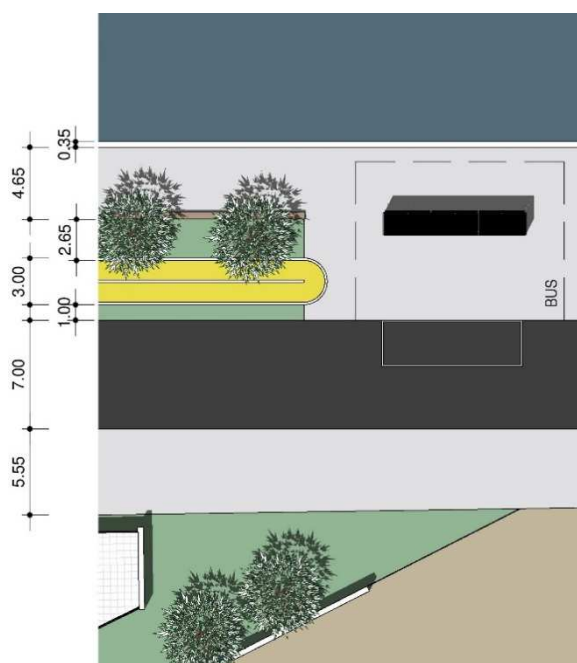


FIGURA 41 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR



FIGURA 42 - ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR

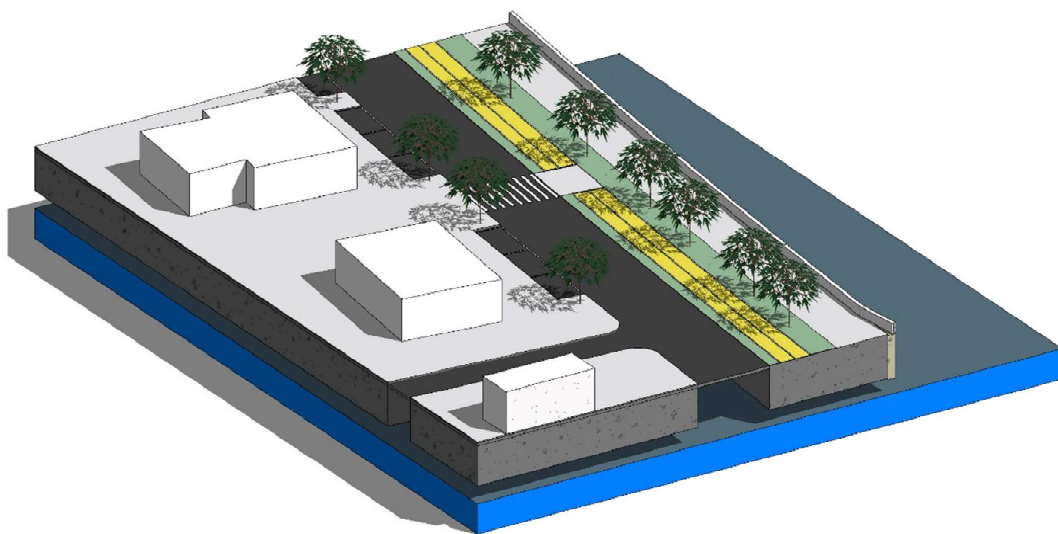


FIGURA 43 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR

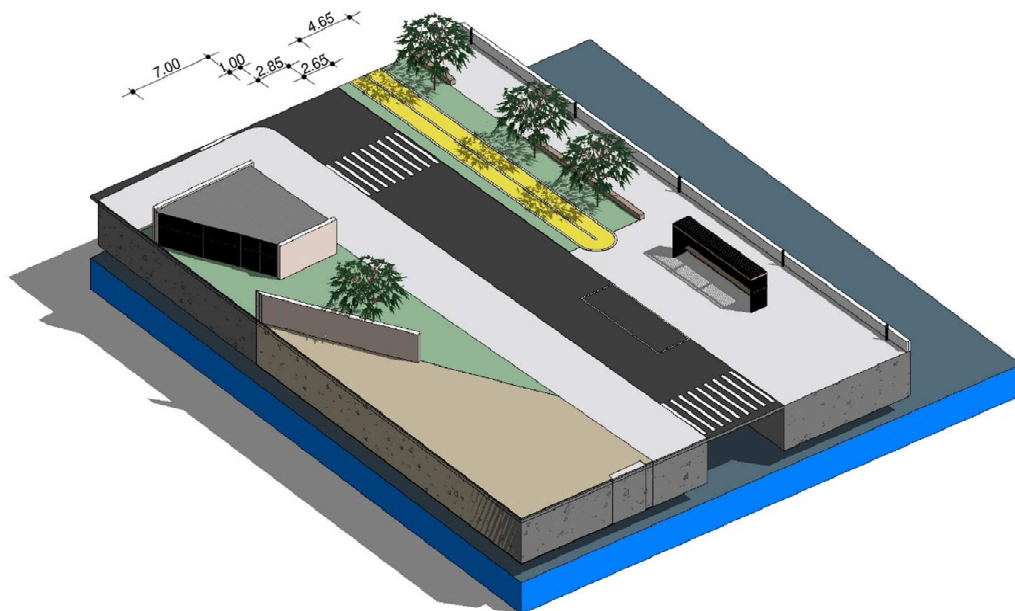


FIGURA 44 – ESQUEMA PERFIL DE RUA PROPOSTO– IMAGEM: AUTOR



FIGURA 45 – IMAGEM NOVO PERFIL DA RUA – IMAGEM: AUTOR

O perfil do passeio junto ao mar, propõem-se que seja criada uma primeira faixa de vegetação que separe estrada da via pedonal. A via pedonal, seria composta por uma ciclovia<sup>83</sup> com cerca de 3 m de largura, de dois sentidos, uma segunda faixa de vegetação com cerca de 3 m, onde possam ser plantadas árvores<sup>84</sup>. O passeio de circulação da avenida do lado mar, teria 5 m de largura, estando protegido pelos elementos referidos.

Ao muro colonial existente na avenida

marginal, pelo estado de degradação, propõe-se a criação de um totalmente novo, deixando algumas faixas como elemento escultórico.

Aumento, redesenho e revitalização dos espaços verdes existentes.

Estabelecer uma primeira linha de transporte publico coletivo, como autocarros, que permitam ligar os diferentes pontos da marginal, servindo assim como base para possível extensão para o resto da cidade.

Dotar a marginal de elementos de paragem como cafés e restaurantes, que possam tirar partido a sua relação com o mar<sup>85</sup>.

As praças das igrejas, serem zonas de Wi-fi gratuito<sup>86</sup>.

Aumento da quantidade candeeiros urbanos. Criação de elementos que permitam a utilização do percurso pedonal da avenida marginal, possa ser feito de noite e em segurança.



FIGURA 46 – REFERÊNCIA DE ILUMINAÇÃO NOTURNA – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

<sup>83</sup> Que ligue as várias igrejas tirando partido da pouca inclinação deste local.

<sup>84</sup> Quando aplicável, devem ser manter as árvores existentes.

<sup>85</sup> Estes deverão ser diferenciados de forma a não retirar a Marginal aos locais, mas também servir de chamariz ao Turismo e ao desenvolvimento.

<sup>86</sup> Em São Tomé, é comum ver grandes aglomerados de pessoas, especialmente jovens, juntos de estabelecimentos com wi-fi, como é o caso de alguns cafés, à porta dos hotéis, etc.





FIGURA 47 – VIAS INFORMAIS EM DIREÇÃO AO MAR - IMAGEM: AUTOR

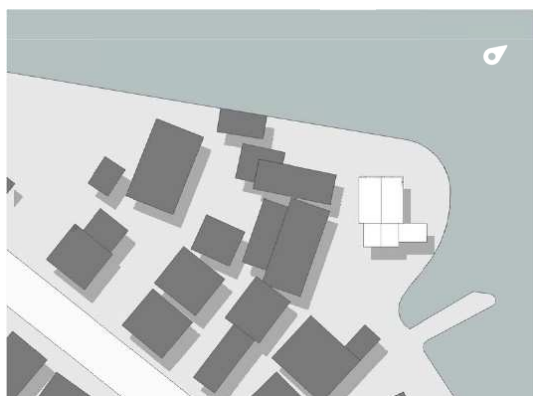


FIGURA 48 –EXISTENTE- IMAGEM: AUTOR



FIGURA 49 – PROPOSTA - IMAGEM: AUTOR

## PRAÇA A PRAÇA

### 01- IGREJA DO BOM DESPACHO

A igreja do Bom Despacho é a primeira igreja do percurso que pretendemos estabelecer. Encontra no braço nascente da Baía Ana Chaves, a cerca de 500 m do Forte de São Sebastião e a cerca de 200 da Igreja do Bom Jesus. A sua área de implantação é de cerca de 220 m<sup>2</sup> e encontra-se numa pequena praça informal com cerca de 1100 m<sup>2</sup>, delimitada por edifícios piscatórios e pelo mar que dá diretamente para a sua porta principal. Atualmente encontra-se algo isolada e a sua praça não tem uso, sendo apenas depósito de barcos e outros elementos dos pescadores. Encontra-se excessivamente escondida pelo edificado existente tendo pouca relação com o resto da cidade. Os espaços relevantes mais próximos, além da igreja do Bom Jesus já referida, são a praça Ex-Gago Coutinho, o espaço CACAU<sup>87</sup> e o parque popular.

A estratégia de intervenção urbana, procurou primeiramente abrir mais acessos pedonais à igreja e diminuir a densidade do edificado envolvente, aumentando a sua praça e permitir a igreja “respirar”. Partindo dos vazios existentes entre os edifícios, propõe-se rasgos que permitiam por um lado manter a ligação visual e física com o mar, por outro ligar o espaço público da igreja ao resto da cidade. Seguindo a lógica utilizada ao longo de todo o plano urbano, também se propõem a uniformização das vias e dos passeios. Neste caso particular, em vista a permitir uma continuidade pedonal e de forma a ligar as duas igrejas, propõem-se o alargamento do passeio em relação mar. O próprio pavimento de acesso à igreja e ao mar é diferenciado, sendo, no entanto, um elemento comum a todos os espaços públicos das igrejas, permitindo uma continuidade pedonal. Atendendo à proximidade com edifícios de carácter cultural, propõe-se a criação pequenos estúdios artísticos de diferentes escalas, que rematem a praça e que possam interagir com o edificado existente.

<sup>87</sup> Casa de Artes Criação Ambiente e Utopias



FIGURA 50 – FACHADA PRINCIPAL BOM DESPACHO – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 51 – VISTA DO MAR – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL

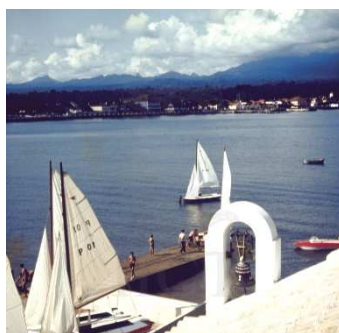


FIGURA 52 – VISTA PARA O MAR –  
IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO  
ULTRAMARINO



FIGURA 53 – VISTA DAS TRASEIRAS –  
IMAGEM: AUTOR



FIGURA 54 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 55 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 56 – IMAGEM FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: AUTOR

## 02- IGREJA DO BOM JESUS

A igreja do Bom Jesus encontra-se a cerca de 200 m da igreja do Bom Despacho e a cerca de 500 m da Igreja de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Da Graça. Esta encontra-se inserida no canto da praça, conhecida por parque UCCLA<sup>88</sup>. A Praça é rodeada pelos edifícios dos correios, pelo Cinema Marcelo da Veiga e pelo Parque popular, numa área total de 7.300 m<sup>2</sup>. Ao centro da praça há um espaço de jardim, mas bastante degradado. A escala da praça atualmente é pouco humanizada, sendo atravessada por grandes vias, que impedem a utilização pedonal deste espaço público. Depois os limites da mesma são poucos claros, com os edifícios confinantes muito afastado entre si. A estratégia de intervenção passou por diminuir a escala da praça e tornara-la mais humana, mais acolhedora e para uso pedonal. O redesenho dos limites da praça é feito através de muros com cerca de 2.5 m de altura, que geram alguma proteção das vias rodoviárias e concentram a atenção na vivencia da praça, na Igreja do Bom Jesus e no mar. Por trás desses muros, propõe-se a criação de lugares de estacionamento de forma evitar o congestionamento nesta área. Tendo em conta o edificado de caracter cultural e como elementos de delimitação da praça, são propostos dois edifícios. Um teatro<sup>89</sup> e um quiosque que sirva a praça e os que percorrem a avenida marginal. Os espaços verdes são redesenhados de forma a potenciar o ensombramento, sem quebras as relações visuais com o mar e a igreja. A maior parte da praça, é “invadida” por um pavimento novo em betão drenante com pigmento terra<sup>90</sup>. Propõem-se também a criação de uma serie de fontes de água transitáveis, embutidas no pavimento.

<sup>88</sup> União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa.

<sup>89</sup> O teatro, além do da componente cultural, no seu piso térreo sobre as suas arcadas, propõem-se a criação de um espaço de restauração e de café, convidando a fixação das pessoas na praça.

<sup>90</sup> Tal pavimento propõem-se que esteja presente em todas as praças das igrejas, sendo uns dos elementos que as liga todas entre si. Tal facto também se aplica nas fontes.





FIGURA 57 – IMAGEM FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 58 – FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 59 – FACHADA PRINCIPAL – IMAGEM: H.P.I.P. (PATRIMÓNIO DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA)



FIGURA 59 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR

### 3- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA (SÉ)

A igreja de Nossa Senhora da Graça é a igreja Principal de São Tomé, tendo por isso o título de Sé patriarcal. A igreja encontra-se a cerca de 450 m da Igreja do Bom Jesus e a cerca de 600 m da Igreja da Conceição. A sua praça assume um carácter institucional, pela sua escala e relação urbana com o palácio da presidência. Esta é delimitada por esse mesmo palácio e pelo rio de água grande, assumindo uma forma triangular, apesar dos seus limites não serem muito claros. A escala da mesma, tal como a igreja do Bom Jesus, é pouco humana<sup>91</sup>, com uma área de cerca de 25 000 m<sup>2</sup>.

A igreja aparece algo perdida, no espaço urbano. A relação com o palácio da presidência, é apenas visual, devido ao muro militar que o delimita, tal como a estrada de largura excessiva que atravessa o meio entre os dois espaços.

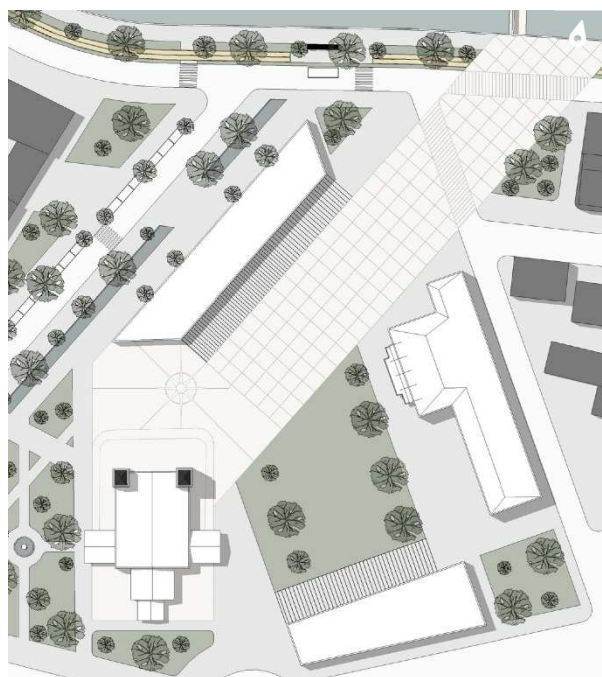


FIGURA 60 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR

Como estratégia de intervenção, propõem-se uma melhor ligação entre os dois edifícios. Para tal, propomos a demolição do muro militar e anulamento da estrada que separa os dois edifícios.

A forma da praça também alterada para aproximar de algo mais retangular e acolhedor, delimitada por dois novos equipamentos mistos e pelos novos espaços verdes. O programa dos novos equipamentos é constituído por restaurantes e cafés no piso térreo e serviços no piso superior.

O edifício mais alongado que corre paralelo ao rio, parece quebrar a visão para o mar da igreja, mas esse gesto é apenas momentâneo, este antes encaminha a visão na direção da igreja do Bom Despacho e também do mar. Como já referido, nas outras praças das igrejas, a praça da igreja da graça é rasgada pelo pavimento cor terra, levando os limites do pavimento em direção à igreja seguinte.

<sup>91</sup> Apesar da escala desmesurada, em casos de representatividade do poder tal dimensão pode ser intencional, apesar de ter que ser ainda assim devidamente enquadrada.







FIGURA 61 – FACHADA PRINCIPAL DA SÉ – IMAGEM: AUTOR



FIGURA 62 – PORTA PRINCIPAL –  
IMAGEM: AUTOR



FIGURA 63 – VISTA LATERAL  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 64 – VISTA LATERAL  
IMAGEM: AUTOR



FIGURA 65 – EXISTENTE – IMAGEM: AUTOR

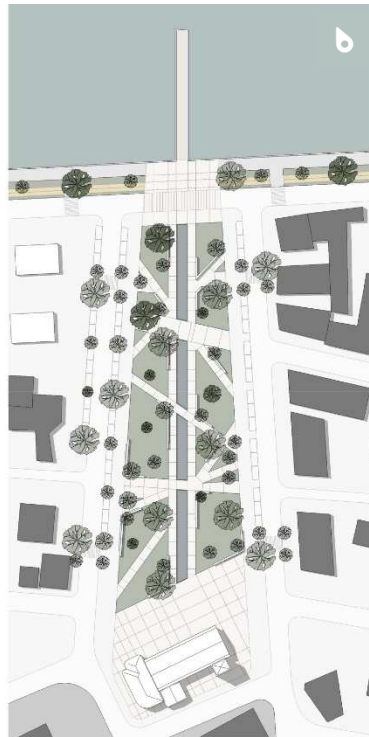


FIGURA 66 – PROPOSTA – IMAGEM: AUTOR

#### 4 – IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

A igreja da Conceição é a igreja mais próxima da zona dos mercados<sup>92</sup>. A igreja da Conceição, encontra-se no meio de um cruzamento de vias. Encontra-se a cerca de 600 m da Igreja da Graça e da capela de São Pedro. Atualmente é uma igreja sem espaço publico. Os espaços mais próximos relevantes são os mercados, mas também o seminário e a praça Yon Gato. Observa-se uma continuidade do espírito do mercado, para junto da igreja. De lado direito da igreja, situa-se um espaço vazio de terra batida que termina num jardim descaracterizado. O vazio, é

ocupado por vendedores, tornando-se como um mercado ao ar livre. A praça resultante deste vazio, é difícil de entender os seus limites, faltando-lhe o edificado que a remate. Estima-se que a “praça” tenha cerca de 10.000 m<sup>2</sup> de área. Como estratégia de intervenção, propõem-se, assumir o vazio como uma praça qualificada. Caracterizada por ser um jardim com ligação direta ao mar<sup>93</sup>. Espaço poderá ser apropriado para lazer e passeio, mas também ser ponto de venda<sup>94</sup>. A delimitação do jardim, surge do redesenho das vias, criando duas vias principais únicas com a possibilidade de estacionar paralelamente. O jardim é marcado por uma serie de planos cegos<sup>95</sup> em tijolo com bancos de madeira acoplados, que permitem criar pequenos nichos, onde as diversas famílias se podem reunir. Estes são rasgados por uma serie de atravessamentos, que apontam para diferentes elementos da cidade. Destaca-se o rasgo central, que atravessa todo o jardim. Nele um tanque. Este atua quase como um rio, ligando através da água a igreja e o mar e servindo como elemento de frescura e serenidade<sup>96</sup>.

<sup>92</sup> Trata-se de um dos locais mais caóticos da cidade, com um elevado tráfego automóvel e acumulação de pessoas que vão ao mercado.

<sup>93</sup> Sob a análise já feita anteriormente algo que os são-tomenses precisam é de facto, jardins qualificados, para poderem estar protegidos do sol, mas no exterior com a sua comunidade. Prova disso é a ocupação feita de espaços arborizados mesmo sem serem jardins qualificados

<sup>94</sup> Não se pretende retirar um uso já estabelecido deste espaço, mas antes dar-lhe enquadramento e dignidade

<sup>95</sup> Tais elementos, além das múltiplas espacialidades que permitem criar, pretendem funcionar com o elemento de coerência entre as várias praças das igrejas. Ainda que a vivência espacial seja variada, há esse elemento comum dado pelos muros de comum entre as várias praças.

<sup>96</sup> Neste ponto, confessamos a influência de Luís Barragán e a sua *Fuente del Bebedero*. A fonte aqui atua como um elemento de ligação de todo o espaço, sendo neste caso não rematada com um plano pintado de azul representativo do horizonte, mas o próprio horizonte infinito no mar.



FIGURA 67 – VISTA FRONTAL IMAGEM: SUPORTE AUTOR



FIGURA 68 – MERCADOS INFORMAIS  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 69 – PORTA LATERAL  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 70 – VISTA LATERAL  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



## 5 – CAPELA DE SÃO PEDRO



FIGURA 71 – EXISTENTE - IMAGEM: AUTOR



FIGURA 72 – PROPOSTA - IMAGEM: AUTOR

A capela de São Pedro é um pequeno edifício construído em forma de vela de barco. Não tem mais de 30 m<sup>2</sup> e encontra-se numa implantada num pequeno promontório sobre a praia, que mais corresponde a um alargamento do passeio, numa área não superior a 100 m<sup>2</sup>. É na sua maioria utilizada pelos pescadores, de quem São Pedro é padroeiro, daí a sua devoção. A capela encontra-se implantada sobre um pequeno promontório na própria praia. Existe uma grande devoção por parte dos são-tomenses a este local, especialmente pela sua relação com o mar.

A capela encontra-se exatamente junto ao cruzamento de duas vias, a avenida marginal e a estrada que vai em direção ao cemitério. Na estratégia de intervenção urbana, o redesenho das vias e uniformização das suas dimensões, permitiu desviar esse cruzamento, de forma a não ser no eixo da capela. Sobre esse mesmo eixo criou-se uma praça ajardinada com uma fonte de água ao centro. A praça encontra-se atravessada pela avenida marginal, mas a redução da dimensão da via permite que esta seja, ainda assim, vivida por quem visita a capela de São Pedro. Todo o espaço foi sofreu um aumento do número de lugares de estacionamento e dos espaços verdes.

Tendo em conta a devoção dos pescadores a esta capela, e para evitar o amontoamento de canoas na praia, propõem-se a criação de uma série de plataformas, tipo passadiço de apoio aos pescadores. As plataformas permitirão a atracagem dos barcos e facilitando o acesso dos pescadores à capela e à avenida Marginal. Sob as plataformas são propostos um série de pequenos equipamentos de apoio aos pescadores, tais como balneários públicos, espaços de armazenagem do peixe e material de pesca, espaços para venda do peixe, entre outros. Estes equipamentos terão a forma de barracões de madeira. A geometria triangular da plataforma no seu todo, é gerada pelos eixos visuais na direção das igrejas seguintes. Seguindo o limite da plataforma para nascente encontramos a torre da igreja da conceição e seguinte o limite para poente a igreja de São João Baptista que iremos falar a seguir.



A plataforma, tal como as outras igrejas é marcada pelo passadiço que se prolonga cerca de 50 m, na direção do oceano. Este tem com objetivo facilitar a passagem marítima entre igrejas durante as romarias. A romaria mais tradicional e conhecida é a dedicada é começada nesta capela.

FIGURA 73 – EXEMPLO DE ROMARIA AQUÁTICA  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



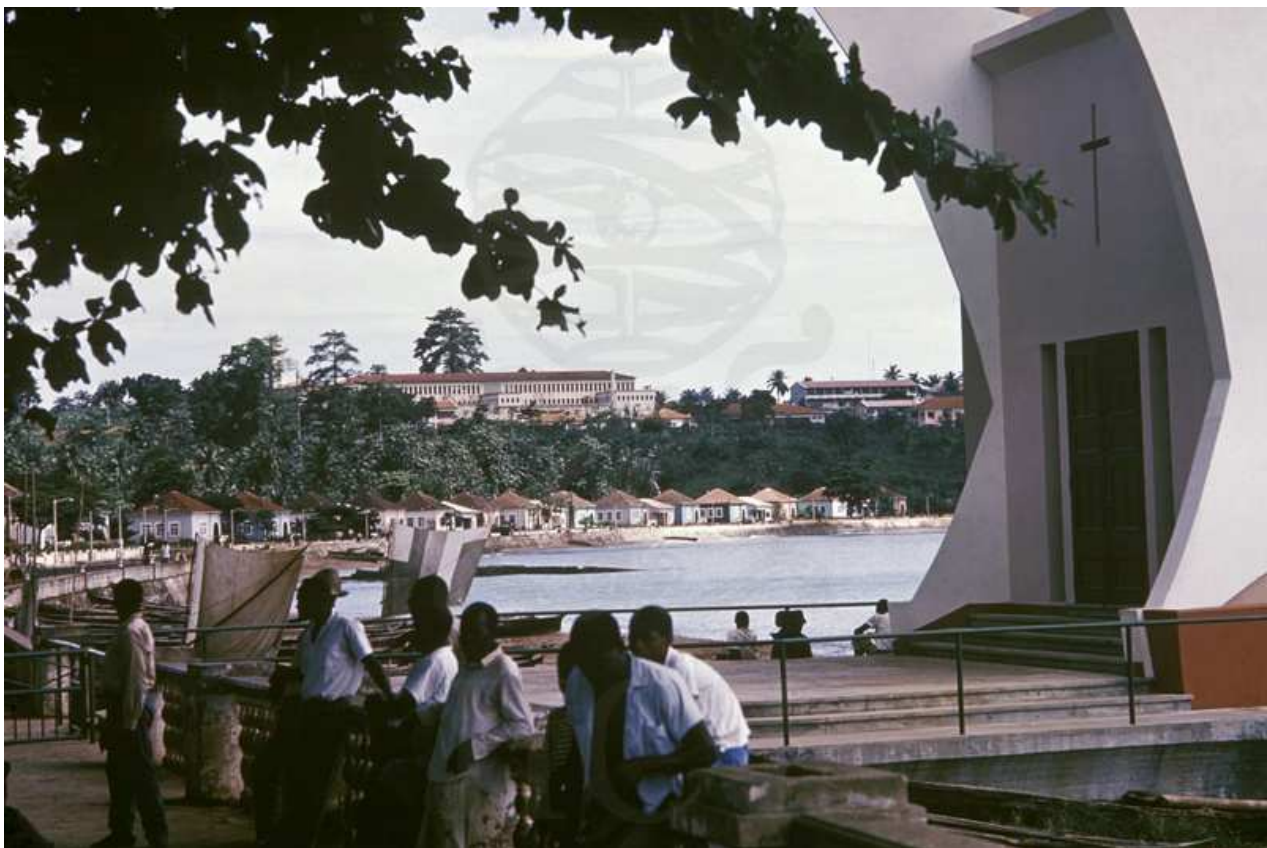


FIGURA 74 – ESPAÇO DA CAPELA – IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO



FIGURA 75 – ESPAÇO DA CAPELA  
– IMAGEM: ARQUIVO HISTÓRICO  
ULTRAMARINO



FIGURA 76 – ESPAÇO DA CAPELA  
– IMAGEM: AUTOR



FIGURA 77 – ESPAÇO DA  
CAPELA – IMAGEM: AUTOR

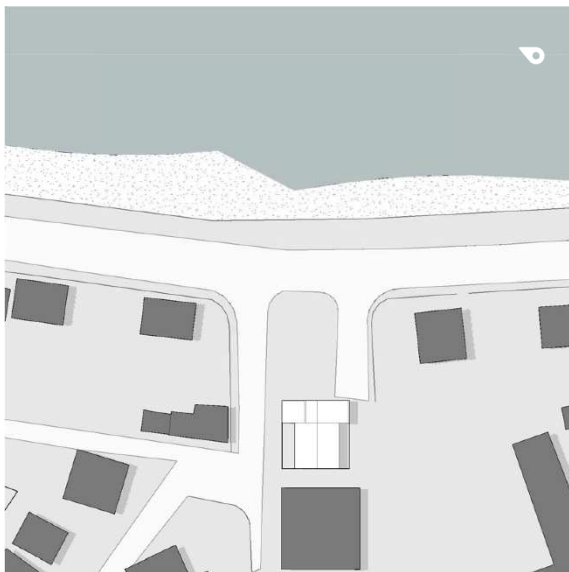


FIGURA 78 – EXISTENTE - IMAGEM: AUTOR



FIGURA 79 – PROPOSTA - IMAGEM: AUTOR

## 6-IGREJA DE SÃO JOÃO BAPTISTA

A igreja de São João Batista é a última do antigo percurso<sup>97</sup> feito entre as igrejas da avenida marginal. Constituindo durante grande parte da história de São Tomé, o limite poente da cidade, observa atualmente os efeitos da estagnação do desenvolvimento urbano. Encontrando-se praticamente nas traseiras do bairro informal<sup>98</sup>, aliado ao fraco desenvolvimento desta zona, a igreja caiu um pouco no esquecimento<sup>99</sup>.

A Igreja encontra-se a cerca de 400 m da capela de São Pedro e cerca de 1 km da nova igreja de São José.

A estratégia de intervenção urbana começou primeiro pela definição da sua praça. A praça atualmente com cerca de 1000 m<sup>2</sup>, é delimitada por dois muros das casas circundantes. O próprio acesso dos habitantes do bairro informal atrás da igreja é complicado e pouco convidativo. Por isso a primeira abordagem foi criar duas pequenas vias, que permitissem vir buscar pessoas ao bairro informal. Lançando também as bases para um assentamento mais ordenado.

Tendo em conta que o edificado circundante é na sua maior habitação, procurou-se criar uma praça mais intimista, um espaço exterior onde os habitantes possam vir meditar e descansar. A praça é marcada pelos mesmos planos de tijolo, que protegem o centro da praça que contem uma fonte.

Tenda a igreja como centro, em volta dela são propostos elementos de apoio às habitações como mais espaços verdes, pequenos equipamentos e cafés.

<sup>97</sup> Quando dizemos antigo, pressupomos a adição da nossa proposta a esse mesmo percurso.

<sup>98</sup> Aqui excluimos o conjunto de casas unifamiliares que se dispõem a partir de ponto para poente. Ainda que não correspondam a um crescimento natural da cidade histórica, demonstram alguma ordem e planeamento na sua implantação.

<sup>99</sup> A perda de uso e importância levou a que sua ocupação foi eventualmente alterada, sendo a igreja hoje um núcleo futebolístico do clube Sporting Clube de Portugal.



FIGURA 80 – ALÇADO FRONTAL – IMAGEM: AUTOR

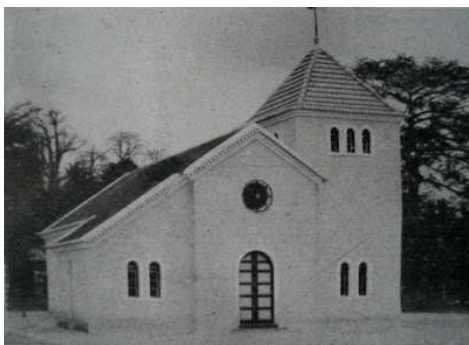


FIGURA 81 – IGREJA NO TEMPO COLONIAL –  
IMAGEM: SUPORTE DIGITAL



FIGURA 82 – VISTA LATERAL –  
IMAGEM: AUTOR



FIGURA 83 – PRAÇA DA  
IGREJA – IMAGEM: AUTOR



### 3.7 - PROPOSTA DESENVOLVIDA



FIGURA 84 – LOCAL DE IMPLANTAÇÃO – IMAGEM: AUTOR

#### 7 - A IGREJA DE SÃO JOSÉ – LUGAR DE ENCONTRO

O espaço proposto, além da componente urbana explicada no ponto anterior, tem como meta, ser grande anfitrião espiritual e social de todos os são-tomenses. Ser verdadeiro *lugar de encontro* como nos disse D. António Manuel<sup>100</sup>. Um espaço que cada são-tomense, seja de que condição for, possa clamar como seu e onde possa estar com os seus.

Como elemento final de um percurso que começa na igreja do Bom Despacho, passando pelas outras cinco igrejas e que termina aqui, a igreja de São José pretende ser a que acolhe todos. Apoiada pelas romarias e procissões existentes, na qual esta nova igreja se quer incluir, podemos colocar a hipótese, que a procissão “pegando” em cada habitante nos diferentes tecidos urbanos, conseguirá reunir todos os habitantes da cidade neste único espaço. Ainda que ambicioso, é um dos objetivos deste projeto.

O primeiro passo, abordado no plano urbano, foi estabelecer as condições para que este percurso possa ser estabelecido e utilizado. As melhorias na avenida marginal, assim como a reestruturação dos espaços públicos das igrejas colocadas ao longo do percurso, permitem que o surgimento da igreja de São José e seus espaços público, não seja um ato isolado, mas antes como um elemento natural de uma estrutura alargada. A igreja de São José, ainda que o elemento final da avenida marginal, não pretende tirar importância às restantes igrejas, mas antes pela ligação, coerência urbana e espiritual entre todas, reforçar a importância dos edifícios religiosos, para a cidade e para as pessoas.

Tendo em conta a pré-existência histórica referida no capítulo II, como local de implantação procurou-se aproximar ao local da mesma. Ainda que a localização desse local não seja clara, podemos deduzir que seria num local que permitisse boa visibilidade para o mar e para a cidade<sup>101</sup>.

<sup>100</sup> Bispo de São Tomé e Príncipe

<sup>101</sup> Colocamos esta hipótese, sobre a base de existência do forte de São José, que para efeitos defensivos, teria que ter estas características.

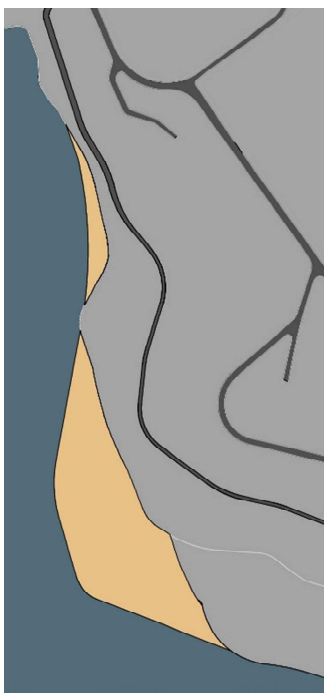


FIGURA 85 – ÁREA DE ATERRO –  
IMAGEM: AUTOR

Atualmente o acesso ao local de implantação é feito por uma pequena estrada, que dá acesso ao supermercado CKDO. A avenida marginal neste cruzamento termina, na medida em que segue para a esquerda, subindo em direção a norte e distanciando-se da costa e quebrando a sua relação com mar. A primeira abordagem passou exatamente por não quebrar essa ligação, mas seguir a matriz de desenvolvimento urbano de São Tomé e prolongar a marginal até à igreja seguinte, portanto até à igreja de São José<sup>102</sup>. Tal prolongamento, seguiu como linha orientadora a pequena estrada, mas manteve as dimensões e características da marginal na sua globalidade.

Propõem-se a demolição do supermercado CKDO, na medida em que este atua como elemento de perturbação visual do percurso estabelecido, não condizendo com a própria vivência que se pretende obter ao percorrer a avenida marginal até às igrejas.

Ao criar o aterro de assentamento deste complexo, procurou-se que este acompanhasse a topografia existente, para que fosse o mais natural possível e implicasse menos área de aterro<sup>103</sup>.

#### O JARDIM

Antes de chegarmos ao espaço da igreja, propõem-se a criação de um amplo jardim com cerca de 15.000 m<sup>2</sup>. Atendo à falta de jardins qualificados pela cidade São Tomé e em especial nesta zona poente, revelou-se necessário a criação de um espaço exterior de uso público. Este também vem no seguimento do aumento das áreas verdes qualificadas, propostas no plano urbano. Os espaços de jardim além de funcionarem como elemento de fixação das populações fora dos dias de celebrações religiosas, estes jardins procuram servir como o espaço que subtilmente e naturalmente vai induzindo o estado de alma antes de entrar no espaço assumidamente espiritual. Através deste jardim o frenesim da cidade, pode começar a acalmar e um estado mais sereno pode ser introduzido. Funcionarem com verdadeiros momentos de descanso do corpo e do espírito.

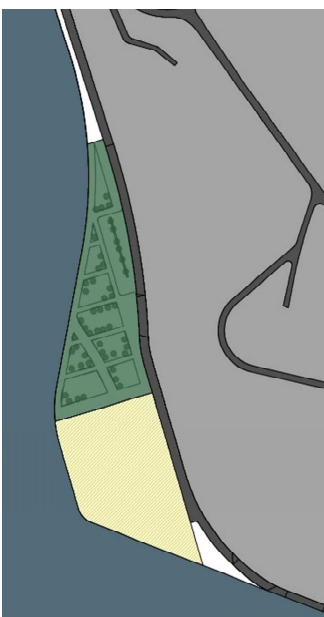


FIGURA 86 – ÁREA VERDE  
IMAGEM: AUTOR

<sup>102</sup> Ainda que não tenha desenvolvido neste projeto, a proposta de prolongamento da avenida marginal, pressupõem que esta futuramente, iria permitir ligar à baía Ana chaves à baía seguinte, não apenas terminar na igreja de São José, mas permitindo uma ligação constante com o mar. Atualmente esta ligação é feita pelo interior.

<sup>103</sup> A área total de aterro é cerca de 21.000 m<sup>2</sup>



FIGURA 87 – ÁREA DE JARDIM – IMAGEM: AUTOR

*“É muito importante destacar que o jardim (...), pode servir durante todas as estações do ano como a sala de estar para nos sentarmos, para comer, ou como lugar de reunião para os habitantes da casa. Queria poder comunicar o descanso psíquico e espiritual que podemos encontrar com o hábito de passar algumas horas por dia num jardim.”*

*“(...) inconscientemente, caímos na meditação espontânea sem esforço algum”*

*Luís Barragán<sup>104</sup>*



FIGURA 88 – AMBIENTE DO JARDIM – IMAGEM: AUTOR

Na procura de criar a sensação de acolhimento, propõe-se a criação de uma série de planos em tijolo aparente. Estes atuam como elementos de surpresa, criando enfiamentos visuais sobre o mar e a cidade. A existência destes planos procura enquadrar a paisagem, escondendo-a por momentos e revelando-a por outros. Através desta lógica de encaminhar o olhar através dos planos, seguindo o corredor central do jardim, é possível estabelecer a ligação a visual à igreja de São João Baptista, onde seguindo na direção oposta iremos encontrar a igreja de São José.

<sup>104</sup> Excerto da apresentação de Luis Barragán diante do conselho de Arquitetos de Califórnia e a Conferência de Serra Nevada, Coronado, 6 de Outubro de 1951)



FIGURA 89 – AMBIENTE DO JARDIM – IMAGEM: AUTOR

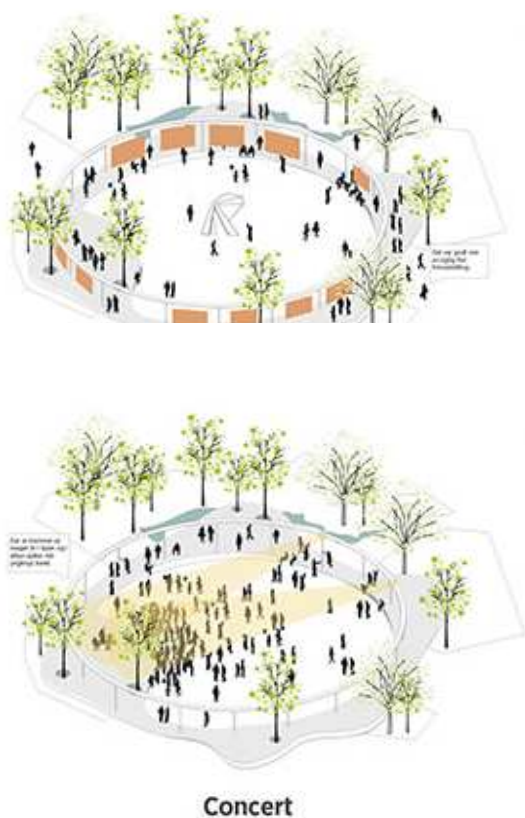


FIGURA 90 – IMAGENS ESQUEMÁTICAS DOS POSSÍVEIS USOS – IMAGEM: C.F. Møller Architects

A interseção destes vários planos cria pequenas praças ajardinadas, livres para a ocupação dos são-tomenses. Há a procura pela simplicidade no desenho destes planos, de maneira a que a sua apropriação possa ser a mais variada e livre possível. Seja nas praças ou nos inúmeros bancos, acoplados aos planos, o jardim é marcado por elementos que convidam a ficar e a utilizar. Desde a simples ocupação familiar, com pequenos piqueniques e reuniões ou eventos da comunidade como concertos, teatros, exposições, entre outros, arquitetura atua meramente como tela e elemento protetor, sendo o uso dado a estes espaços completamente entregue às pessoas.

No entanto, apesar da multiplicidade de utilizações que estas pequenas praças podem ter, a indução da serenidade espiritual na pré chegada à igreja, não se perde. Algo que permite os planos, até pela sua grossura de cerca de 1 m, é alguma privacidade entre praças. A introdução de pequenas fontes, e a consequentemente a introdução da sonoridade da água a correr das mesmas aliada aos sons do mar, dos pássaros das árvores, ainda que apenas em algumas praças, permite potenciar essa ambiência mais calma e contemplativa.

A criação deste jardim propõe esse primeiro estágio, antes da entrada do espaço da Igreja de São José. Um espaço de carácter comunitário, mas aberto à contemplação, numa procura de reduzir ao essencial, algo também presente na igreja de São José que iremos ver a seguir.



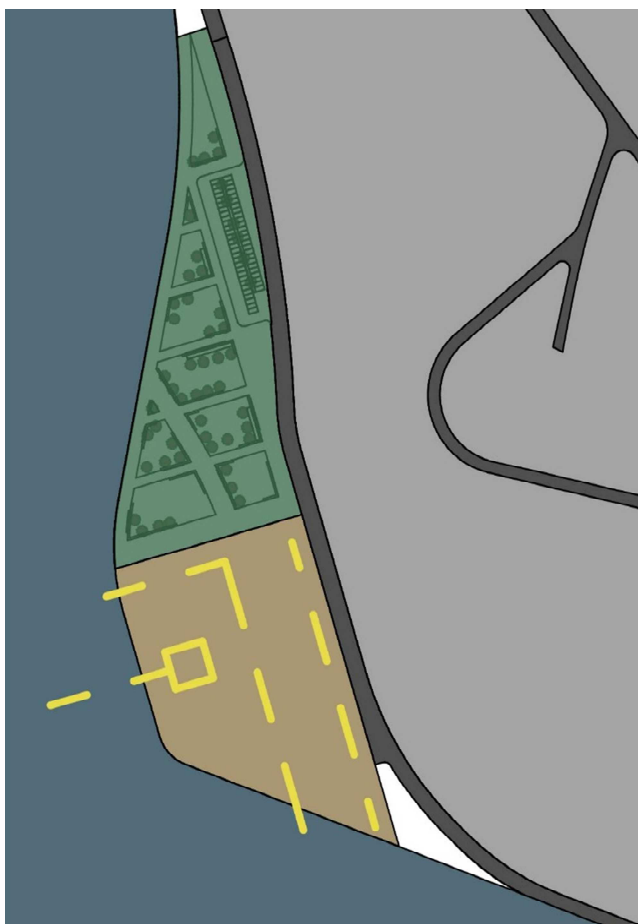


FIGURA 91- APURAMENTO DA FORMA  
IMAGEM: AUTOR



FIGURA 92 - CELEBRAÇÃO DA MISSA NO EXTERIOR DA SÉ  
IMAGEM: FACEBOOK D. ANTÓNIO MANUEL

## O PROJECTO – A IGREJA, PROCURA DA FORMA

As duas principais premissas na procura da forma deste projecto final de mestrado foram : Abertura e Simplicidade.

Quando referimos abertura, tal premissa parte primeiro da questão social. Social na medida em que a igreja de São José, pretende ser espaço que acolhe todos os habitantes de São Tomé, de todos os seus tecidos urbanos, de todos os seus extractos sociais, sem distinção. Segundo, parte da questão física e espacial. Como já referido anteriormente, sendo a igreja de São José, elemento final de um percurso, que será associado a romarias, cirios, e procissões, deverá que ter o espaço que permita receber todos os participantes dessas celebrações religiosas. Caso as populações de cada uma das seis igrejas, aderir à procissão, podemos colocar a hipótese de um número muito elevado de habitantes da cidade convergir para este ponto, para este centro. Tendo em conta que a população de São Tomé é de cerca de 55.000 pessoas<sup>105</sup>, e sendo na sua maioria religiosos, revela-se necessário um espaço que permita receber essas pessoas. Sobre a problemática de falta de espaço para todos, em São Tomé, por exemplo na Sé em dias de grandes celebrações, a prática comum é a passagem da celebração para o exterior. Outro elemento relevante que dá força a esta necessidade de abertura, é a relação com o mar. Algo particular nas igrejas de São Tomé, é o facto de estarem sempre de portas abertas, sem qualquer barreira visual ou física. Tal facto poderá ser devido a necessidade de ventilação, mas acaba também a gerar uma relação continua com o espaço exterior e com o mar. A própria celebração no exterior é algo bastante comum em África, em parte devido

<sup>105</sup> Segundo os dados da UCCLA, a população, segundo uma estimativa feita em 2005, é de 56.166 habitantes.



ao calor e as dimensões insuficientes dos seus edifícios religiosos.

Apesar da abertura social e espacial pretendida na igreja, esta não deve, no entanto, perder o seu intuito espiritual. Esse foi um dos principais desafios deste exercício de projeto, a conceção de uma igreja exterior, mas que conseguisse manter o recolhimento interior necessário.

A Segunda premissa, a simplicidade advém primeiramente da necessidade de otimizar os recursos. Ainda que seja uma intervenção com dimensão<sup>106</sup>, a realidade económica de São Tomé pede uma intervenção que tenha a preocupação de conter os recursos que utiliza, mas também de criar algo não ostensivo e desmesurado. Antes procurar um espaço que possa servir os são-tomenses e possa ter em conta a sua escala, uma igreja humanizada. As materialidades utilizadas procuram essa pureza. Em resumo podemos reduzir todo o espaço a quatro materiais crus essenciais, todos eles locais: a madeira, o tijolo, a terra e a Cor<sup>107</sup>.

Na procura da forma do projeto procurou-se essa simplicidade, no estabelecimento do espaço com um pequeno gesto. O pequeno gesto, mais do que simples procura-se que seja despojado. Muitos religiosos acreditavam no despojamento como forma de melhor experienciar o transcendente. Neste aspeto a simplicidade e despojamento dos muros de Barragán, referido nos casos de estudo, induz esse estado de alma.

---

<sup>106</sup> Tal como o plano urbano, apesar deste ser faseado.

<sup>107</sup> O projeto, apesar de ser marcado com várias cores, aparece para maior clareza como um único material

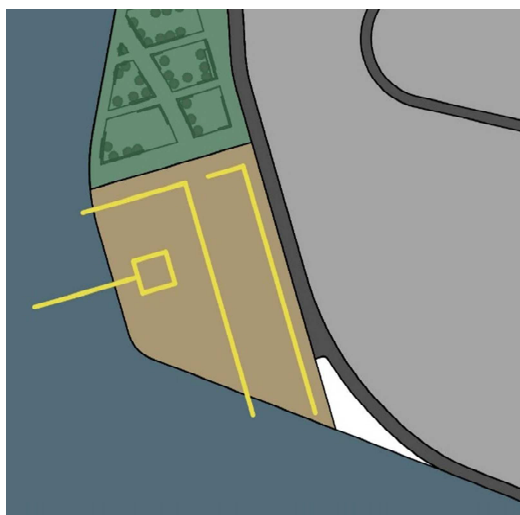


FIGURA 93 – ESQUEMA DA FORMA - IMAGEM: AUTOR

O projeto descrição sumária:

O acesso ao espaço é normalmente feito pela avenida marginal, podendo ser feito de carro<sup>108</sup> ou a pé<sup>109</sup>, mas também de barco<sup>110</sup>, acedendo pela igreja.

Os limites da proposta são estabelecidos por dois muros em L, que se prolongam até ao mar. O primeiro muro, que corresponde ao alçado norte, é um plano cego com cerca de 150 m comprimento e 4 de altura. Este, dobra junto ao jardim, delimitando o espaço dos equipamentos de apoio à comunidade e fazendo a ligação ao espaço da igreja. A passagem para interior do complexo proposto é feita através de rasgos pontuais no muro.

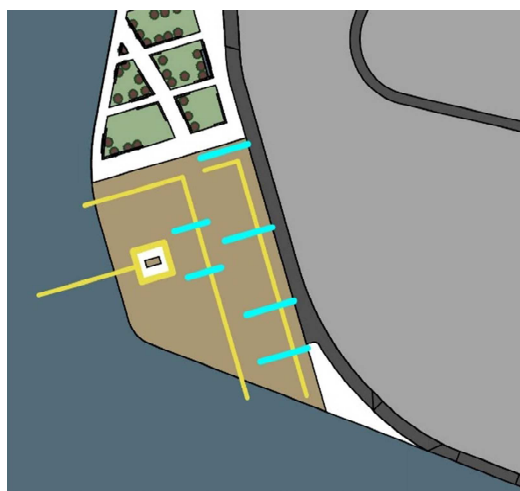


FIGURA 94 – ESQUEMA DA FORMA - IMAGEM: AUTOR

O segundo muro a nível geométrico, segue a mesma lógica do primeiro, delimitando o espaço da igreja.

A criação dos muros tem como intenção a valorizar e proteger o que se encontra no seu interior, criando mistério à medida que vamos descobrindo o espaço<sup>111</sup>. Apesar de ser um espaço de carácter público, o muro induz essa entrada num espaço mais pessoal, semiprivado. Ao entrar no espaço da igreja, apercebemos da importância da barreira visual e física, somos levados a centrar a visão no mar, na capela ao centro<sup>112</sup>. Sobre o “abraço” do muro referido, estão os espaços principais da Igreja: Capela principal, Assembleia, Capelas laterais, Batistério e o Coro.

<sup>108</sup> Tal como no restante plano urbano, este espaço foi dotado de cerca de 93 lugares de estacionamento, de forma a evitar os congestionamentos e caos automóvel que se sente por vezes na cidade.

<sup>109</sup> Como já referido no ponto descritivo do Jardim que antecede a Igreja, o percurso feito a pé, permite viver melhor o espaço, na medida em que pode introduzir o estado de espírito mais adequado.

<sup>110</sup> No contexto das romarias, todas as igrejas foram dotadas de passadiços que facilitam o acesso dos barcos às igrejas. Estes atuam também com um prolongamento da própria igreja para o mar, encontrando no extremo desses passadiços, um pequeno oratório dedicado ao santo da respetiva igreja.

<sup>111</sup> Como fonte de inspiração, devemos referir o Santuário de Nossa Senhora do Cabo no Cabo Espichel. Neste espaço, também num primeiro momento, encontramos uma barreira física e visual. Os claustros, aqui como verdadeiros muros não nos deixam ver, mas após a passagem de um pequeno portal, somos expostos ao Mar com mais intensidade e profundidade. O Cabo espichel ganha o seu valor, exatamente porque não nos foi logo revelado logo, mas apenas passando um determinado limite físico e visual.

<sup>112</sup> O muro permite gerar a sensação de proteção, distinguido este espaço da rua. Ainda que seja espaço exterior, gera-se a sensação de acolhimento, necessário para a vivência espiritual



FIGURA 95 – CAPELA - IMAGEM: AUTOR

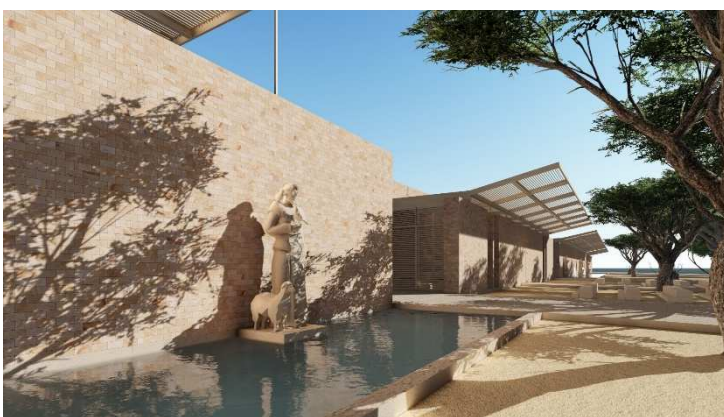


FIGURA 96 – CAPELAS LATERAIS - IMAGEM: AUTOR

A Capela principal<sup>113</sup>, é onde a eucaristia é celebrada. É caracterizada por quatro planos brancos, perpendiculares entre si, que geram os espaços da sacristia e mais duas salas de apoio. Estes são rasgados ao centro por um eixo, que liga visualmente o altar, sacrário e o mar<sup>114</sup>.

Toda a capela é marcada pela cor branca, desde do pavimento ao altar, excetuando o sacrário. Este em estrutura de madeira, assume a cor dourada<sup>115</sup>, sendo o único elemento que intencionalmente destoa do restante.

Como elemento de proteção do sol e da chuva, apoiada nos planos brancos, é proposta uma cobertura de madeira em consola<sup>116</sup>, rasgada por um pequeno óculo retangular que ilumina o altar e o sacrário.

Atendendo o caso de celebrações mais pequenas, a capela pode ser semifechada. De dois rasgos nos planos brancos, é possível retirar uma estrutura de portas de correr<sup>117</sup>, que fecha a capela lateralmente<sup>118</sup>.

Por detrás da capela principal, alinhado sobre o eixo já referido anteriormente, temos o Batistério. Sobre a sombra de duas árvores, o batistério assume a

<sup>113</sup> Espaço quadrangular ao centro do espaço, indicado no esquema.

<sup>114</sup> A intencionalidade deste rasgo, passa pela ligação dos três elementos de carácter mais transcendente na igreja, a celebração eucarística no altar, a hóstia consagrada no sacrário e a linha infinita do horizonte no mar.

<sup>115</sup> A cor dourada assume aqui dois papeis, primeiro a representação da majestade e nobreza de Jesus Cristo, depois o da representatividade da luz solar.

<sup>116</sup> A opção por uma cobertura em consola, sem pilares, é para evitar criar elementos que provoquem ruído visual. Tanto em situações de celebrações eucarísticas como de simples contemplação.

<sup>117</sup> Com uma estrutura de abertura em harmónio, estas poderão ser arrumadas no volume branco

<sup>118</sup> A capela mesmo no modo fechado, não é encerrada totalmente, permitindo ainda a vivência da igreja exterior. A proposta procura a comunhão entre o espírito e a natureza, portanto optou-se por não encerrar totalmente, mas criar através dos planos de madeira uma escala mais convidativa e humana, igualmente capaz de apreciar o exterior.

forma de uma pia batismal de maiores dimensões.

A Assembleia, que corresponde a todo o espaço compreendido entre muros, para além das capelas, tem uma capacidade para cerca de 1500 pessoas sentadas<sup>119</sup>. O chão da assembleia é em areia local, evocando neste espaço a naturalidade e conforto de uma praia<sup>120</sup>. Os espaços de circulação e de acesso ao altar, de forma facilitar a circulação propõe-se um pavimento rígido<sup>121</sup>, em continuidade com o utilizado no resto do complexo.

Para o espaço da assembleia, propõem-se ainda a colocação de uma serie de árvores. Estas servirão com elemento de proteção do sol e da chuva<sup>122</sup>, sendo a cobertura natural da igreja<sup>123</sup>

Junto da assembleia, encostadas aos muros que delimitam o espaço da igreja, encontramos as capelas laterais. Optou-se por não criar os habituais nichos, mas antes deixar as imagens dos santos, simplesmente expostas. Com o muro como tela, as imagens assentam sobre pequenas plataformas, que “flutuam” sobre pequenos tanques, para onde fontes embutidas nos muros jorram água<sup>124</sup>.

De forma a proteger as imagens da chuva e proporcionar sombra e um ambiente mais contido aos são-tomenses que as veneram, os muros que limitam o espaço, dobram-se gerando pequenos telheiros.

Por cima das capelas laterais, a cerca de 3 m de altura, temos o coro. O acesso ao mesmo é feito pelo exterior do complexo, podendo ser feito através de uma rampa que acompanha toda a largura da igreja, ou através de uma escada próxima da mesma. O espaço destina-se receber os cantores e animadores da celebração<sup>125</sup>, mas também figuras institucionais, existindo por isso também a dobragem do muro, de forma resguardar este espaço.

O acesso ao coro, marca também o início de um percurso que liga os diferentes pontos do complexo proposto.

Nas “costas” do muro que delimita o espaço da igreja, dispõem-se os edifícios de apoio à comunidade. Propõem-se a criação de três edifícios: Um centro de dia, uma creche e um espaço de galeria/biblioteca. Como espaços anexos, que finalizam a volumetria, propomos ainda um depósito de recolha da água das chuvas, um espaço de cozinha comunitária, uns balneários públicos e um espaço para lavagem da roupa.

---

<sup>119</sup> Este cálculo é feito com a disposição, de forma a garantir o mínimo de visibilidade para o altar e considerando a ocupação de 60 cm por pessoa num banco de 5 m de comprimento.

<sup>120</sup> Esta materialidade também permite, em caso de celebrações que excedam os números previstos, a dispensa dos bancos de madeira, sentando-se as pessoas diretamente no chão.

<sup>121</sup> O pavimento utilizado propõe-se, o betão drenante, com um pigmento cor terra.

<sup>122</sup> Nos dias mais chuvosos, prevê-se a aplicação de tecidos em tensão, presos aos troncos das diversas árvores.

<sup>123</sup> Além da parte prática, de criar sombra num espaço aberto de forma natural, tomamos por inspiração o Mosteiro dos Jerónimos, onde as suas colunas e abobas, parecem evocar uma grande floresta.

<sup>124</sup> É importante salientar a água correr. Além do efeito sonoro que induz à meditação, é importante que as águas não estejam estagnadas, de forma a evitar os mosquitos.

<sup>125</sup> O espaço do coro é bastante importante na cultura africana, a musicalidade que imprimem as celebrações é algo de salientar. Parte dessa análise é feita no capítulo II.

O percurso referido no coro, assume-se com o elemento de ligação entre a igreja e os diversos equipamentos. Este percurso é feito na cota superior dos mesmos, permitindo criar novos pontos de vistas, além dos obtidos no piso térreo.

A nível do piso térreo os edifícios são articulados por uma praça central quadrangular e um corredor aberto em direção ao mar, paralelo ao muro da igreja. Os limites da praça são definidos pelo centro de dia e pela creche e pelos dois muros, já referidos. No centro da praça, um vazio circular é rematado com um banco de madeira onde a comunidade se pode sentar. O mesmo vazio delimita o terreno onde uma árvore de grande porte possa ser colocada<sup>126</sup>.

Os edifícios de apoio a comunidade, são também eles definidos pela interseção de planos cegos em tijolo. Os vazios resultantes desse jogo de planos, que constituem os acessos aos edifícios, são rematados com vãos tipo estore laminado de madeira<sup>127</sup>. Para entrada de luz, mas de forma controlada, são criados pátios.

Os Pátios, constituem o elemento central dos edifícios, replicando a vivência na praça central, mas de forma mais privada. Estes, tendo em conta a cultura são-tomense muito marcada pela cor, tem como apontamento plano colorido, do qual sai também uma fonte, que jorra água para um pequeno tanque. A fonte aqui tal como utilizada em outros locais do projeto, pretende refrescar o espaço e seus utilizadores, além da sonoridade que imprime, como já referido. O interior dos dois edifícios é bastante semelhante. Estes organizam-se em volta do pátio. A entrada temos um corredor que dá para o volume das casas de banho e gabinete médico. Do lado oposto do pátio, um plano paralelo separa a realidade das cozinhas e refeições das zonas de estar<sup>128</sup>. Estes planos constituem os únicos elementos rígidos<sup>129</sup>, sendo os restantes espaços separados pelos planos tipo estore laminado de madeira, já referidos. Estes pretendem dar ao espaço grande flexibilidade, podendo suportar alterações de usos e vivências. O edifício da creche tem a particularidade de ser atravessado pela rampa que leva aos terraços superiores. No piso dos terraços podemos atravessar toda a praça, através de um passadiço suportado em consola, no muro de delimitação. O passadiço liga os dois edifícios referidos, criando por baixo como que um alpendre, onde as pessoas podem estar abrigadas.

O edifício da galeria é o mais simples do conjunto. Delimitado a norte a sul por planos cegos de tijolo, o seu interior é um corredor largo, composto pelos planos de madeiras em madeira laminada. Estes são abertos para uma pequena praça de estar, caracterizada pelo pavimento colorido e por uma fonte de água. O alçado oposto, é marcado pelos mesmos planos de madeira, criando uma transparência em todo o edifício que pode ser totalmente atravessado visualmente.

---

<sup>126</sup> A proposta é a colocação de um embondeiro, um árvore de grande porte africana, onde além do seu aspeto milenar, existindo mesmo povos africanos que dizem que os embondeiros já nascem velhos, é uma árvore que permite por vezes, como o seu interior fica oco, a ocupação pelas crianças do seu interior. Pretende-se aqui relacionar as duas culturas, a cultura cristã presente na capela principal com a cultura africana, que é marcada pela centralidade da natureza, sendo esta árvore muitas vezes chamada de a *“árvore sagrada”*

<sup>127</sup> A utilização deste tipo de solução permite o controlo da luz, tal como permite a circulação de ar fresco, que passa entra as frestas. Neste projeto não se utiliza vãos de vidro, mas vai-se ao encontro de soluções mais tradicionais.

<sup>128</sup> No centro de dia foi criado um espaço que possa receber o sacerdote, como espaço de apoio e descanso.

<sup>129</sup> Além da estrutura.

O uso deste edifício é livre. Pode ser utilizado como espaço de galeria para os artistas locais, como local de biblioteca ou sala de estudo, entre outros.

Junto ao espaço da galeria, foram criados dois espaços simples, mas bastante necessários para a comunidade são-tomense. Uma zona de lavagem de roupa, com tanques próprios com espaço de secagem<sup>130</sup> e uma zona de cozinha comunitária. A coxinha comunitária, busca dar melhores condições de confeção dos alimentos no dia a dia<sup>131</sup>, mas também servir as festas dos santos populares. A proposta procura potenciar essas mesmas celebrações “atrás da igreja”, tão características da vivência espiritual de São Tomé. Mantendo a mesma linguagem simples e crua, do tijolo e da madeira, ao interior destes espaços é aplicada a marcação de uma cor forte, permitindo um certo dinamismo, alegria e fácil identificação.

Debaixo do coro<sup>132</sup>, num espaço resguardado, no alinhamento dos espaços referidos, é proposta a criação de balneários públicos, masculinos e femininos.

Como edifício final que remata o conjunto dos equipamentos, é proposto um depósito de água das chuvas<sup>133</sup>. Este é marcado por um grande tanque triangular, tendo como objetivo ajudar a servir as necessidades hídricas deste complexo, nomeadamente a suas fontes, zonas de lavagem e balneários públicos. O edifício atua ainda, subindo uma escada de acesso tanque, como miradouro sobre o mar.

---

<sup>130</sup> A problemática de lavagem da roupa é algo bem presente nos são-tomenses. Ao percorrer a ilha é bastante comum, ver os habitantes a lavar grandes quantidades de roupa no rio e a pô-lo a secar nas suas margens. Além da pouca eficiência e esforço de tal prática, é bastante poluente para os rios.

<sup>131</sup> Atualmente ainda se assiste a péssimas condições de confeção e higiene em São Tomé, especialmente nos seus bairros informais. Estas debilidades levam a graves problemas de nutrição e de doenças nas crianças. O objetivo da proposta, é proporcionar pelos menos um local, onde essas refeições possam ser confeccionadas com mais higiene e qualidade.

<sup>132</sup> Entrando por baixo do passadiço que liga o coro ao terraço do centro de dia, ou pelo rasgo no muro antes da escada.

<sup>133</sup> Note-se que antes da utilização da água teria de ser sujeita tratamento com os respetivos produtos, antes da sua utilização. Tal como as fontes propostas, o tanque em questão teria um sistema de movimentação das águas, evitando as águas estagnadas e doenças associadas.



### 3.8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto urbano são-tomense atual é indissociável da sua matriz histórica. Após o desenvolvimento deste projeto final de mestrado, é algo que podemos concluir com assertividade. O maior ou menor sucesso no assentamento urbano ao longo da sua evolução, ficou-se a dever a utilização ou não dos conhecimentos adquiridos com a história. Olhando para o passado recente de são-tomé, observamos que os critérios que nortearam o desenvolvimento da cidade ao longo da história, não foram posteriormente aplicados. A falta de atenção a esses ensinamentos, levou ao abandono e degradação dos seus elementos principais, nomeadamente a avenida marginal e as igrejas.

O objetivo do projeto final de mestrado, passou por compreender de que forma a avenida marginal e as igrejas influenciaram o crescimento da cidade de São Tomé no passado e como que, através desses mesmos elementos se podiam estabelecer as bases para o seu desenvolvimento futuro.

No decorrer do processo de análise histórica, apurou-se essa mesma importância. O processo de crescimento de São Tomé, simplificando numa frase, foi *estabelecimento de um percurso*. A cidade ia-se expandindo, a avenida marginal ia crescendo, de forma a unir-se a última igreja construída fora dos seus limites. Sobre essas ligações a cidade foi crescendo e sob esta estrutura foi prosperando.

As características urbanas e arquitetónicas deste projeto pretenderam potenciar a continuação desse mesmo *percurso*. Potenciar o contínuo desenvolvimento da cidade de São Tomé, com olhos no futuro, mas não desprezando as peças que a fizeram nascer.

Outro objetivo deste projeto final de mestrado, foi a de criar um espaço que evocasse a o a espiritualidade vivida em comunidade na natureza e como fazer de forma simples e despojada. Como um simples muro e alguma sombra, podem ser o suficiente para induzir o espírito contemplativo.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Pedro Marques de – Palácios da Memória II – Tese de Doutoramento, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2007 (Documento policopiado)
- ALEXANDER, Christopher e outros, A Pattern Language - Towns. Buildings Construction., Oxford University Press, New York, 1977.
- 1 ANDRADE, Rodrigo Rebelo de - As Roças de São Tomé e Príncipe, Lisboa:
- ARGAN, Giulio Carlo, História da Arte como História da Cidade, Edição brasileira, Livraria Martins Fontes Editora Presença, Lisboa, 1984.
- AYMONINO, Carlo, O Significado das Cidades, Editorial Presença, Lisboa, 1984.
- BENEVOLO, Leonardo, Diseño de la ciudad, vols. I, II, III, IV e V, Editorial GG, Barcelona, 1978.
- CAMINOS, Horacio; GOETHERT, Reinhard, Elementos de Urbanización, Editorial GG, México, 1984.
- CARVALHO, Ana Margarida. São Tomé e Príncipe -África: 30 anos depois, edição temática da revista Visão, Cascais, 2006
- CHOAY, Françoise, A Alegoria do Património, Edições 70, Lisboa, 2000.
- CHOAY, Françoise, El urbanismo - utopías y realidades, Palabra en el tiempo, Editorial Lumen, Barcelona, 1970.
- CULLEN, Gordon, A Paisagem Urbana, Edições 70, Lisboa, 2010.
- ELIADE, Mircea - O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões, Lisboa : Edição Livros Brasil, 2006.
- FERNANDES, José Manuel, Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa, Casal de Cambra, ed. Caleidoscópio, 2005
- FERNANDES, José Manuel. Arquitectura Religiosa, in A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2001.
- HALBWACHS, Maurice, A memória colectiva, Paris, 1950
- KRIER, Rob, Stuttgart - teoria y practica de los espacios urbanos, Editorial GG, Barcelona, 1976.
- MORAIS, João Sousa - Notas sobre a (Re)construção de uma Disciplina no Território da Arquitectura, Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2007
- MORAIS, João Sousa; MALHEIRO, Joana Bastos, - São Tomé e Príncipe - As Cidades Património Arquitectónico /Architectural Heritage, Casal de Cambra: Ed. Caleidoscópio, 2013
- MUMFORD, Lewis, The Culture of the Cities, Harcourt, Brace & Co., New York, 1938.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, Genius Loci - Paysage, Ambiance, Architecture, Deuxième Edition, Pierre Mardaga Editeur, Liège, Bruxelles, 1981.
- ROSSI, Aldo, La Arquitectura de la Ciudad, 8ª edição, Barcelona, 1992
- VAZ, Francisco - San Men Dêçu : A Senhora Mãe de Deus em S. Tomé e Príncipe, Lisboa: Edição Província Portuguesa da Congregação dos Missionários do Coração de Maria, 1989
- MATTOSO, José, Património de Origem Portuguesa no Mundo – Arquitectura e Urbanismo. África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. 1978.
- AMBRÓSIO, António. “Subsídios Para a História de São Tomé e Príncipe”, s.l.: Livros Horizonte, 1984,
- APPLETON, João, Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e tecnologias de intervenção, Amadora: Edições Orion, 2003.
- Architecture, Ed. Rizzoli, Nova Iorque, 1984, p.6
- BACHELARD, Gaston “Poética Do Espaço

BENEVOLO, Leonardo, *Diseño de la Ciudad*, Vol. I, II, III, IV, e V, Ed. Editorial G.G., Barcelona,

CASTELO, Cláudia, “O modo português de estar no mundo”: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Biblioteca das Ciências do Homem. Edições Afrontamento, 1998.

CÓIAS, V., *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos: Alvenaria, Madeira, Técnicas Pouco Intrusivas*. Lisboa: Argumentum, GECORPA, 2007.

DURÃO, Maria João, “A cor e a luz como dispositivos do espaço espiritual de Barragán”

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LIMA, J. A.; GUEDES, M. S.; GUEDES, S. S., *Inventário do Património Edificado de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Fundação Amaro da Costa, 1987 (não publicado)

MANTERO, F., *A mão d’obra em S. Thomé e Príncipe*, Lisboa: 1910.

MATOS, 1916, p.9)

MATTOSO, José, (et al), *Portuguese heritage around the World: Africa, Red Sea, Persian Gulf*. Fundação Calouste Gulbenkian Foundation.

MORAIS, João Sousa; MALHEIRO, Joana Bastos, *São Tomé e Príncipe, as Cidade, herança arquitectónica*, Lisboa: Caleidescópio

NEVES, Carlos Agostinho das, CEIT, Maria Nazaré – *História de S.Tomé e Príncipe* : (s.n), 2004

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci, Towards a Phenomenology of*

NORBERG-SCHULZ, Cristian, *A Paisagem e a Obra do Homem*, Revista Arquitectura, Lisboa, 1968.

OLIVER, Paul, *Atlas Of Vernacular Architecture Of The World*, Editor: taylor & francis ltd p. 8,

PEREIRA, Paulo. “Lugares Mágicos de Portugal. Arquitecturas Sagradas”, 2009

PESSOA , Fernando. “Quadras ao Gosto Popular”. (Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1965. (6ª ed., 1973).

RISPA , Raul “BARRAGÁN, OBRA COMPLETA, Dinalivro

ROSSI, Aldo “Autobiografia Científica”, 2ª ed. - Gustavo Gil, Barcelona, 1998, p. 48

ROSSI, Aldo, 1977: P.80

ROSSI, Aldo, *Arquitectura da Cidade*. Edições Cosmos, Portugal, 2001

SILVA, Teresa Madeira da Silva – “A cidade de São Tomé” (ISCTE\_UTL), Lisboa Portugal

SILVA, Teresa Madeira da Silva” *A cidade de São Tomé no quadro das cidades insulares Atlântidas de Origem Portuguesa* (ISCTE\_UTL), Lisboa Portugal

TENREIRO, F., *A ilha de São Tomé*. Lisboa, Ministério do Ultramar, 1961.

VAN LENGEN, Johan, *Manual do Arquitecto descalço*, Ed. DinaLivro, Portugal

VIEIRA, Álvaro Siza. *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000.

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Gustavo Gilli, SL. Barcelona, 2006.

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a Arquitectura*, Gustavo Gilli, SA, Barcelona, 2005.

## **ANEXOS**

**FOTOGRAFIAS DA MAQUETE FINAL  
PEÇAS DESENHADAS – PAINÉIS**

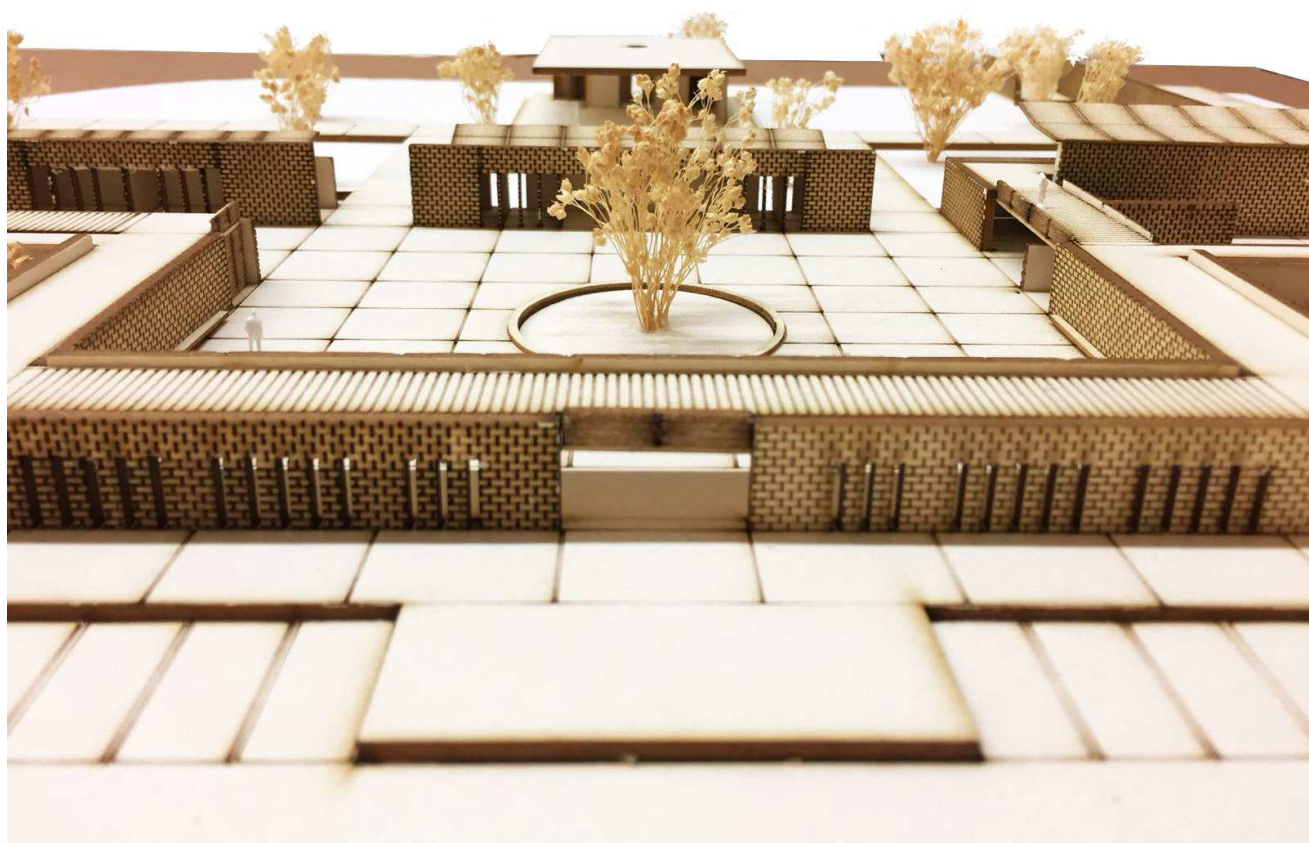


FIGURA 97 – MAQUETE- PRAÇA CENTRAL - IMAGEM: AUTOR



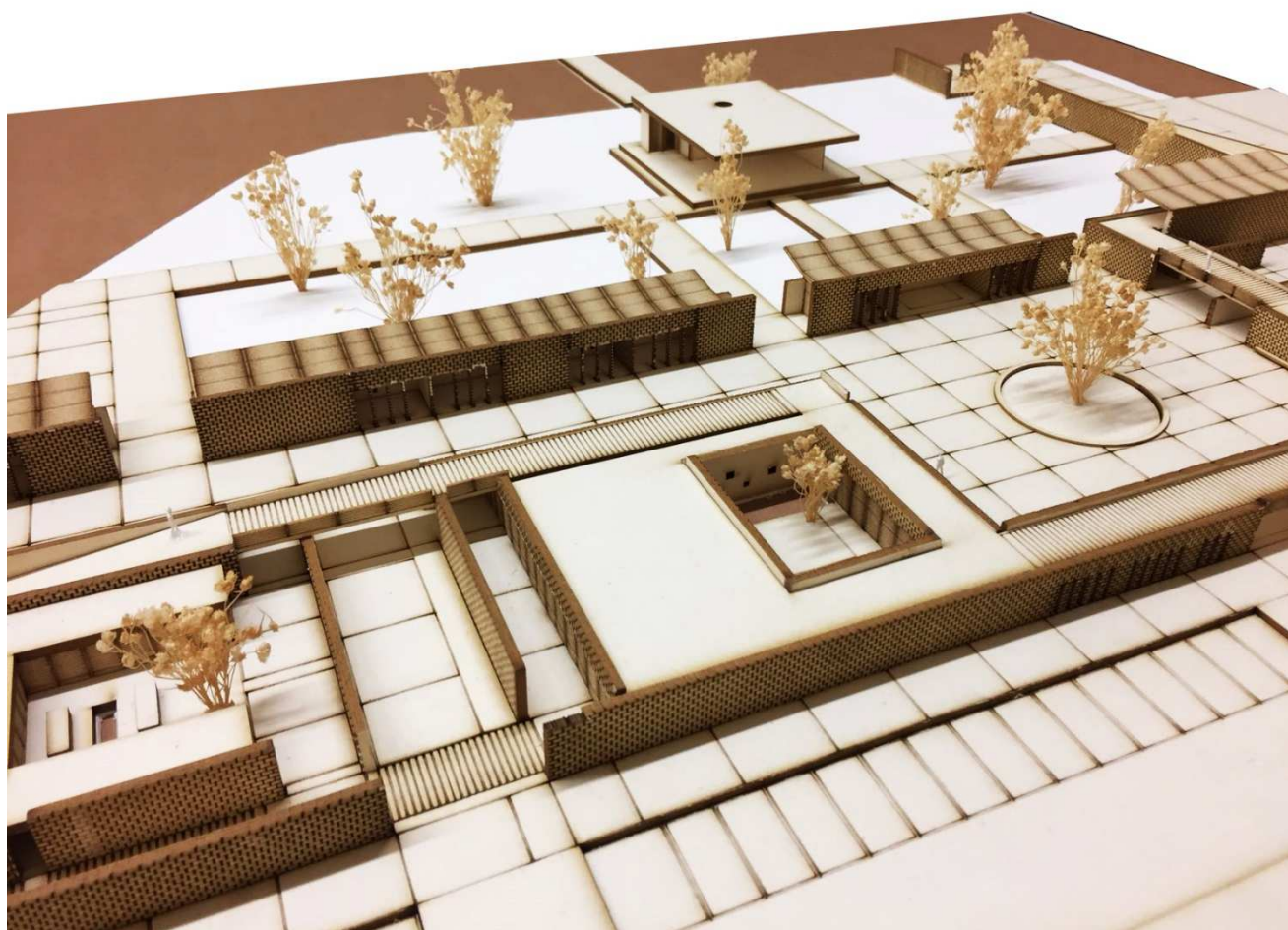


FIGURA 98 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR

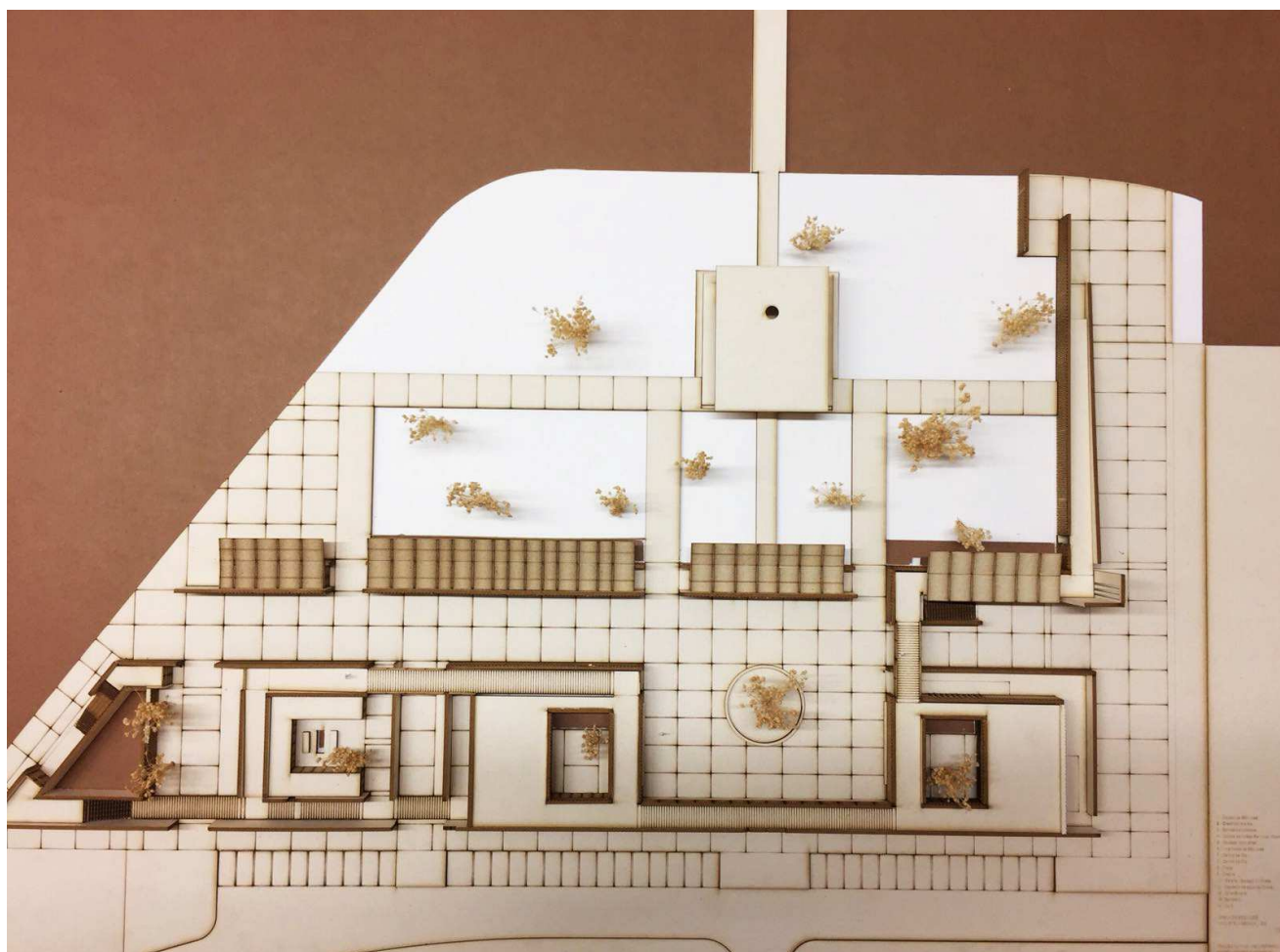


FIGURA 99 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR



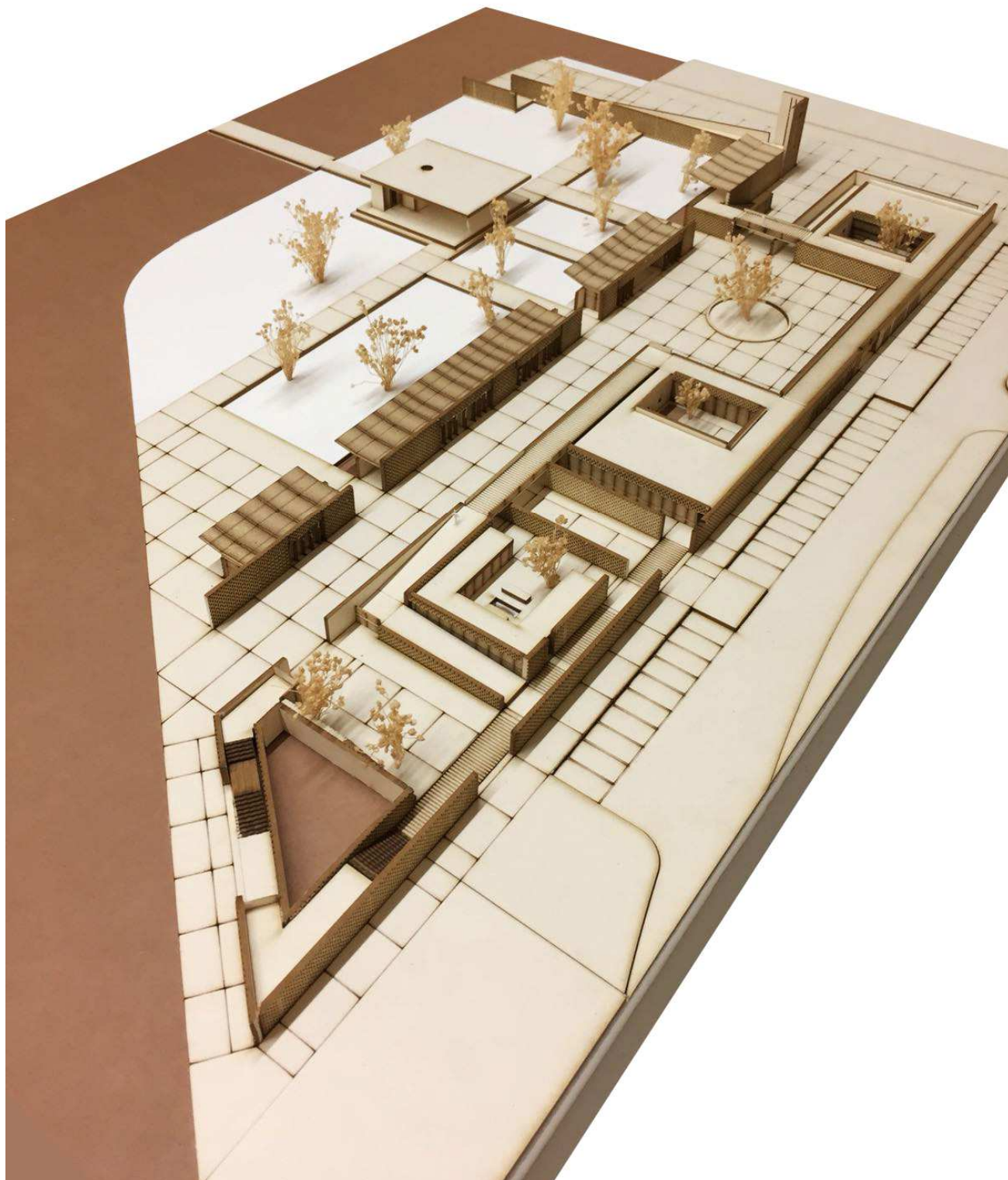


FIGURA 100 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR

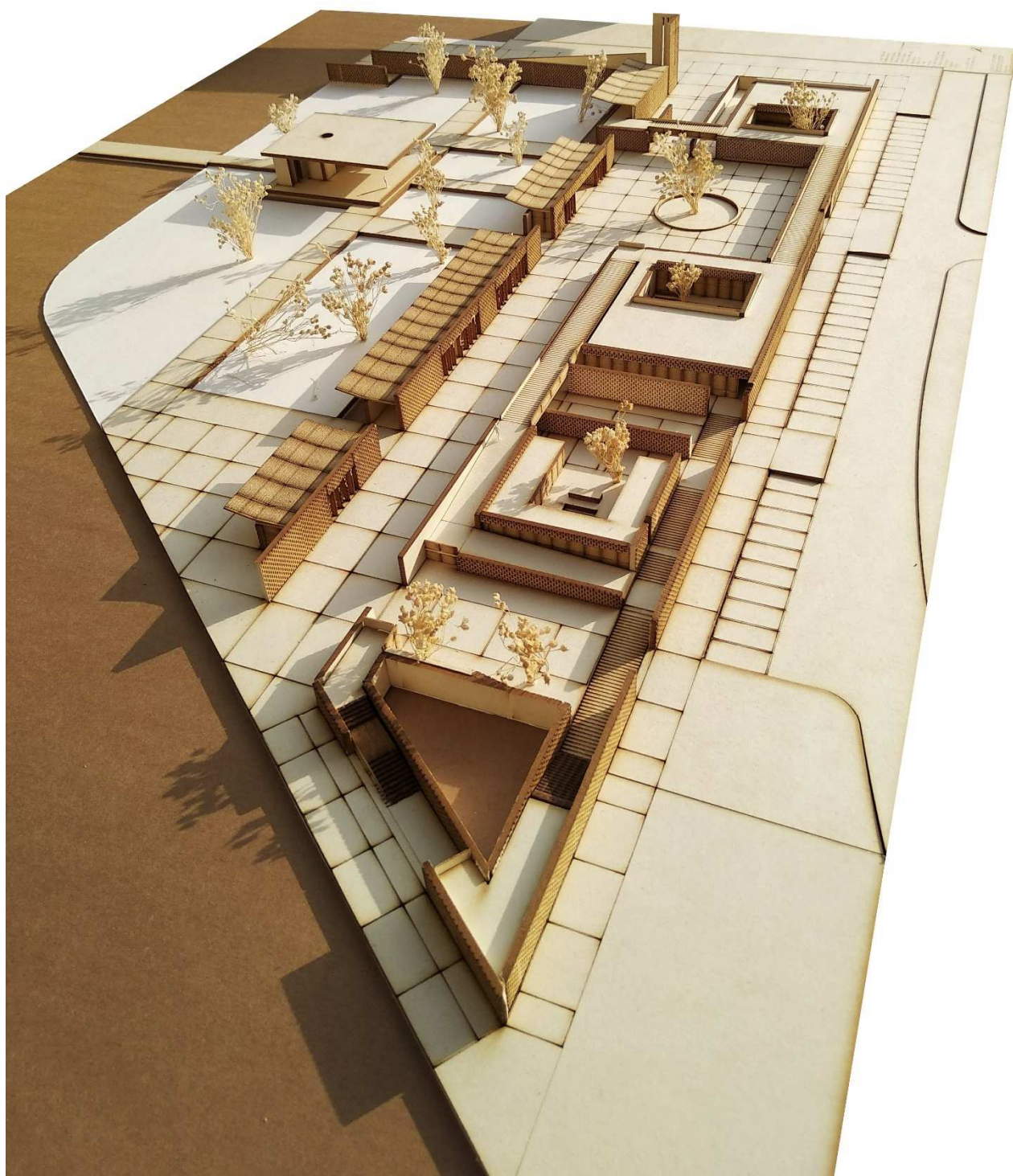


FIGURA 101 – MAQUETE- VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR





FIGURA 102 – MAQUETE- ENFIAMENTO / PASSADIÇO- IMAGEM: AUTOR



FIGURA 103 – MAQUETE- CAPELAS / EQUIPAMENTOS- IMAGEM: AUTOR





FIGURA 104 – MAQUETE- CRUZ / CONFESSIONÁRIOS - IMAGEM: AUTOR



FIGURA 105 – MAQUETE- ACESSO À PRAÇA CENTRAL - IMAGEM: AUTOR

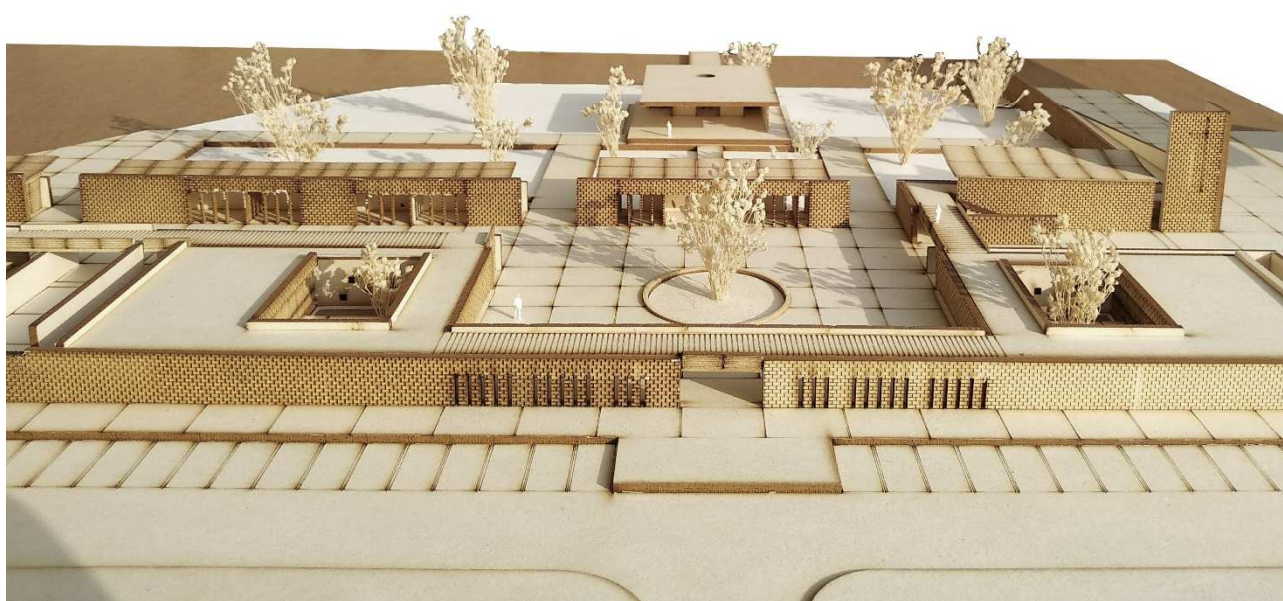


FIGURA 106 – VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR

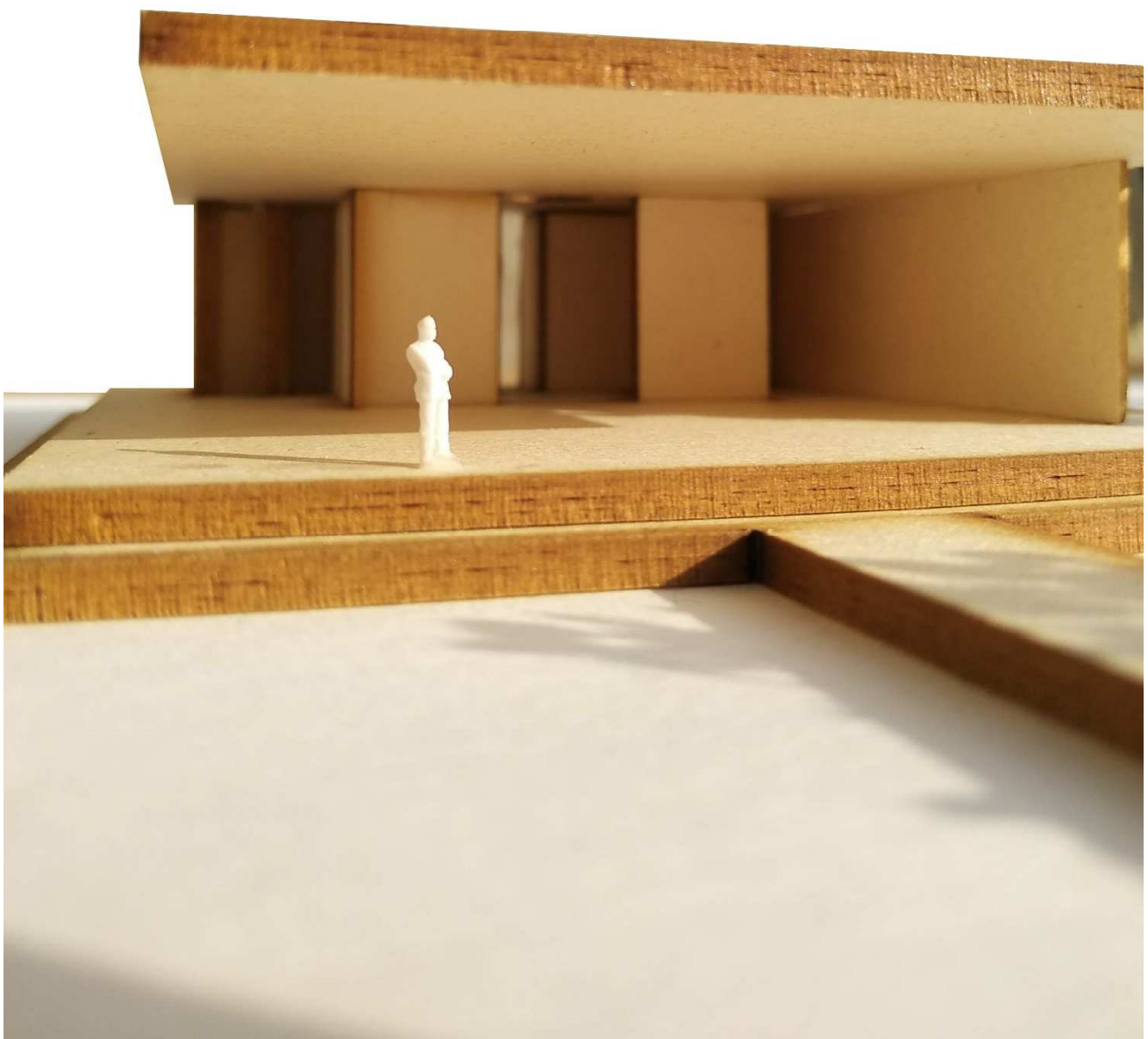


FIGURA 107 – CAPELA DE SÃO JOSÉ - IMAGEM: AUTOR



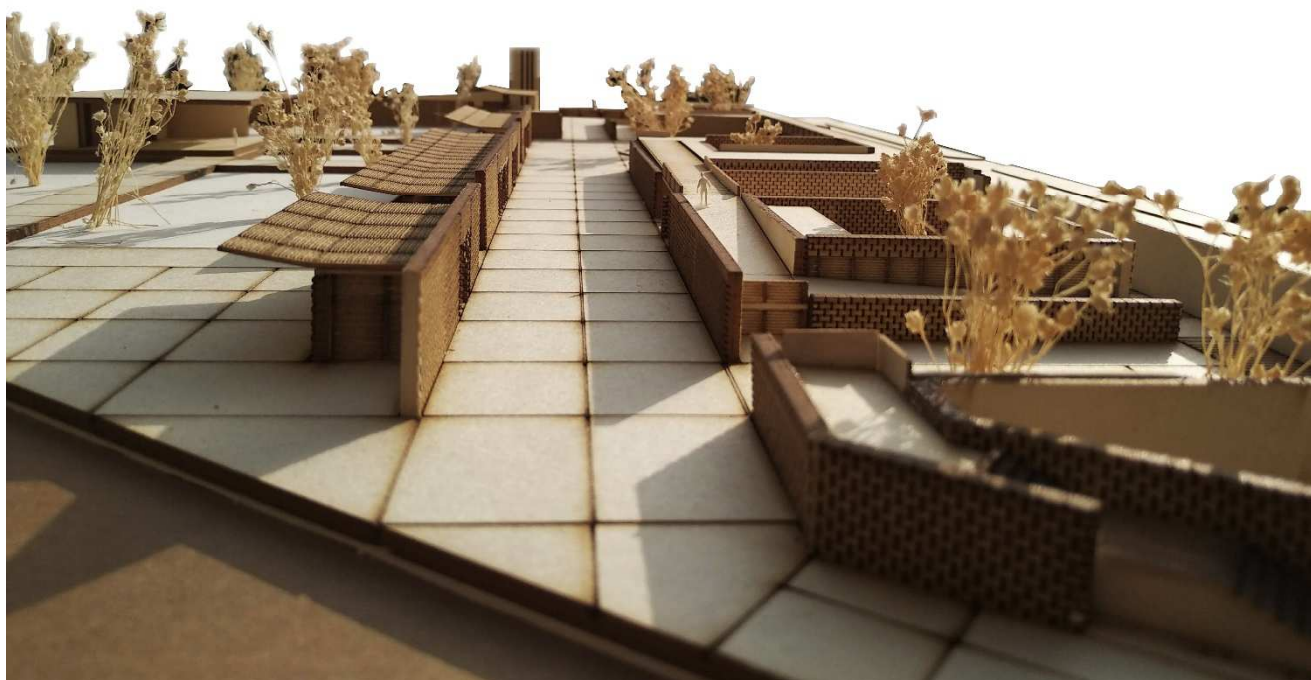


FIGURA 108 – VISTA GERAL - IMAGEM: AUTOR



LOCALIZAÇÃO DA PROPOSTA

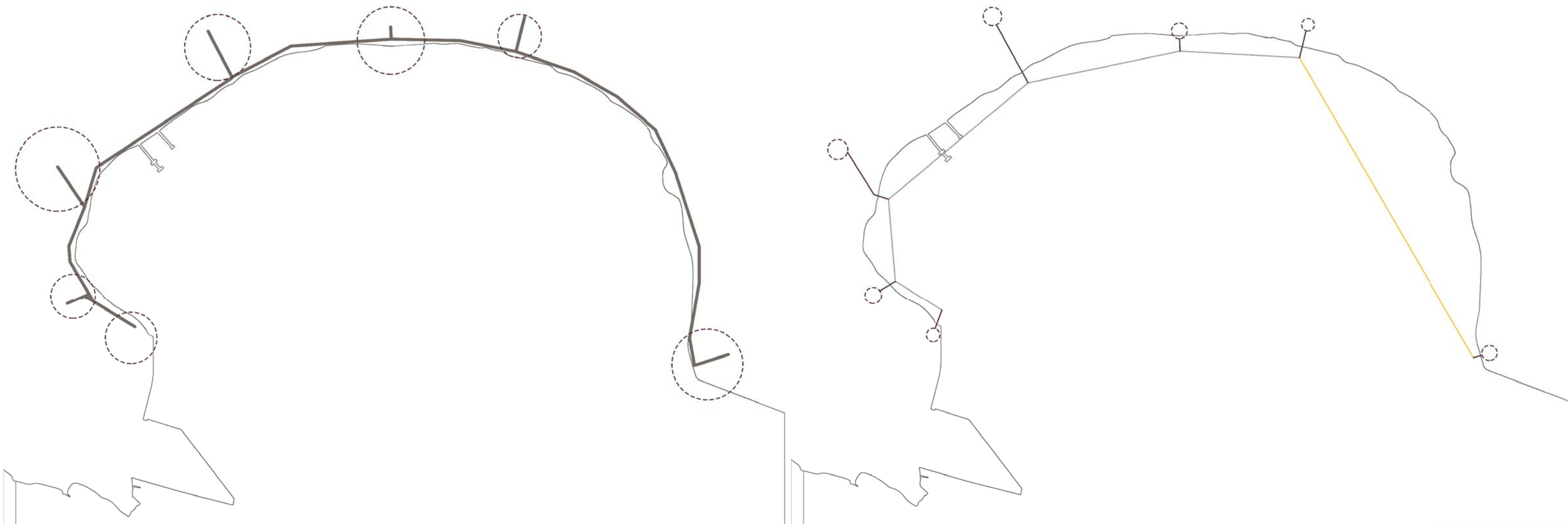




ESQUEMA SURGIMENTO DA PRIMEIRA RUA

ESQUEMA SURGIMENTO DE NOVAS RUAS COM BASE NAS IGREJAS

**EVOLUÇÃO DO TRAÇADO** : O CRESCIMENTO DA CIDADE, PODE-SE RESUMIR NO ESQUEMA ACIMA. NELE ENTENDEMOS COMO A PRIMEIRA RUA (RUA DIREITA) SURGE DA LIGAÇÃO DO PORTO A UM EDIFÍCIO RELIGIOSO (IGREJA). NUMA SEGUNDA FASE, TAL AÇÃO CONTINUARÁ; A CONSTRUÇÃO DE NOVOS EDIFÍCIOS RELIGIOSOS, FORA DOS LIMITES DA CIDADE, LEVA AO DESENVOLVIMENTO DE NOVOS VIAS E CONSEQUENTE CRESCIMENTO DA DA CIDADE



**IGREJAS COMO ELEMENTOS DE LIGAÇÃO:** TENDO EM CONTA O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA CIDADE ATRAVÉS DAS IGREJAS, PROPÕEM-SE A UTILIZAÇÃO DAS MESMAS E SEUS ESPAÇOS PÚBLICOS COMO ESPAÇOS DE ANCORAGEM E ENCONTRO AO LONGO DA AVENIDA MARGINAL. “PUXANDO” A CIDADE PARA O MAR E O MAR PARA A CIDADE.

**ROMARIAS:** A EXISTÊNCIA DE ROMARIAS, PEQUENAS PEREGRINAÇÕES FEITAS DE BARCO DE IGREJA EM IGREJA, CONSTITUI UMAS DAS PRINCIPAIS LINHAS ORIENTADORAS DESTA PROJECTO. DE FORMA A FACILITAR ESSA TRADIÇÃO, SÃO CRIADOS PERPENDICULARES A LINHA DE COSTA, PONTÕES PARA CADA IGREJA. ESTES SÃO AINDA REMATADOS COM UMA IMAGEM DO RESPECTIVO SANTO PADROEIRO QUE RECEBE OS PEREGRINOS.



IGREJA DO BOM DESPACHO



IGREJA DO BOM JESUS



IGREJA DE N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA GRAÇA



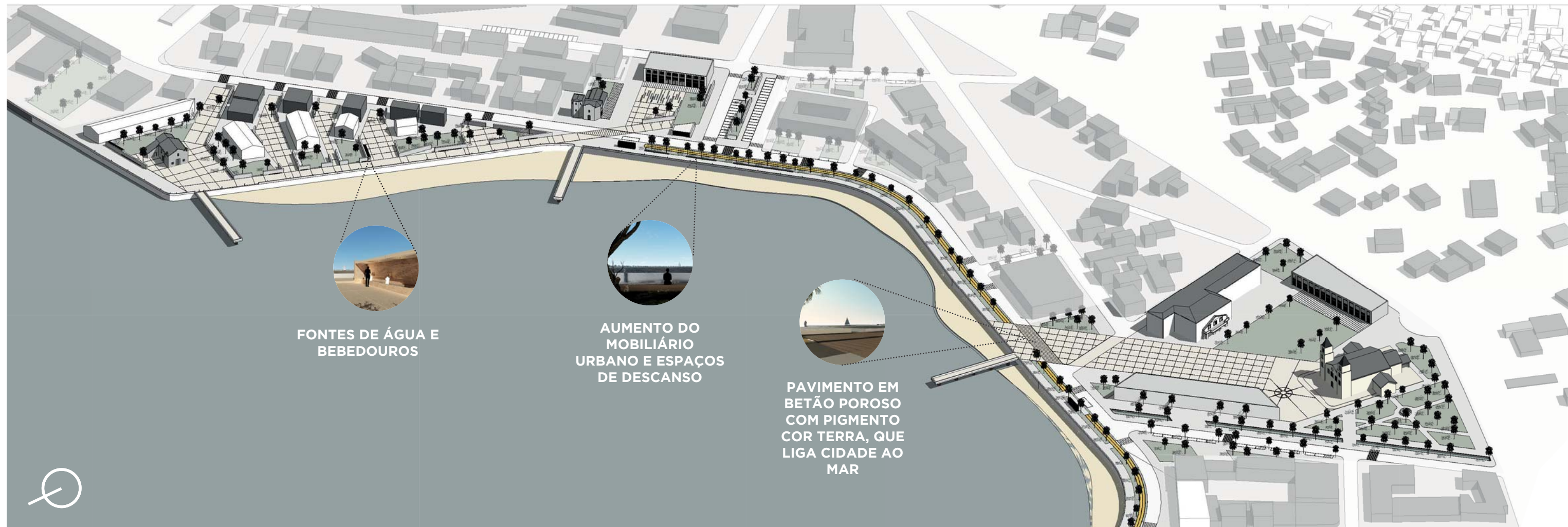
IGREJA DE N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA CONCEIÇÃO

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





ENQUADRAMENTO DAS IGREJAS DO BOM DESPACHO, BOM JESUS E N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA GRAÇA



PRAÇA DA IGREJA N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA GRAÇA



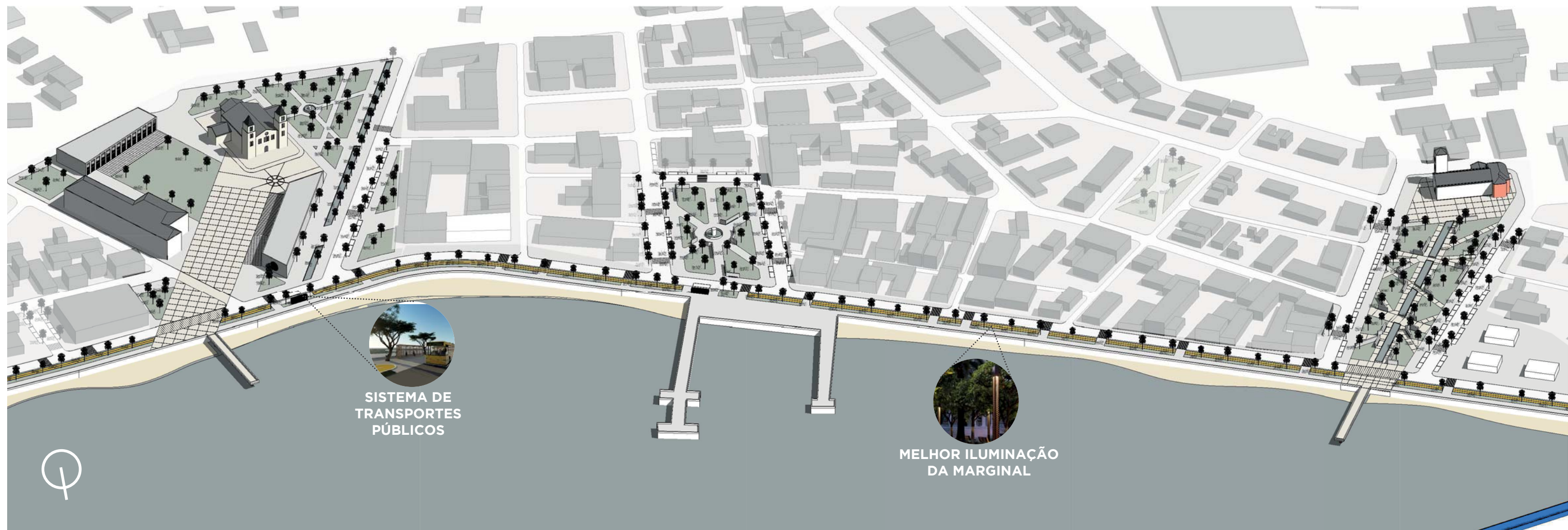
PRAÇA DA IGREJA DE BOM JESUS

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





ENQUADRAMENTO DAS IGREJAS DE N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA GRAÇA E N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA CONCEIÇÃO



PRAÇA DA IGREJA N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA CONCEIÇÃO

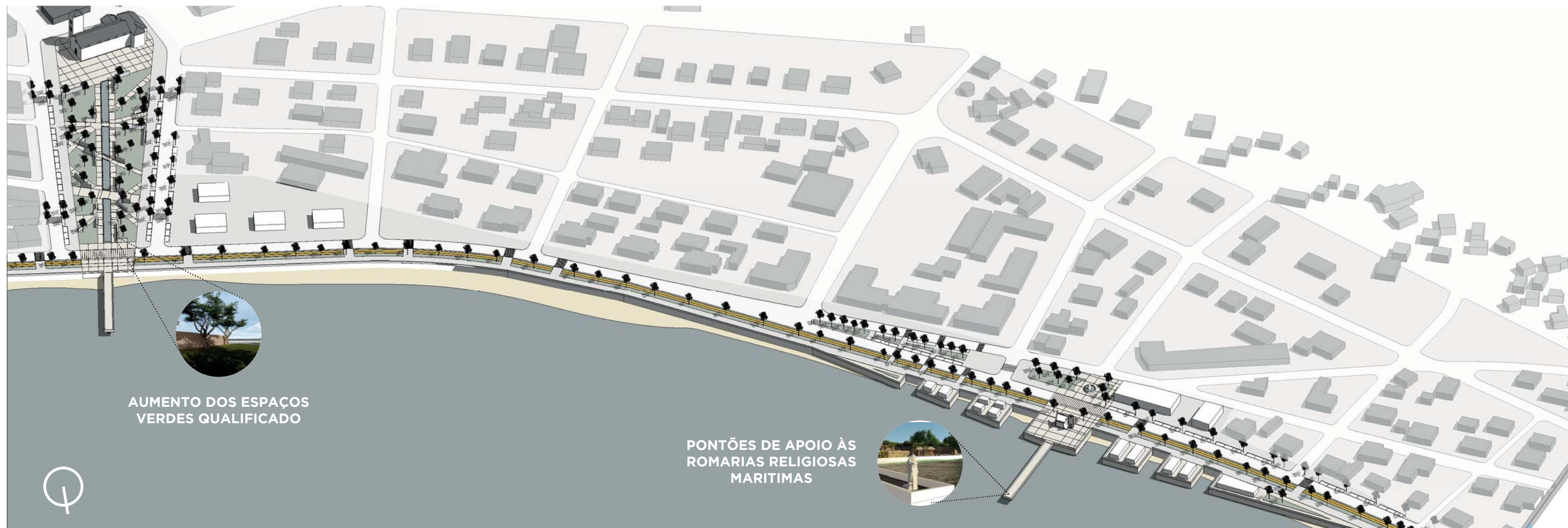


PARAGEM DE AUTOCARROS

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





ENQUADRAMENTO DA IGREJA DE N<sup>as</sup> DA CONCEIÇÃO E CAPELA DE SÃO PEDRO



CAPELA DE SÃO PEDRO



PONTÃO DE APOIO ÀS ROMARIAS

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





MAIOR APOIO À  
COMUNIDADE PISCATÓRIA

REGULARIZAÇÃO DOS  
PASSEIOS E CRIAÇÃO DE  
UMA CICLOVIA

ENQUADRAMENTO DA CAPELA DE SÃO PEDRO E A IGREJA DE N<sup>as</sup> DA CONCEIÇÃO



PRAÇA DA IGREJA DE SÃO JOÃO



CICLOVIA

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM

117



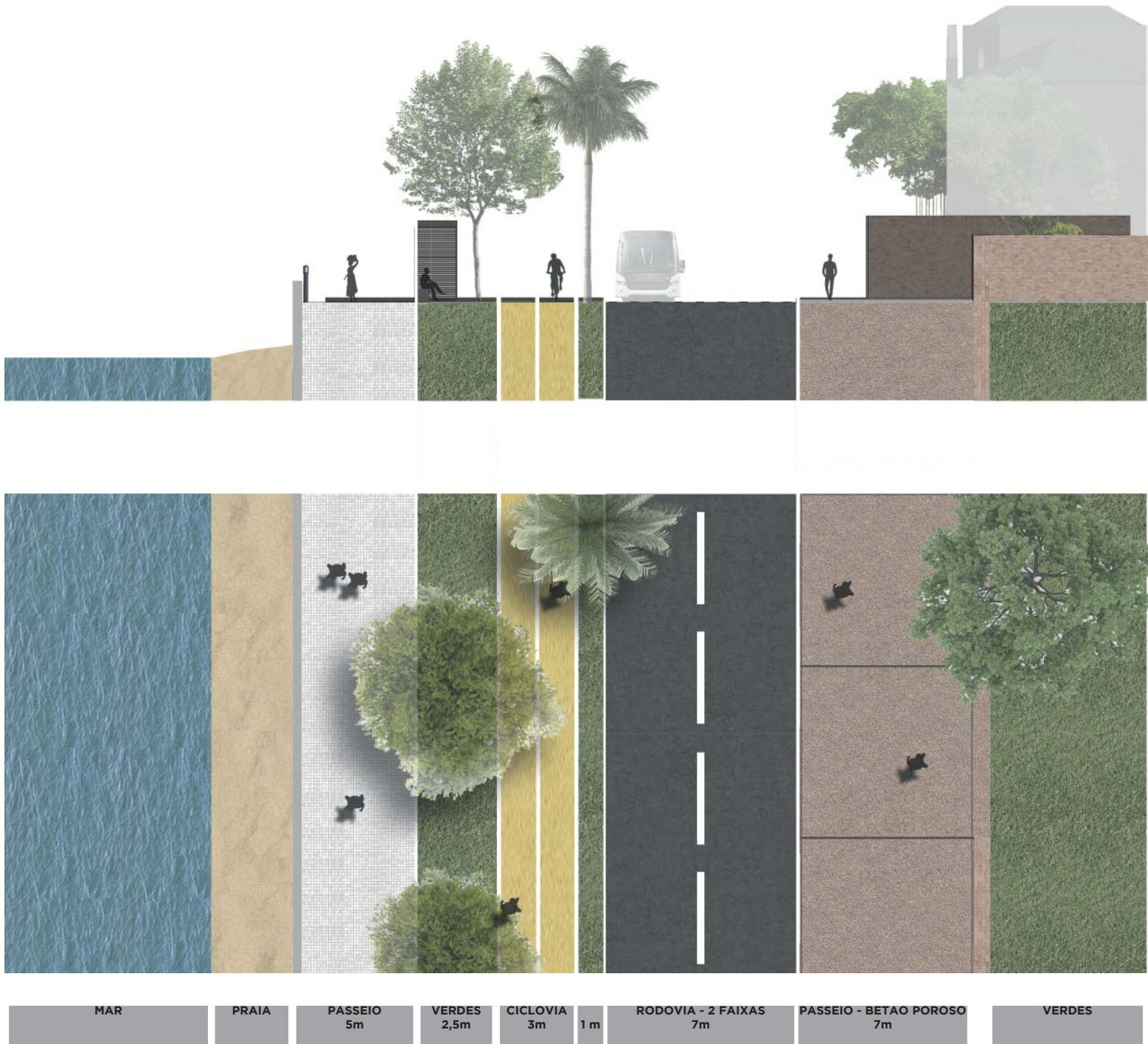


1 - IGREJA DO BOM DESPACHO  
2 - IGREJA DO BOM JESUS  
3 - IGREJA DE N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DA GRAÇA (SÉ)

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM



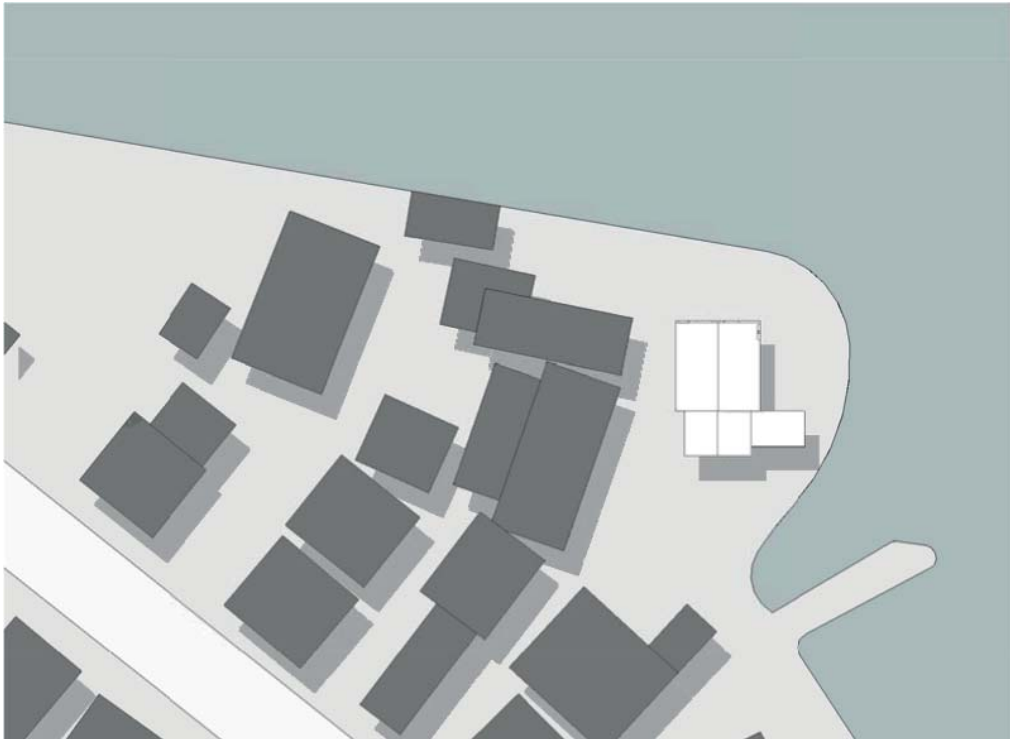


EXEMPLO DE VIA



FONTE DE ÁGUA





**IGREJA DO BOM DESPACHO (EXISTENTE)**   
ESCALA 1.1000



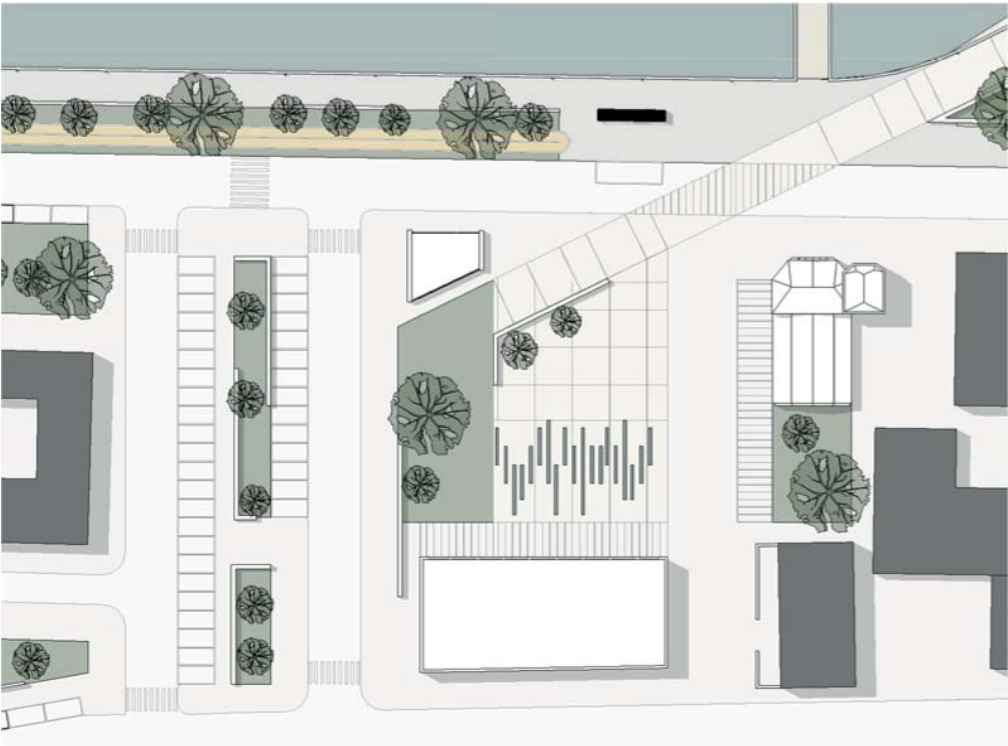
**IGREJA DO BOM DESPACHO (PROPOSTA)**   
ESCALA 1.1000



IGREJA DE N<sup>ª</sup>S<sup>a</sup> DO BOM DESPACHO - RENDER



**IGREJA DO BOM JESUS (EXISTENTE)**   
ESCALA 1.1000



**IGREJA DO BOM JESUS (PROPOSTA)**   
ESCALA 1.1000



IGREJA DO BOM JESUS - RENDER

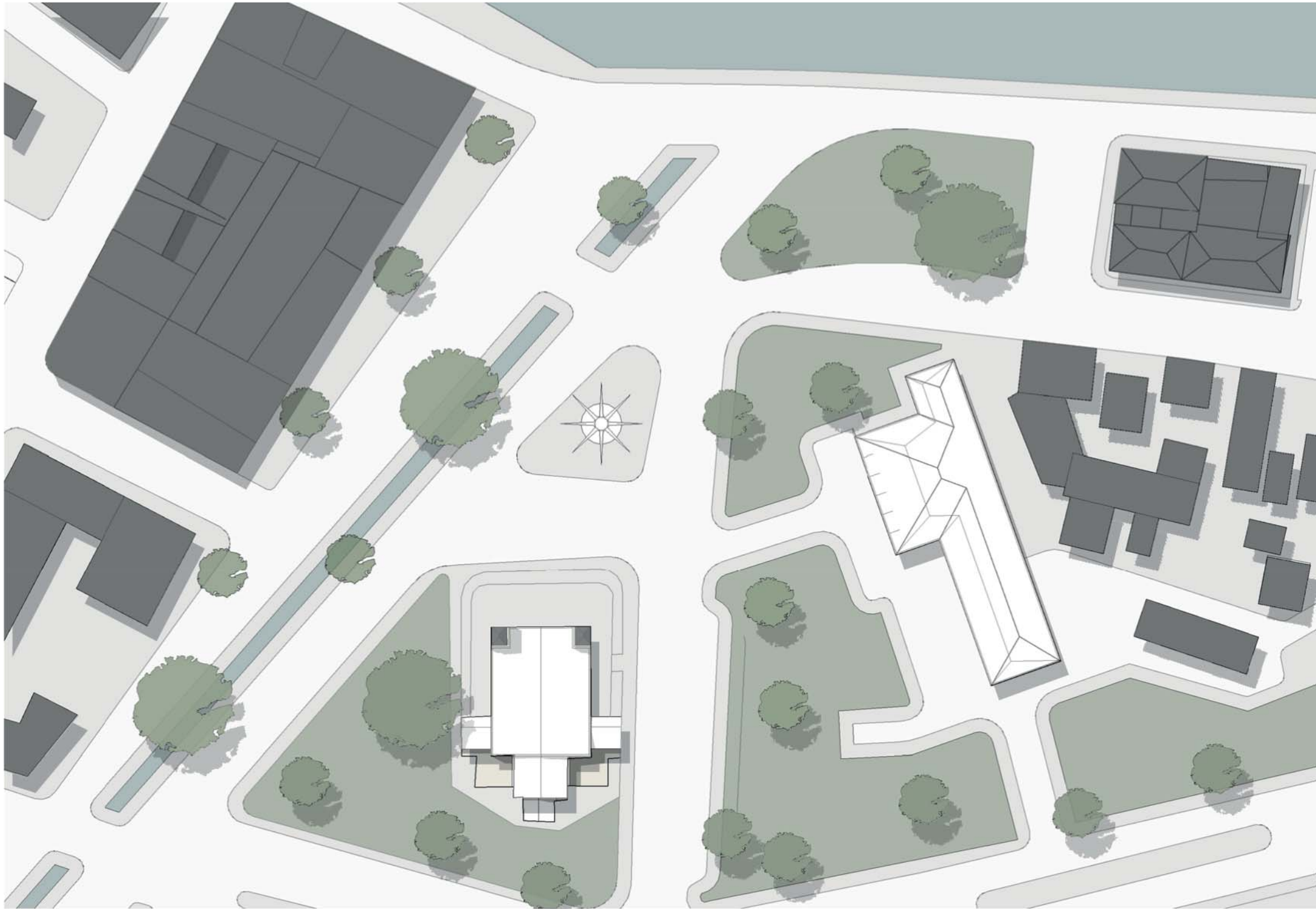


IGREJA DO BOM JESUS - RENDER

## SÃO TOMÉ E PRINCEPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





IGREJA DE NªSª DA GRAÇA, SÉ (EXISTENTE)   
 ESCALA 1.1000



VISTA ÁREA - IMAGEM - SUPORTE DIGITAL



VISTA ÁREA - IMAGEM - SUPORTE DIGITAL

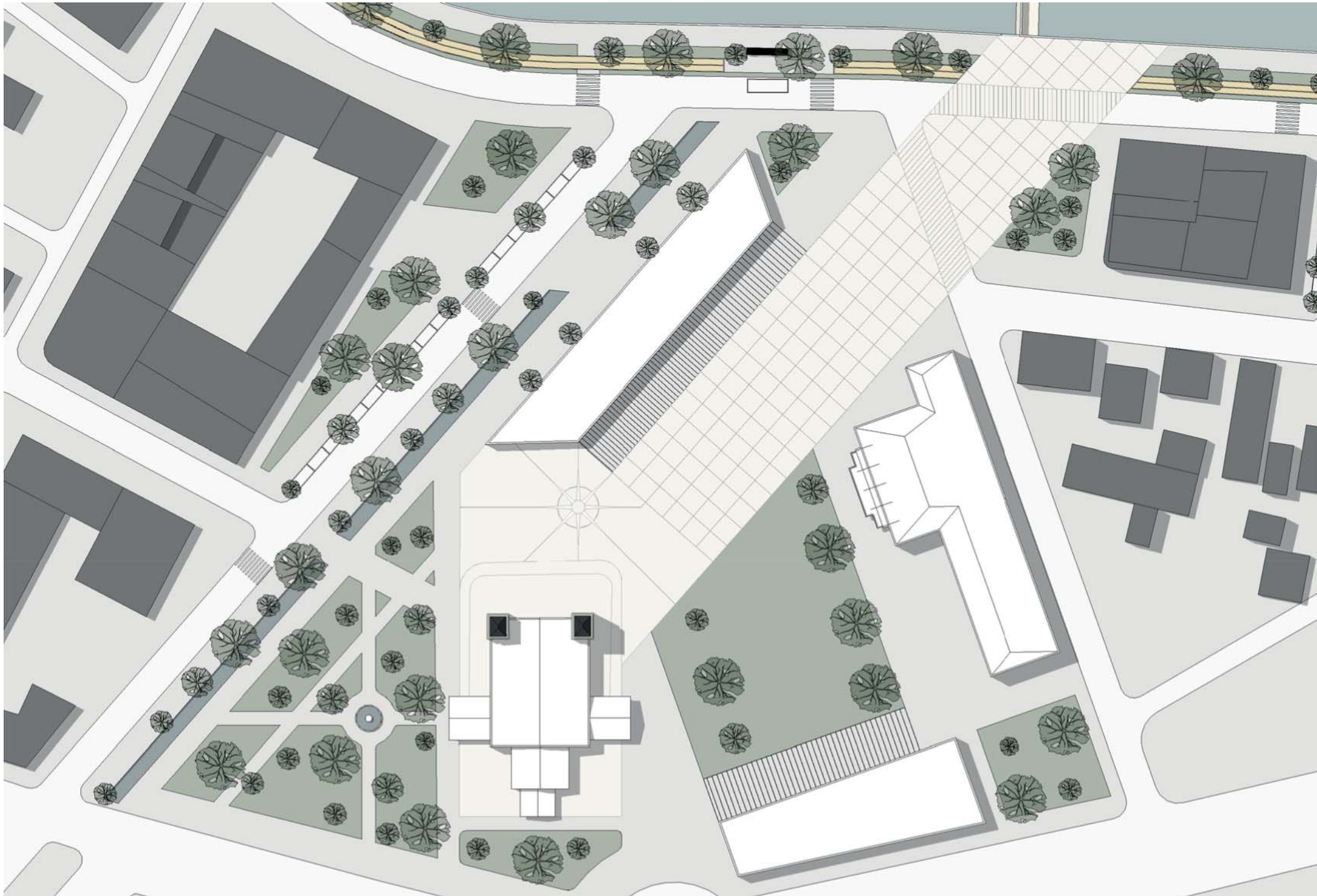


VISTA DA RUA - IMAGEM - AUTOR

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
 DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
 PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





IGREJA DE NªSª DA GRAÇA, SÉ (PROPOSTA)  
 ESCALA 1.1000



IGREJA DE NªSª DA GRAÇA - RENDER



IGREJA DE NªSª DA GRAÇA - RENDER

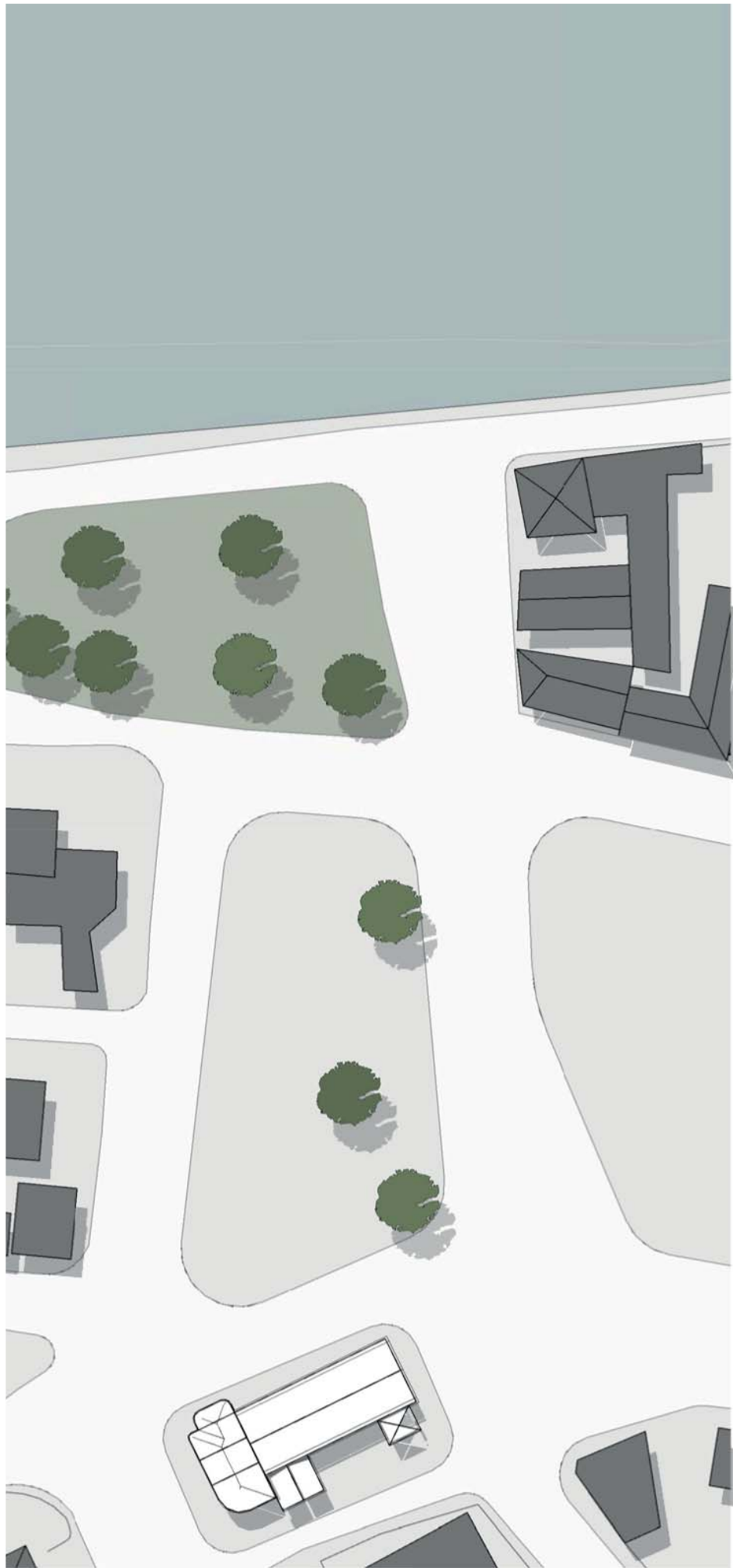


IGREJA DE NªSª DA GRAÇA - RENDER

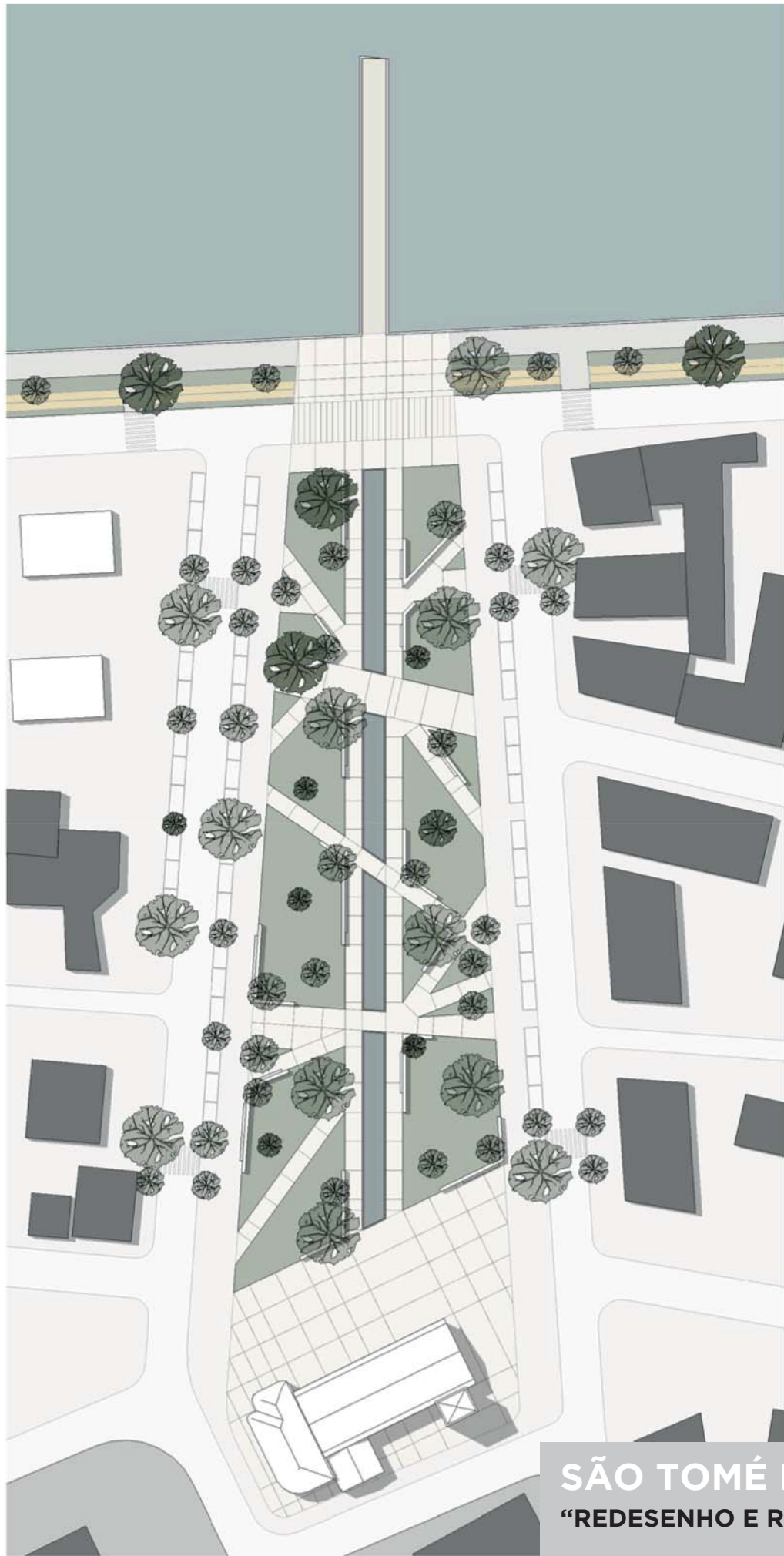
# SÃO TOMÉ E PRINCEPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
 DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
 PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





IGREJA DE NªSª DA CONCEIÇÃO (EXISTENTE)  
ESCALA 1.1000



IGREJA DE NªSª DA CONCEIÇÃO (PROPOSTA)  
ESCALA 1.1000



IGREJA DE NªSª DA CONCEIÇÃO - IMAGEM - SUPORTE DIGITAL



IGREJA DE NªSª DA CONCEIÇÃO - RENDER



IGREJA DE NªSª DA CONCEIÇÃO - RENDER

**SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**  
“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM



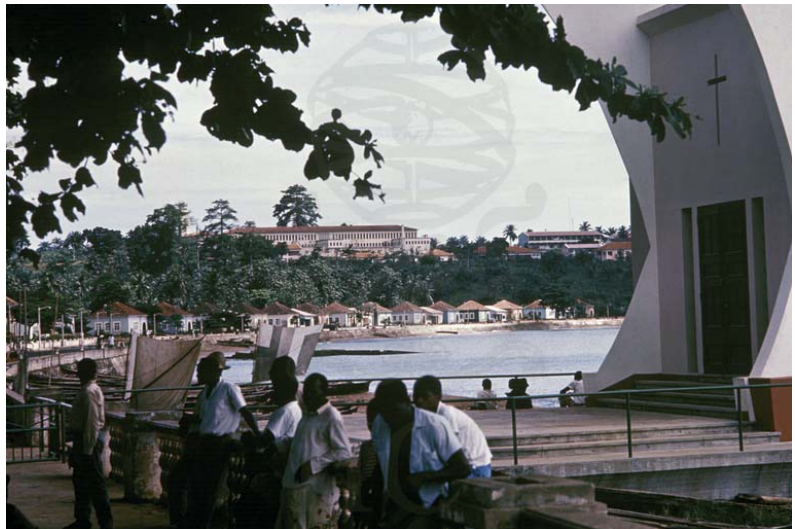




CAPELA DE SÃO PEDRO (EXISTENTE)  
ESCALA 1.1000



CAPELA DE SÃO PEDRO (PROPOSTA)  
ESCALA 1.1000



CAPELA DE SÃO PEDRO



CAPELA DE SÃO PEDRO - RENDER



CAPELA DE SÃO PEDRO - RENDER

**SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**  
**“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ**

**PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM**







CAPELA DE SÃO JOÃO (EXISTENTE)   
 ESCALA 1.1000



IGREJA DE SÃO JOÃO (PROPOSTA)   
 ESCALA 1.1000



IGREJA DE SÃO JOÃO



IGREJA DE SÃO JOÃO - RENDER



IGREJA DE SÃO JOÃO - RENDER





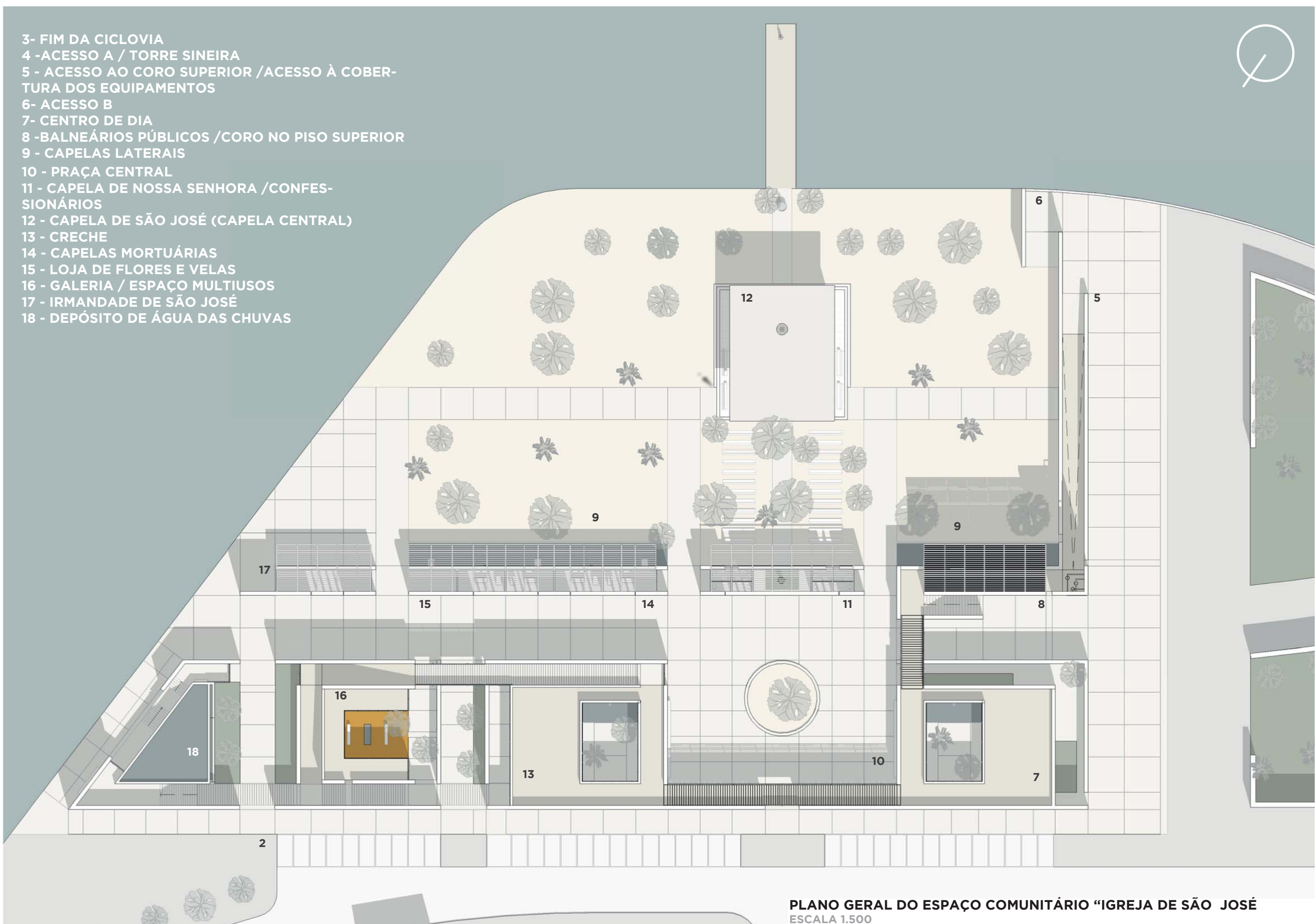
VISTA GERAL - RENDER

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM

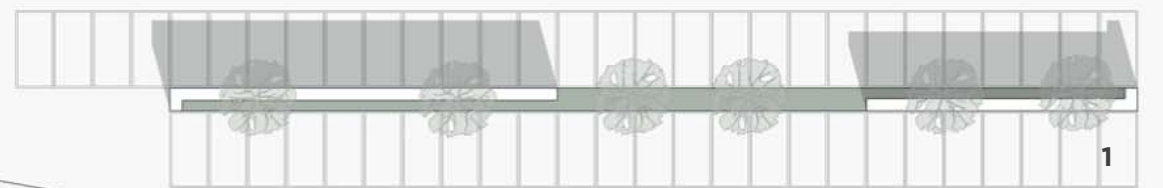


- 3- FIM DA CICLOVIA
- 4 -ACESSO A / TORRE SINEIRA
- 5 - ACESSO AO CORO SUPERIOR /ACESSO À COBERTURA DOS EQUIPAMENTOS
- 6- ACESSO B
- 7- CENTRO DE DIA
- 8 -BALNEÁRIOS PÚBLICOS /CORO NO PISO SUPERIOR
- 9 - CAPELAS LATERAIS
- 10 - PRAÇA CENTRAL
- 11 - CAPELA DE NOSSA SENHORA /CONFES-SIONÁRIOS
- 12 - CAPELA DE SÃO JOSÉ (CAPELA CENTRAL)
- 13 - CRECHE
- 14 - CAPELAS MORTUÁRIAS
- 15 - LOJA DE FLORES E VELAS
- 16 - GALERIA / ESPAÇO MULTIUSOS
- 17 - IRMANDADE DE SÃO JOSÉ
- 18 - DEPÓSITO DE ÁGUA DAS CHUVAS



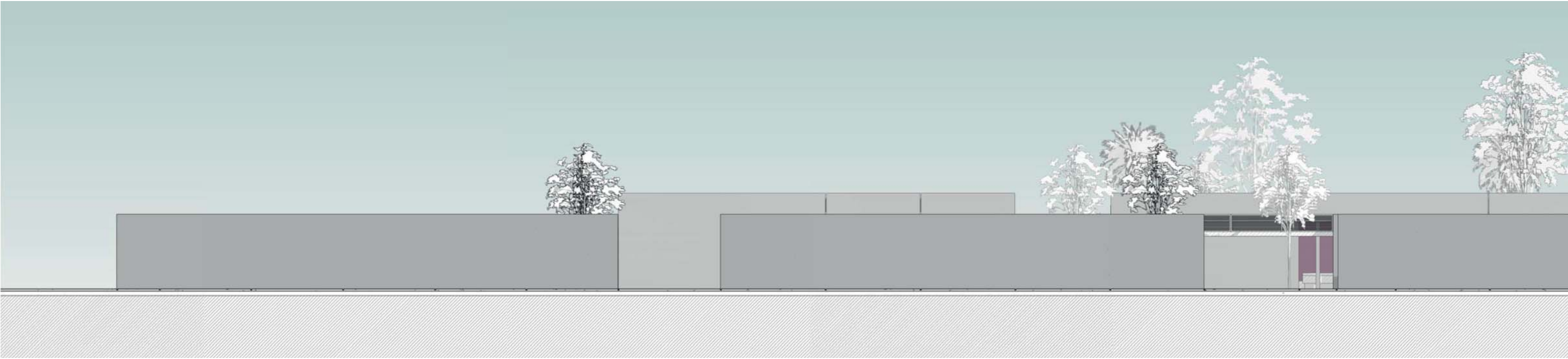
PLANO GERAL DO ESPAÇO COMUNITÁRIO "IGREJA DE SÃO JOSÉ"  
ESCALA 1.500

1 - JARDIM DE SÃO JOSÉ  
2- ESTACIONAMENTO AUTOMÓVEL

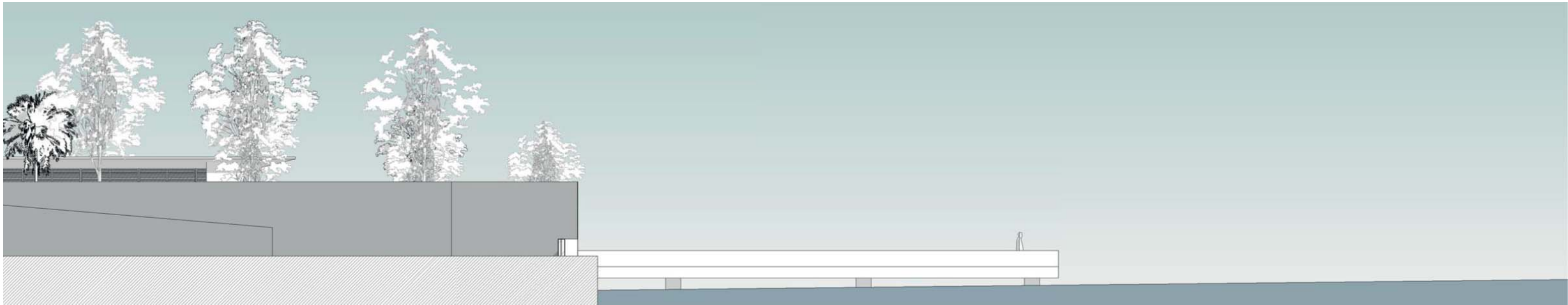
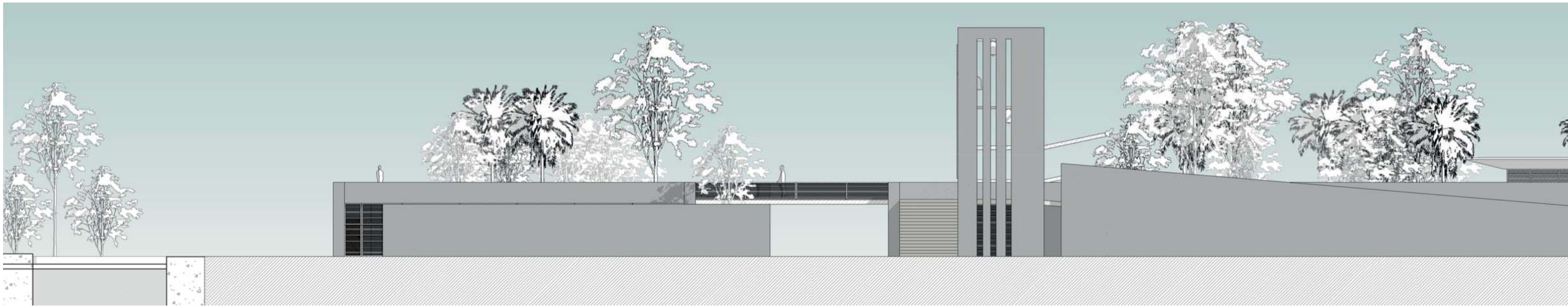


JARDIM DO ESPAÇO COMUNITÁRIO "IGREJA DE SÃO JOSÉ"  
ESCALA 1.500





LIMITE NORTE DO ESPAÇO COMUNITÁRIO “IGREJA DE SÃO JOSÉ”  
ESCALA 1.200



**LIMITE POENTE DO ESPAÇO COMUNITÁRIO “IGREJA DE SÃO JOSÉ**  
**ESCALA 1.200**





TORRE SINEIRA



VISTA PRAÇA CENTRAL



VISTA PRAÇA CENTRAL

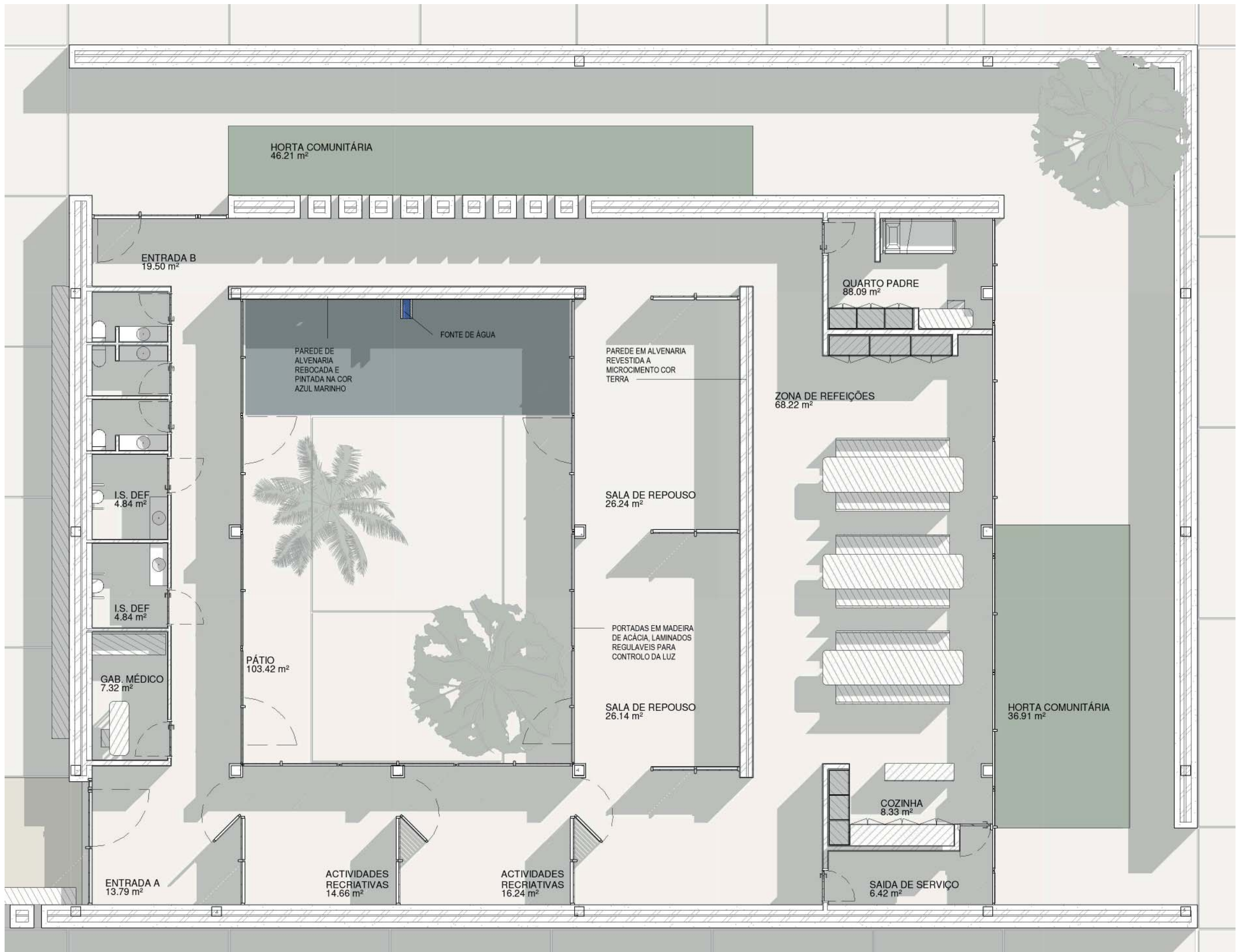


VISTA PASSADIÇO

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





**CENTRO DE DIA**  
ESCALA 1.100

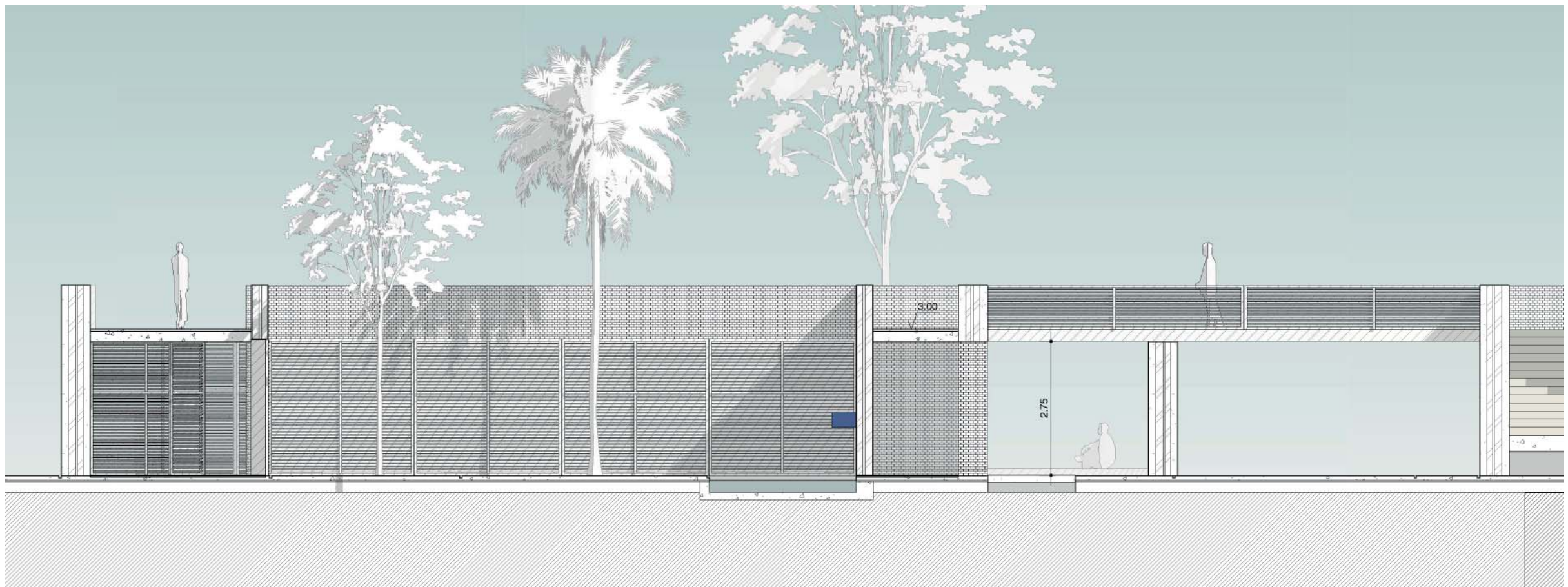
# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





**CENTRO DE DIA - CORTE A**  
 ESCALA 1.100

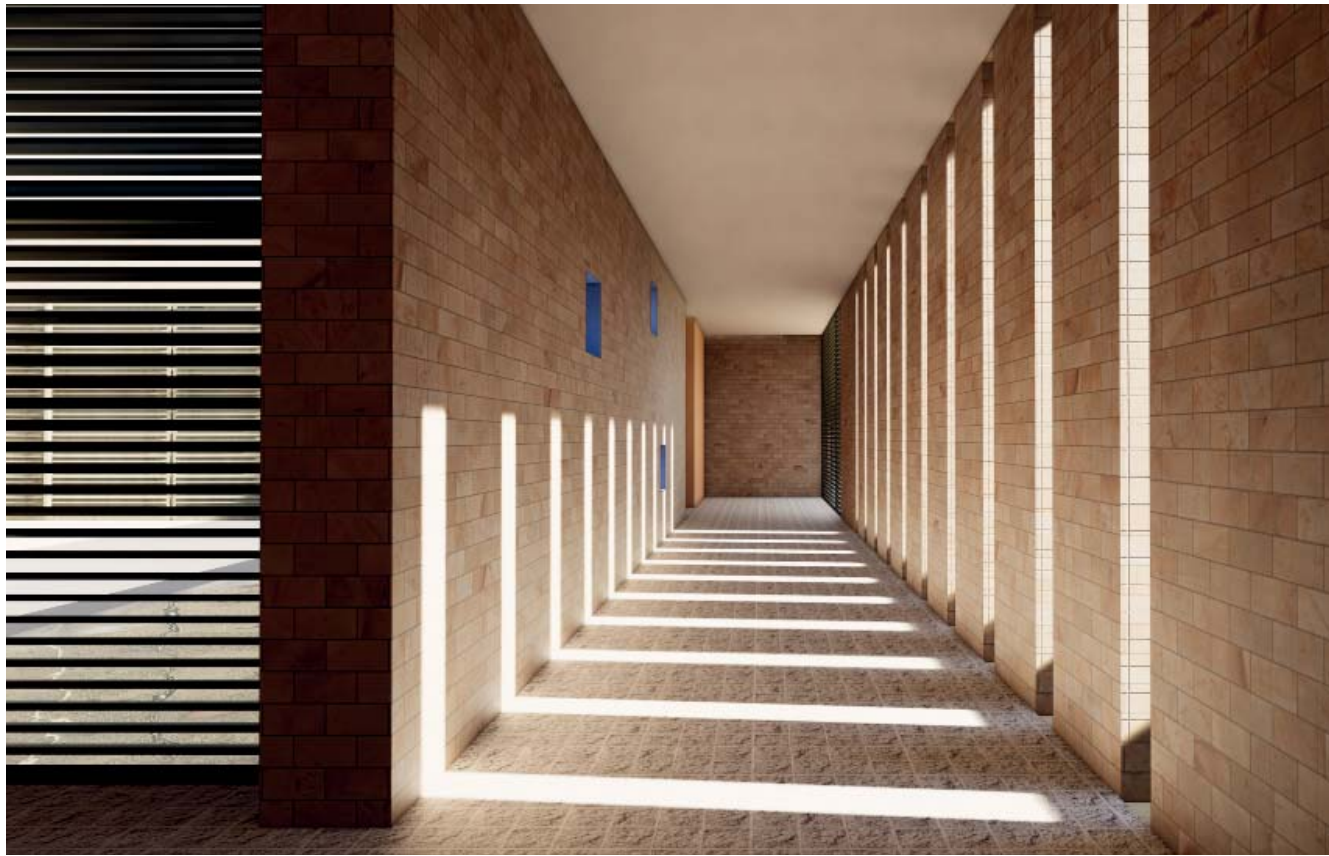


**CENTRO DE DIA - CORTE B**  
 ESCALA 1.100

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
 DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
 PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





CORREDOR CENTRO DE DIA



ENTRADA CENTRO DE DIA

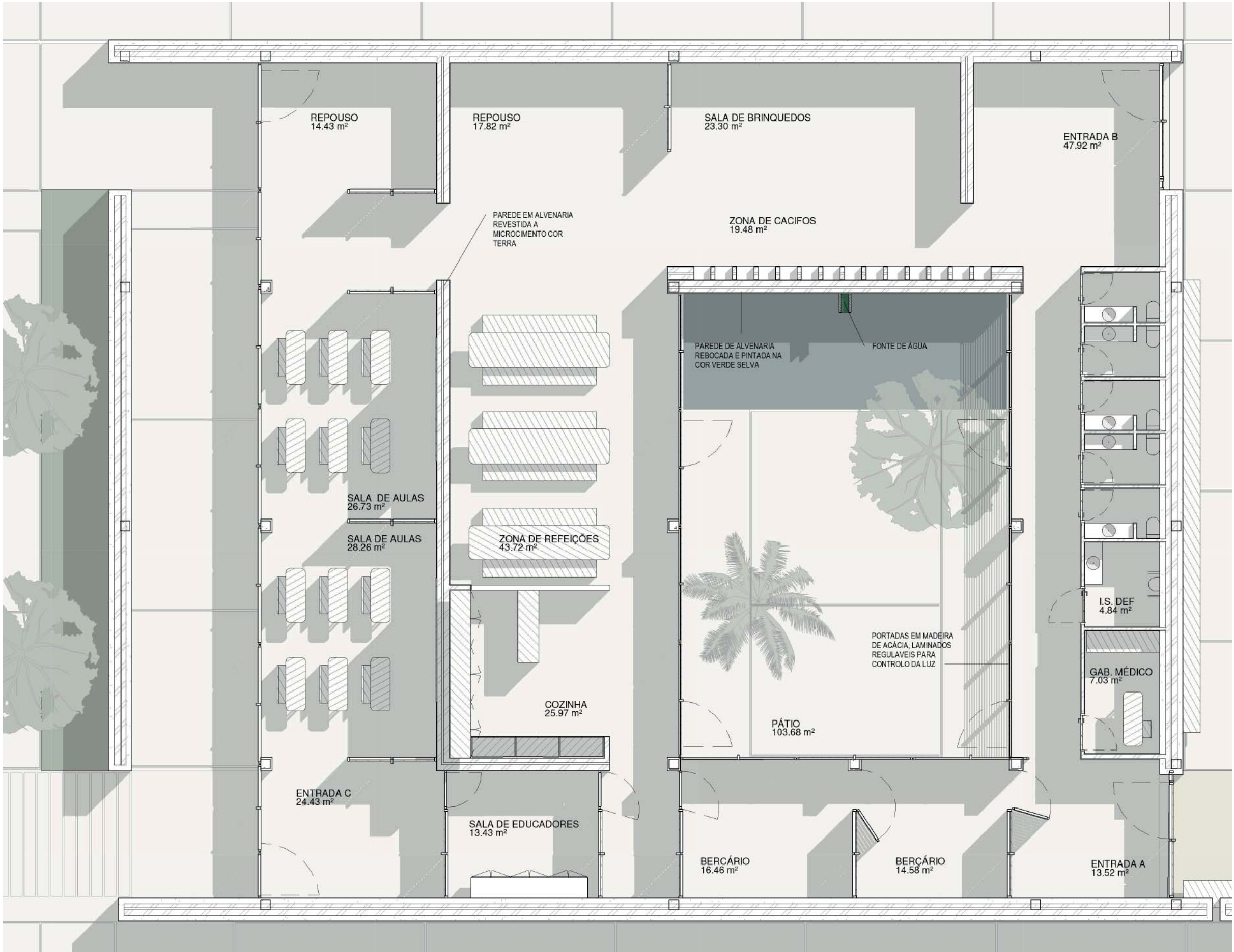


PÁTIO INTERIOR



ENTRADA CENTRO DE DIA





CRECHE  
ESCALA 1.100

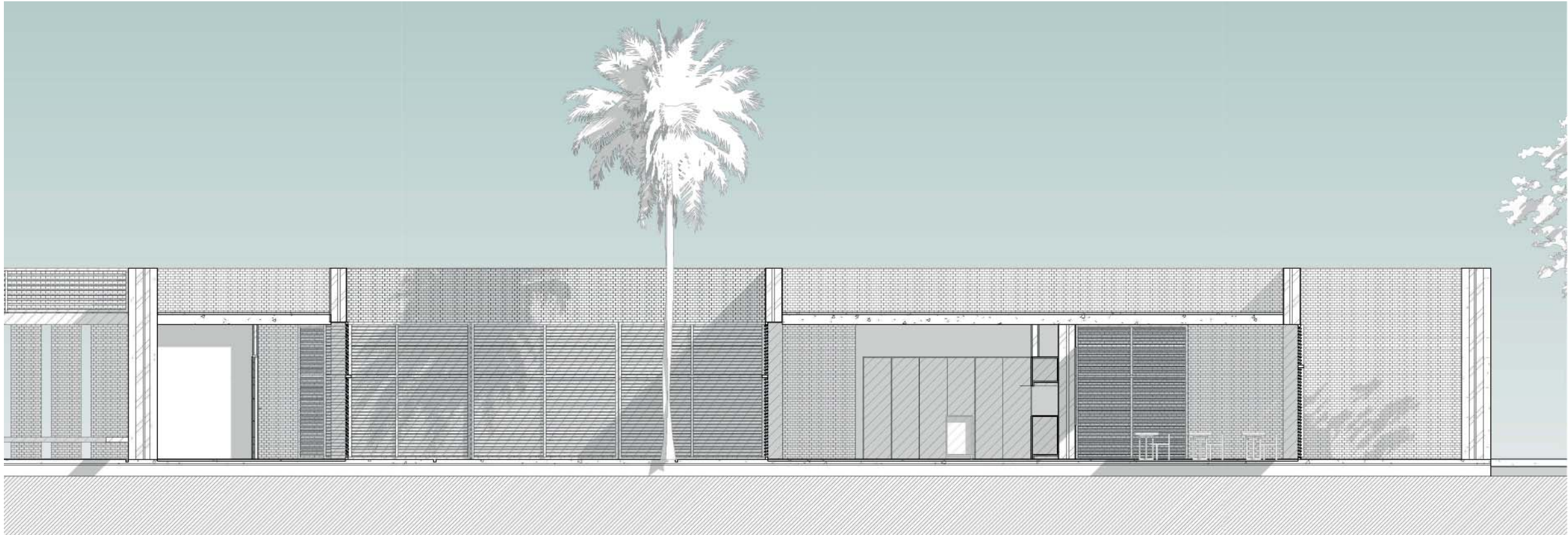
# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





**CRECHE - CORTE A**  
ESCALA 1.100



**CRECHE - CORTE B**  
ESCALA 1.100

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





VISTA DA COBERTURA



ENTRADA CRECHE

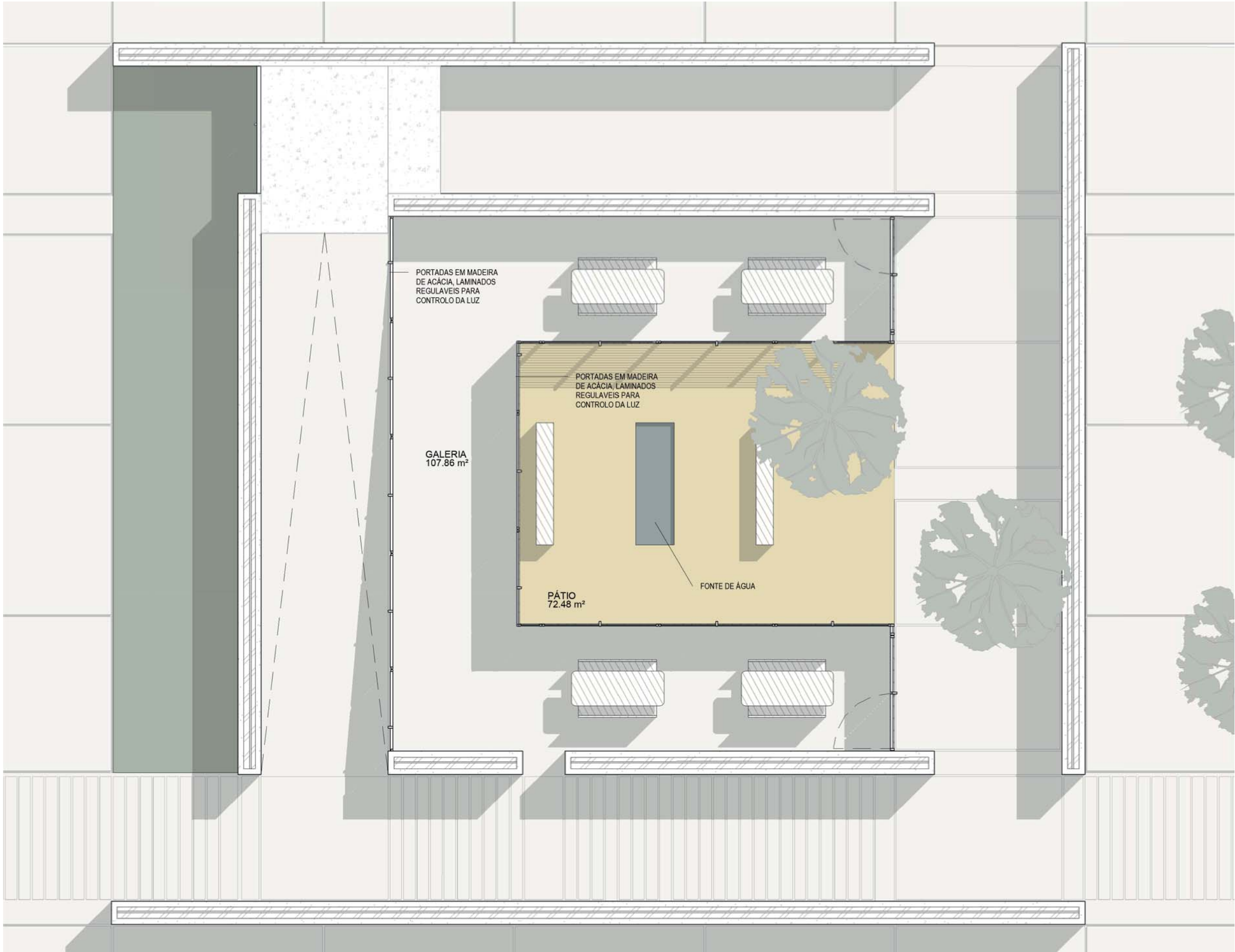


VISTA DA COBERTURA



ENTRADA CRECHE

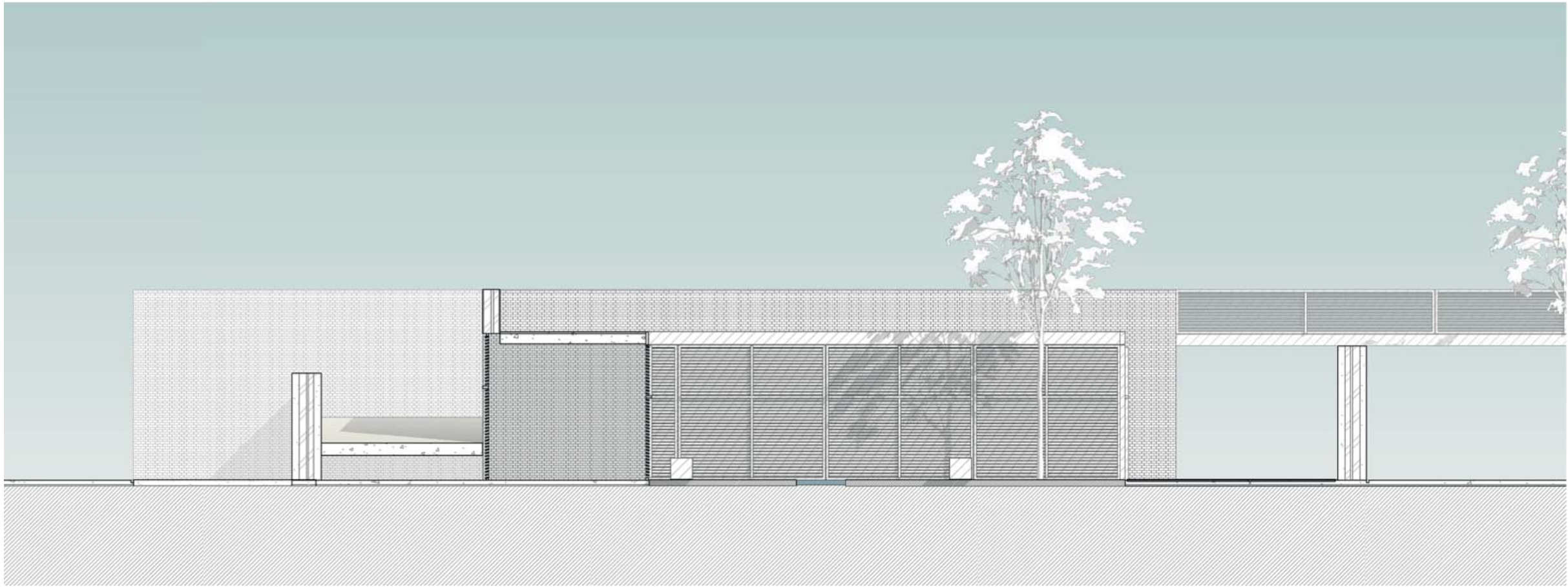




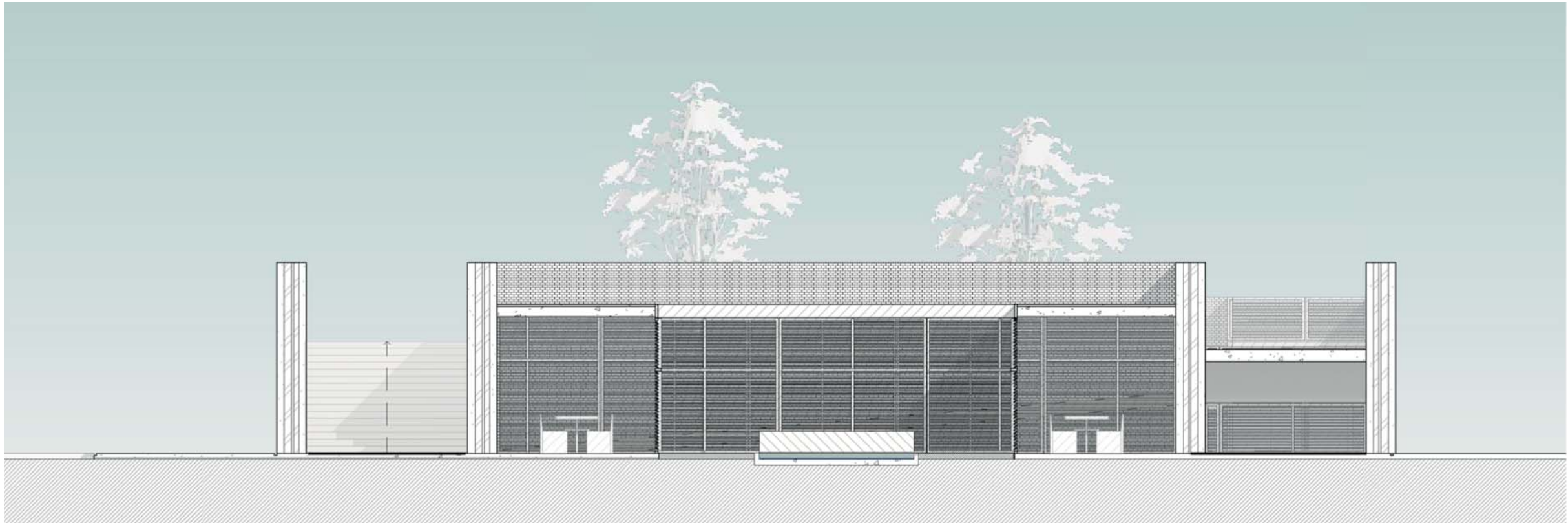
**GALERIA / ESPAÇO MULTIUSO**  
ESCALA 1.100

**SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM



**GALERIA - CORTE A**  
 ESCALA 1.100



**GALERIA - CORTE B**  
 ESCALA 1.100

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

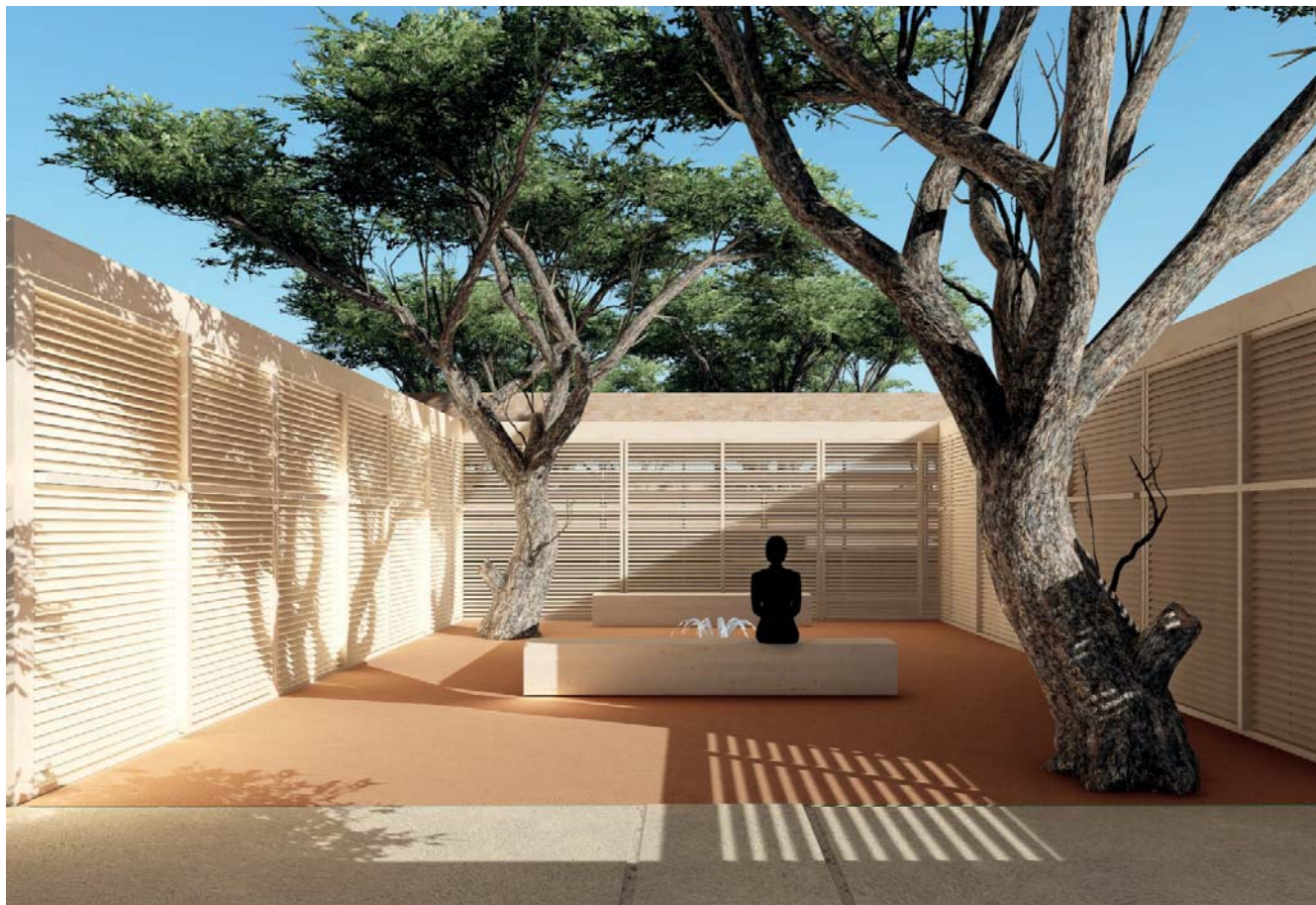
“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
 DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





VISTA DO PASSADIÇO DA GALERIA

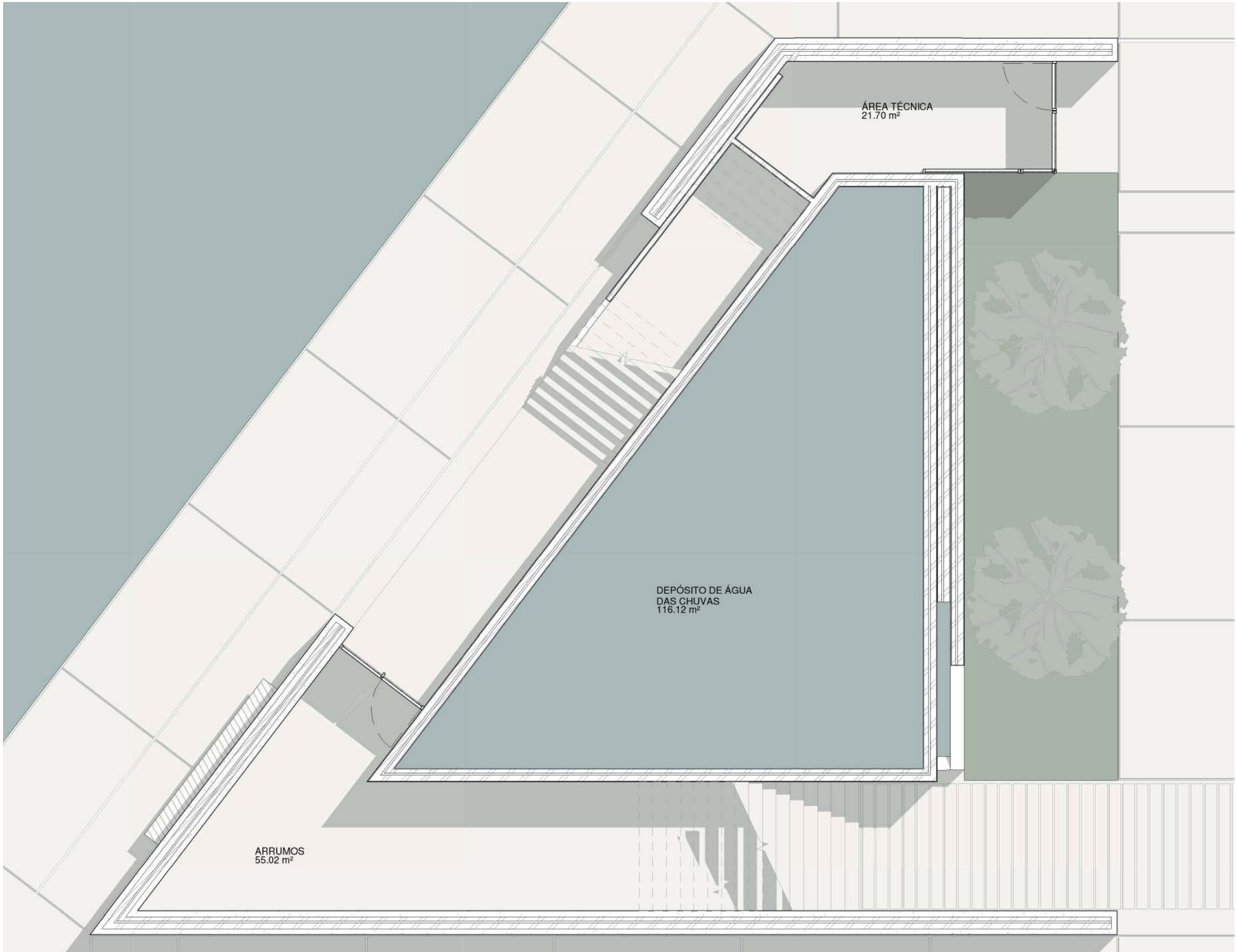


VISTA DO PÁTIO DA GALERIA

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM



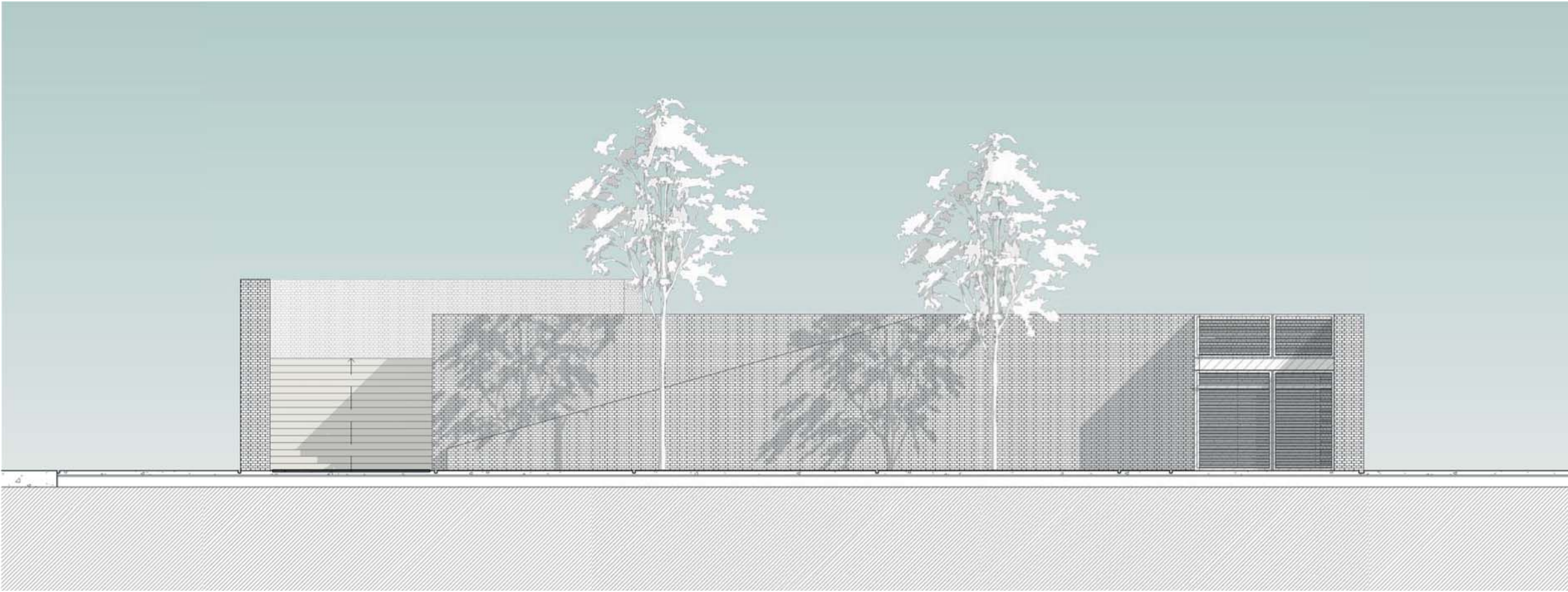


**DEPÓSITO DE ÁGUA DAS CHUVAS**  
ESCALA 1.100

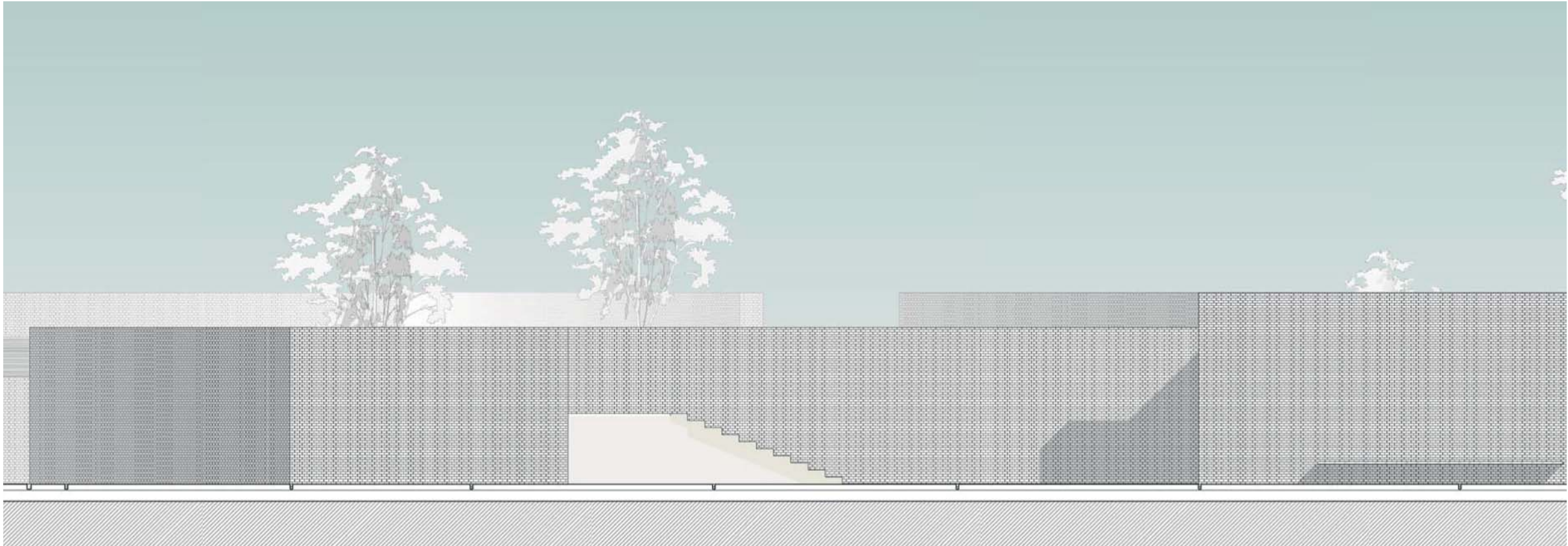
**SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**

**“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ**  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





**DEPÓSITO DE ÁGUA DAS CHUVAS- CORTE A**  
ESCALA 1.100



**DEPÓSITO DE ÁGUA DAS CHUVAS- CORTE B**  
ESCALA 1.100

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





VISTA DA COBERTURA

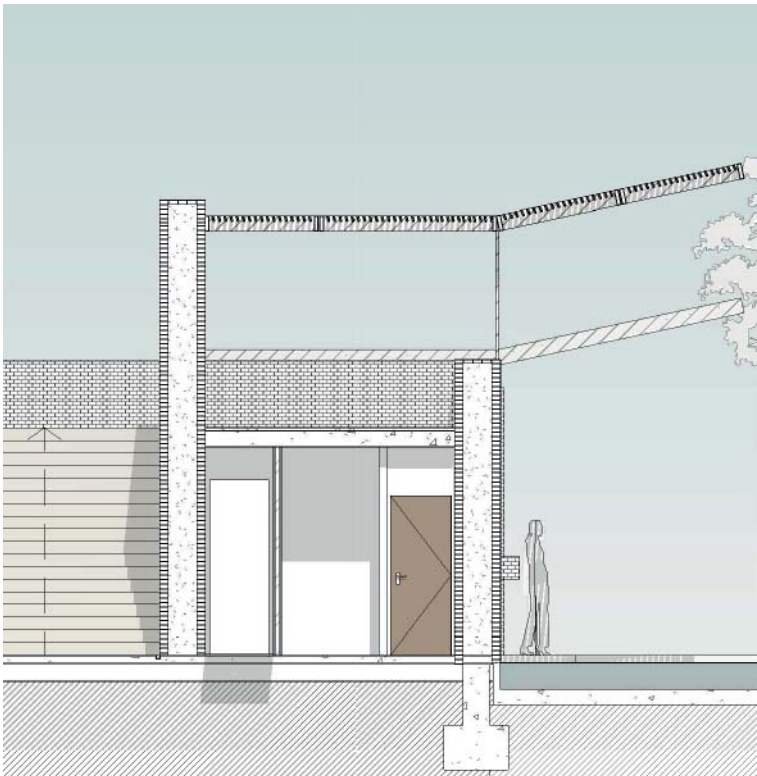
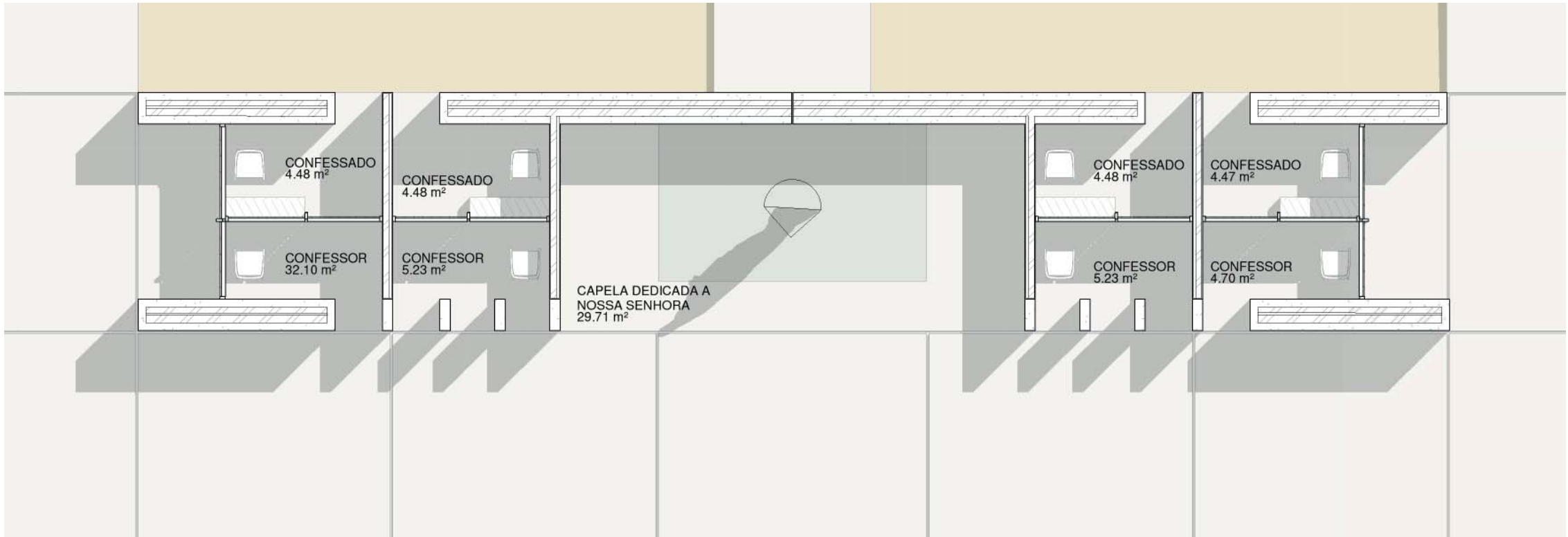


ACESSO AO MIRADOURO

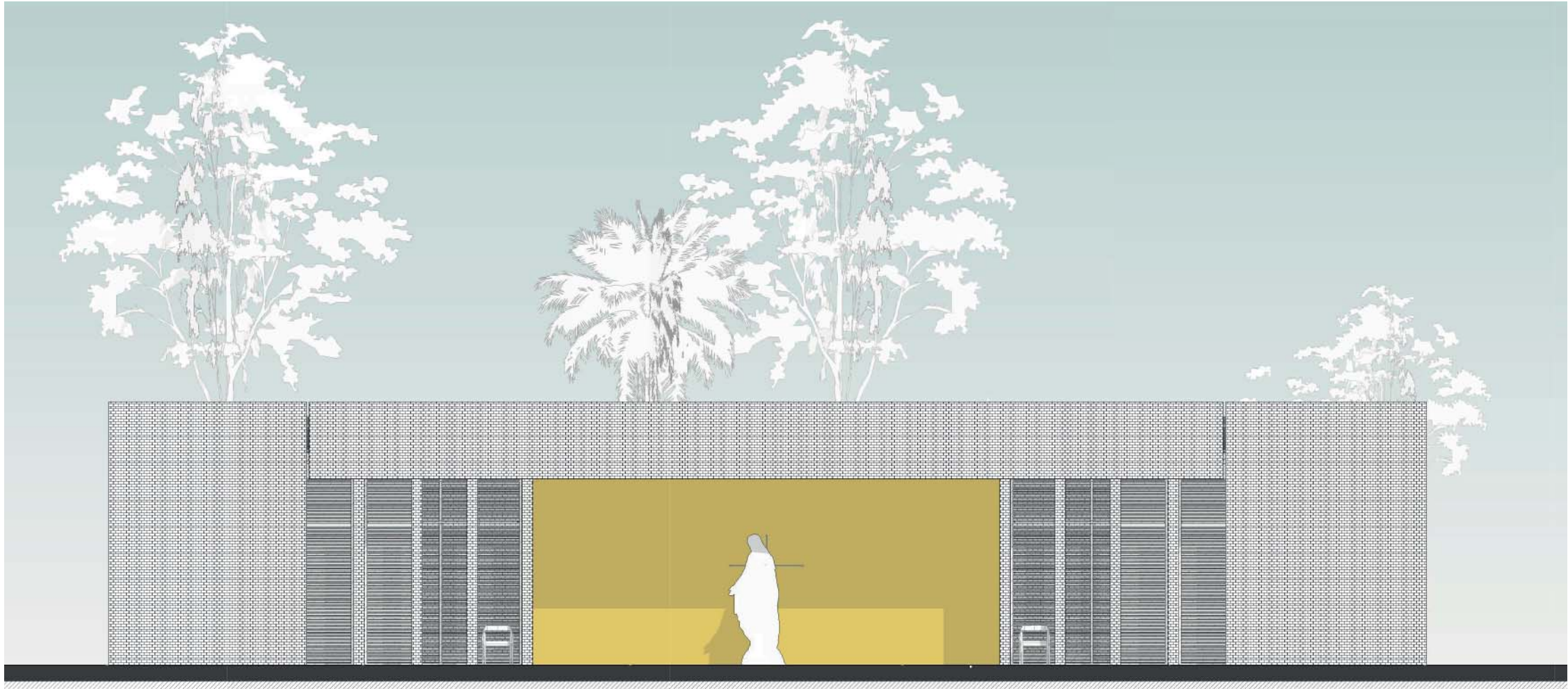
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM

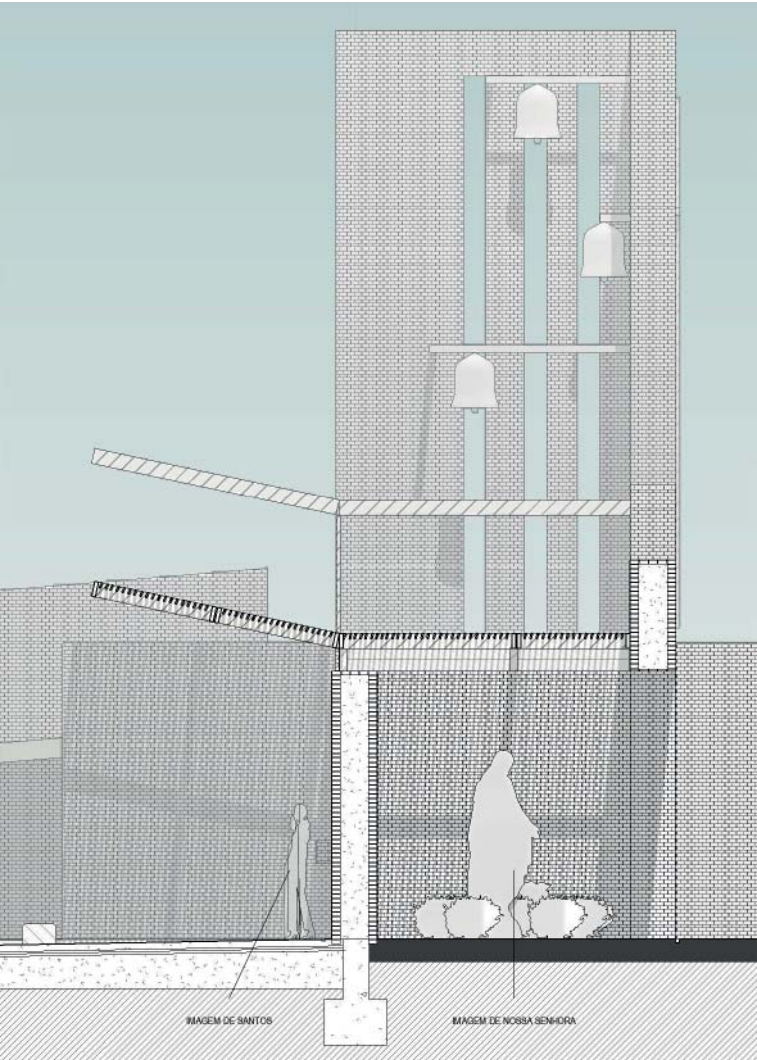




**CORTE**



**CONFESSIONÁRIOS / CAPELA DE NOSSA SENHORA**  
**ESCALA 1.100**

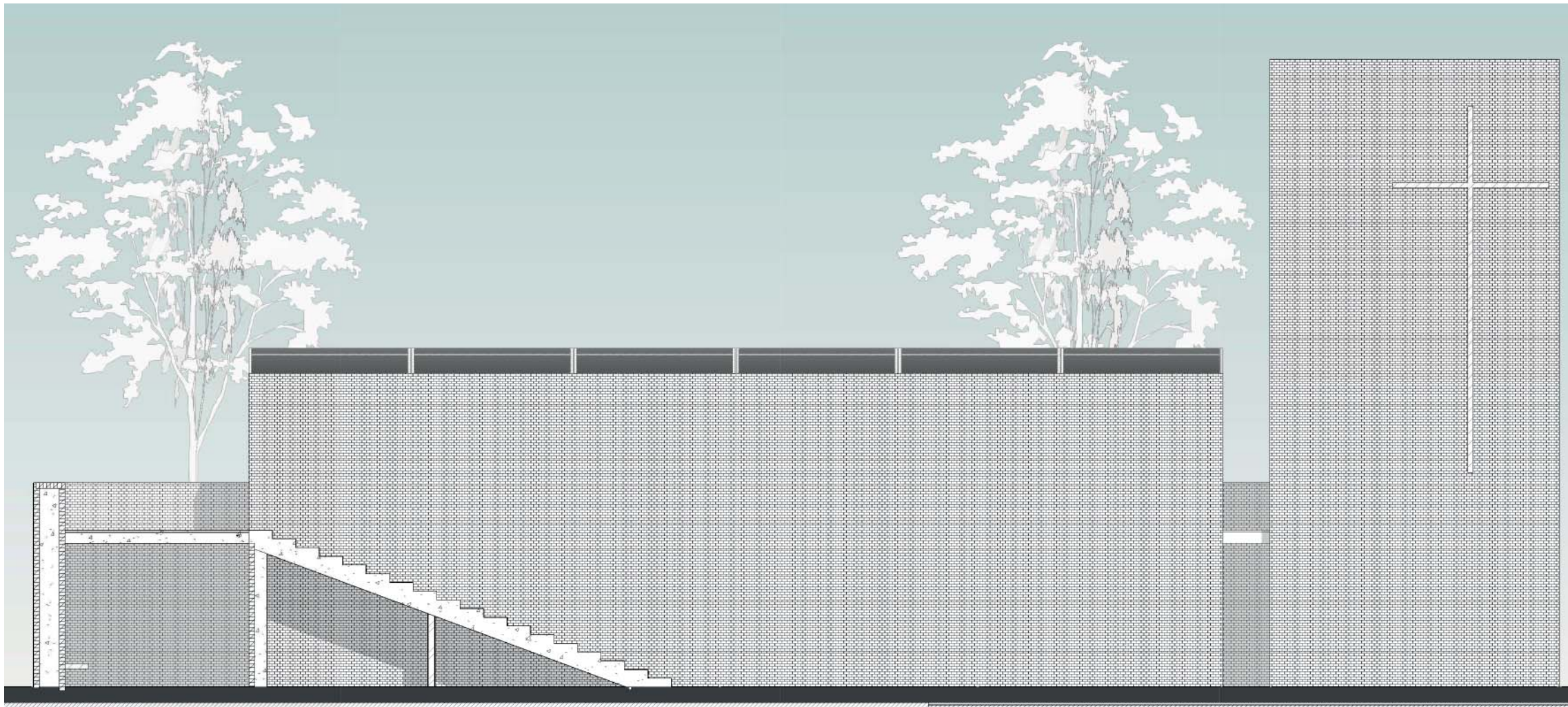
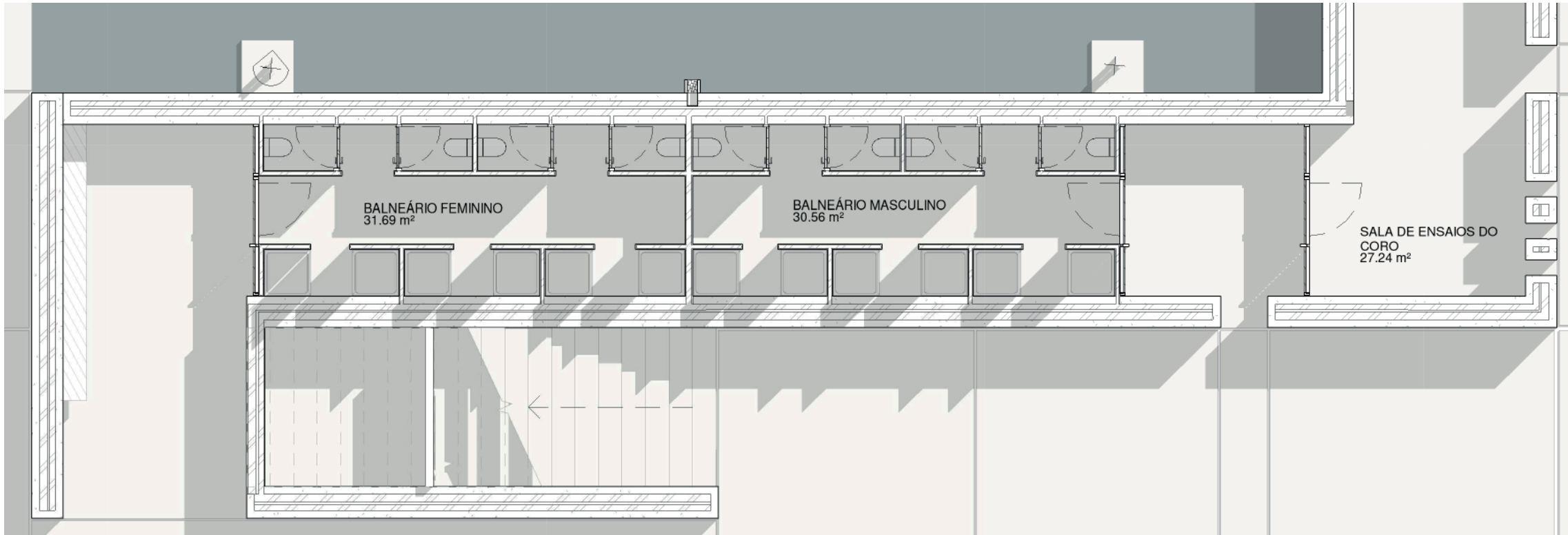


**CORTE**

# **SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**

**“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
 DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
 PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM**





**BALNEÁRIOS PÚBLICOS /ACESSO AO CORO E COBERTURA DOS EQUIPAMENTOS**

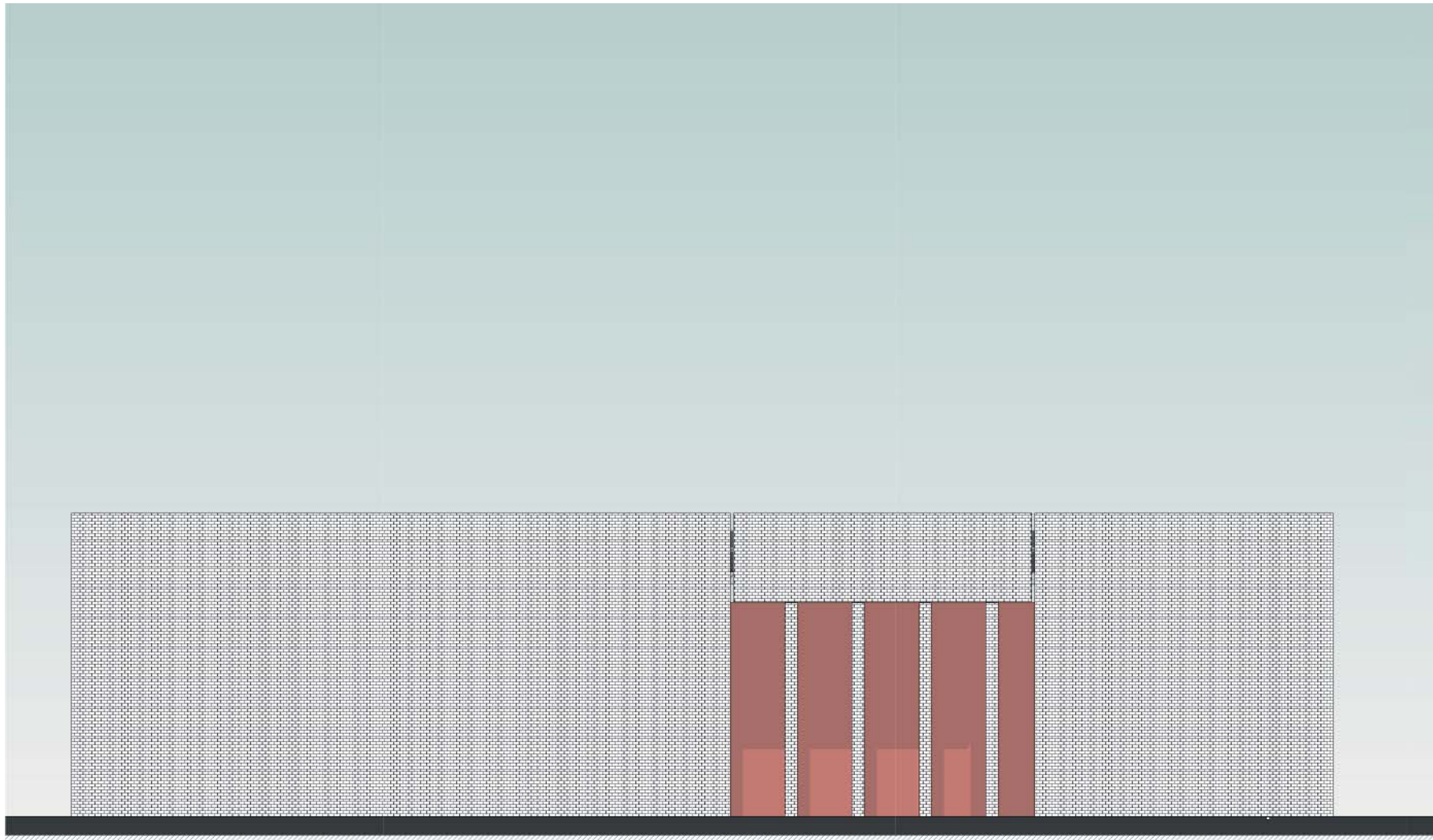
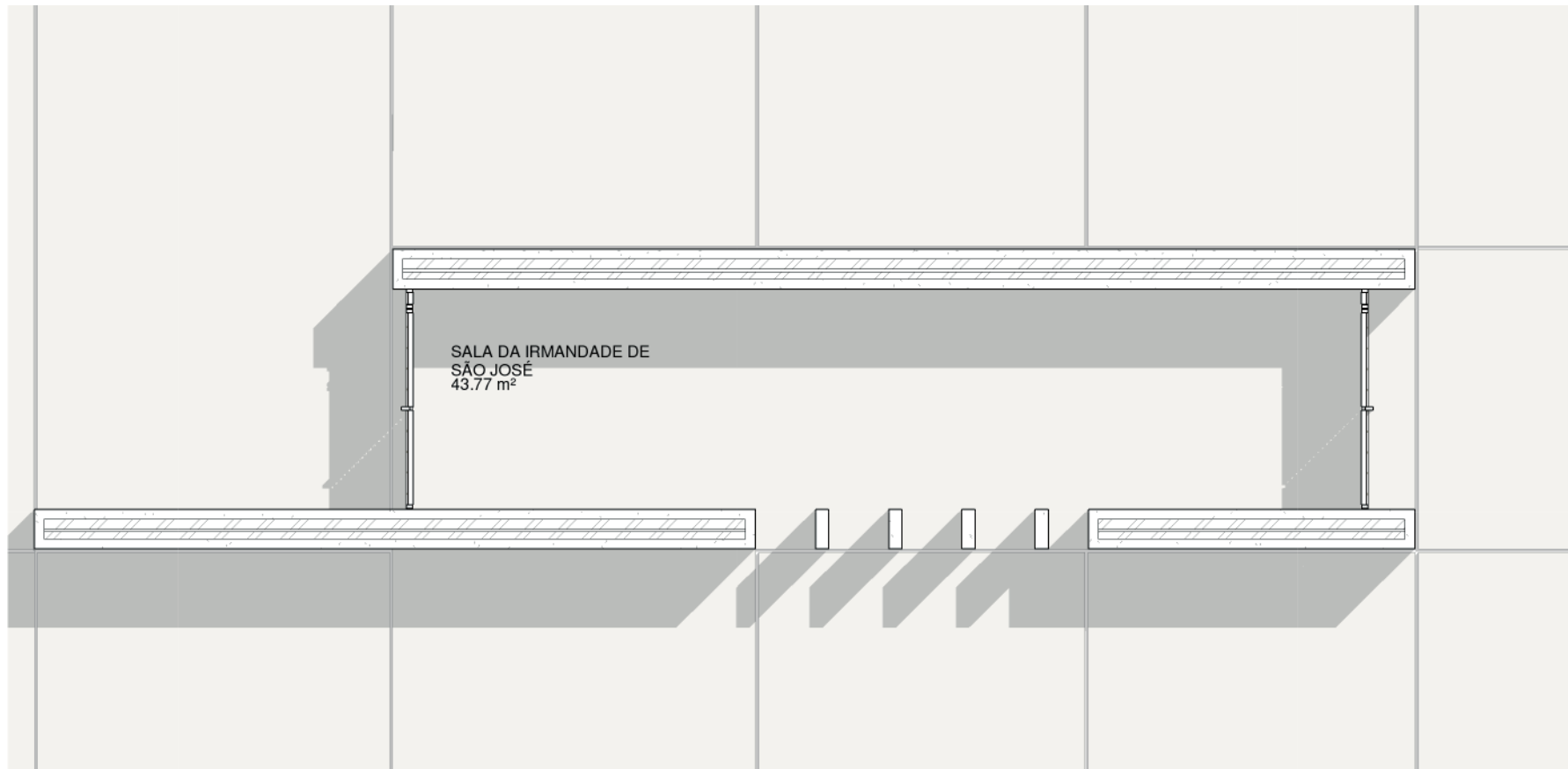
ESCALA 1.100

# SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

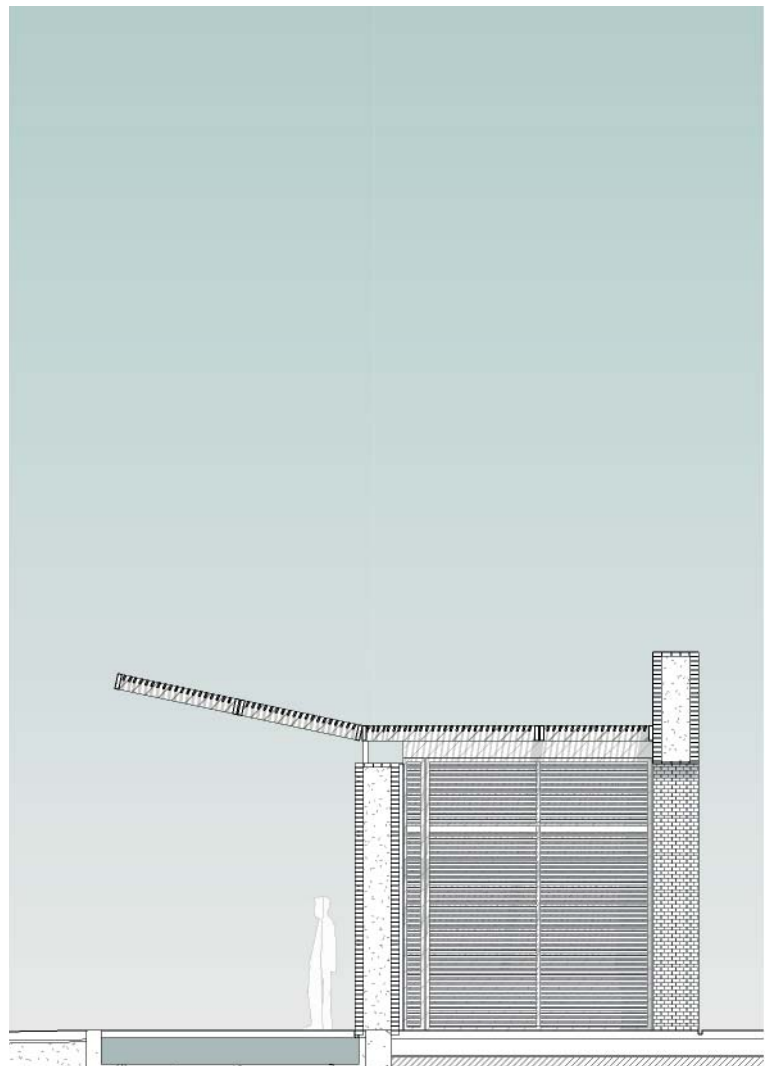
“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





**SALA DA IRMANDADE DE SÃO JOSÉ**  
ESCALA 1.100

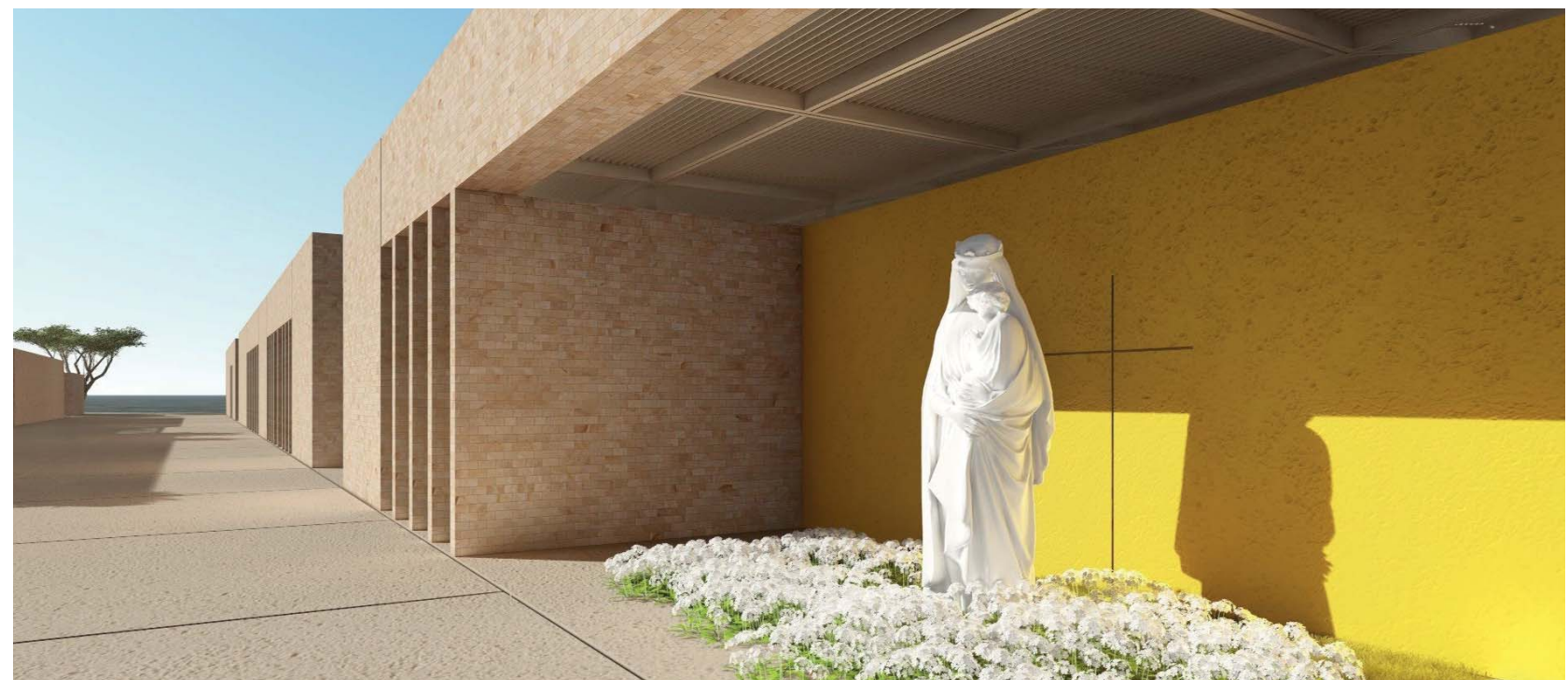


**CORTE**

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM

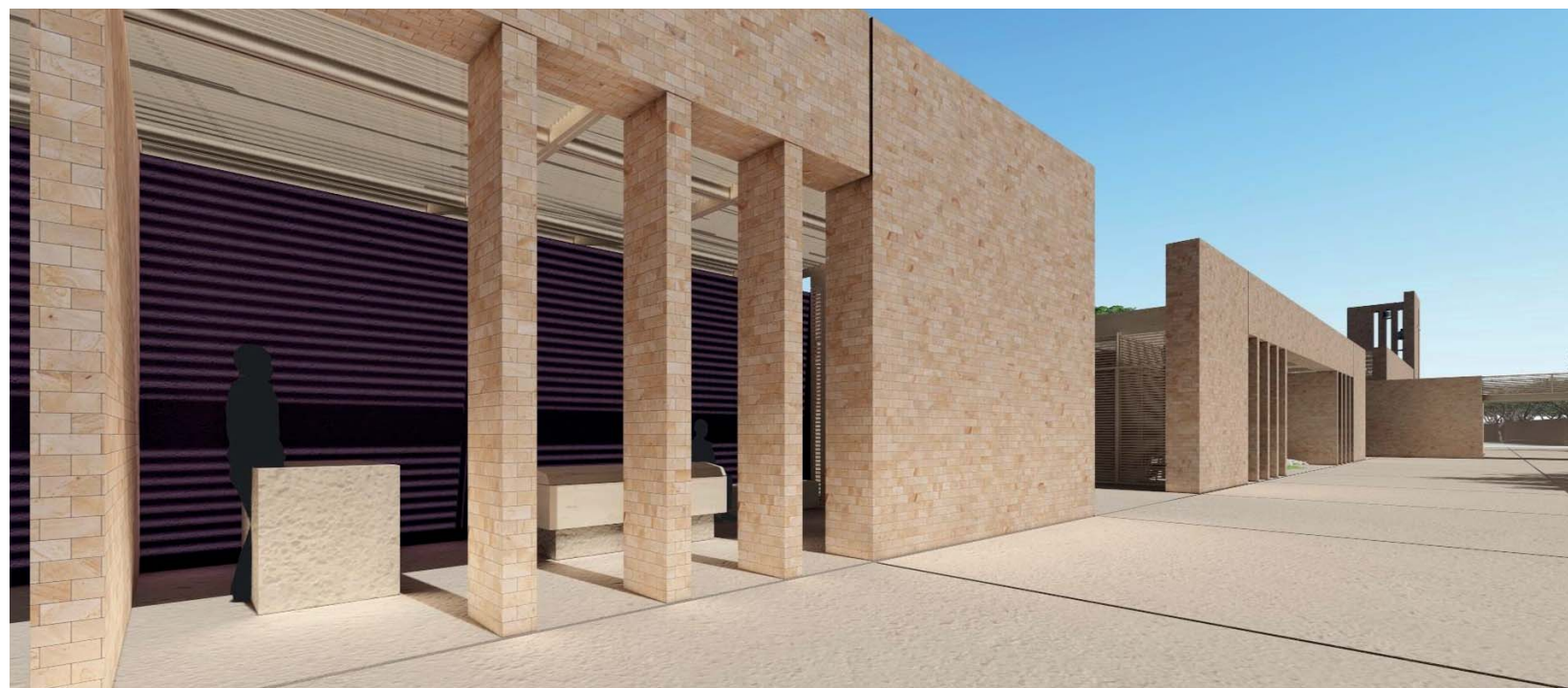




**CAPELA DE NOSSA SENHORA**



**CAPELAS LATERAIS**



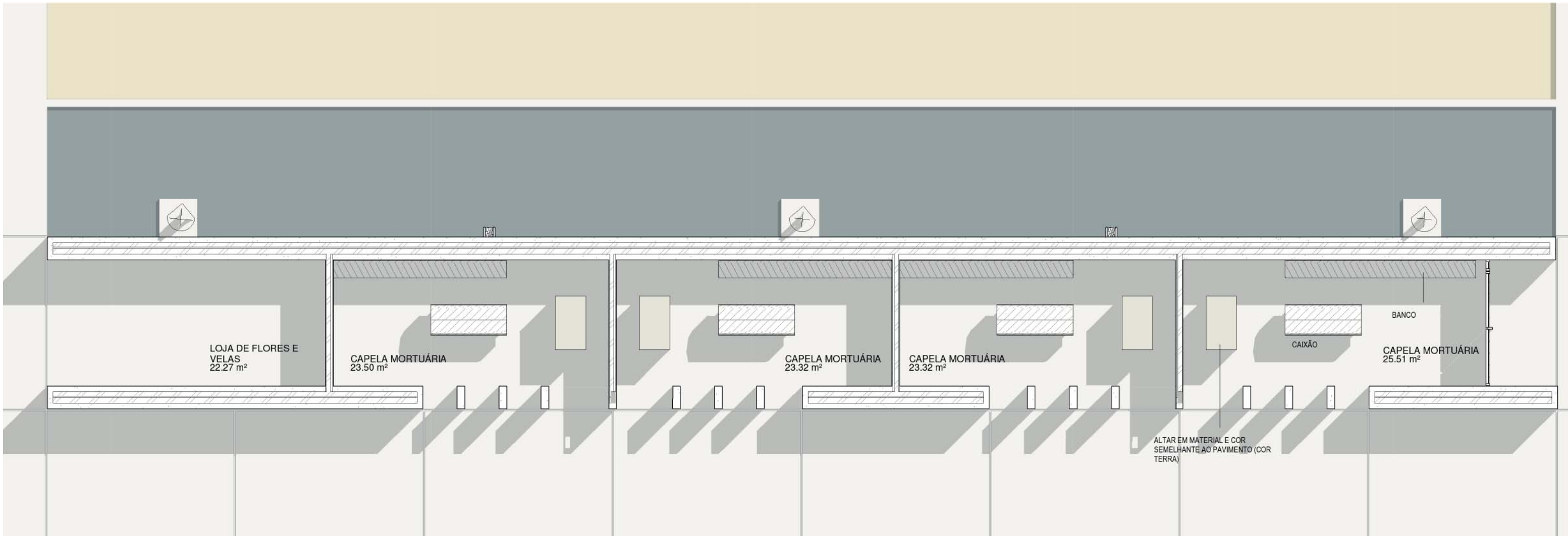
**CAPELAS MORTUÁRIAS**

## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





VENDA DE FLORES E VELAS /CAPELA MORTUÁRIAS  
 ESCALA 1.100

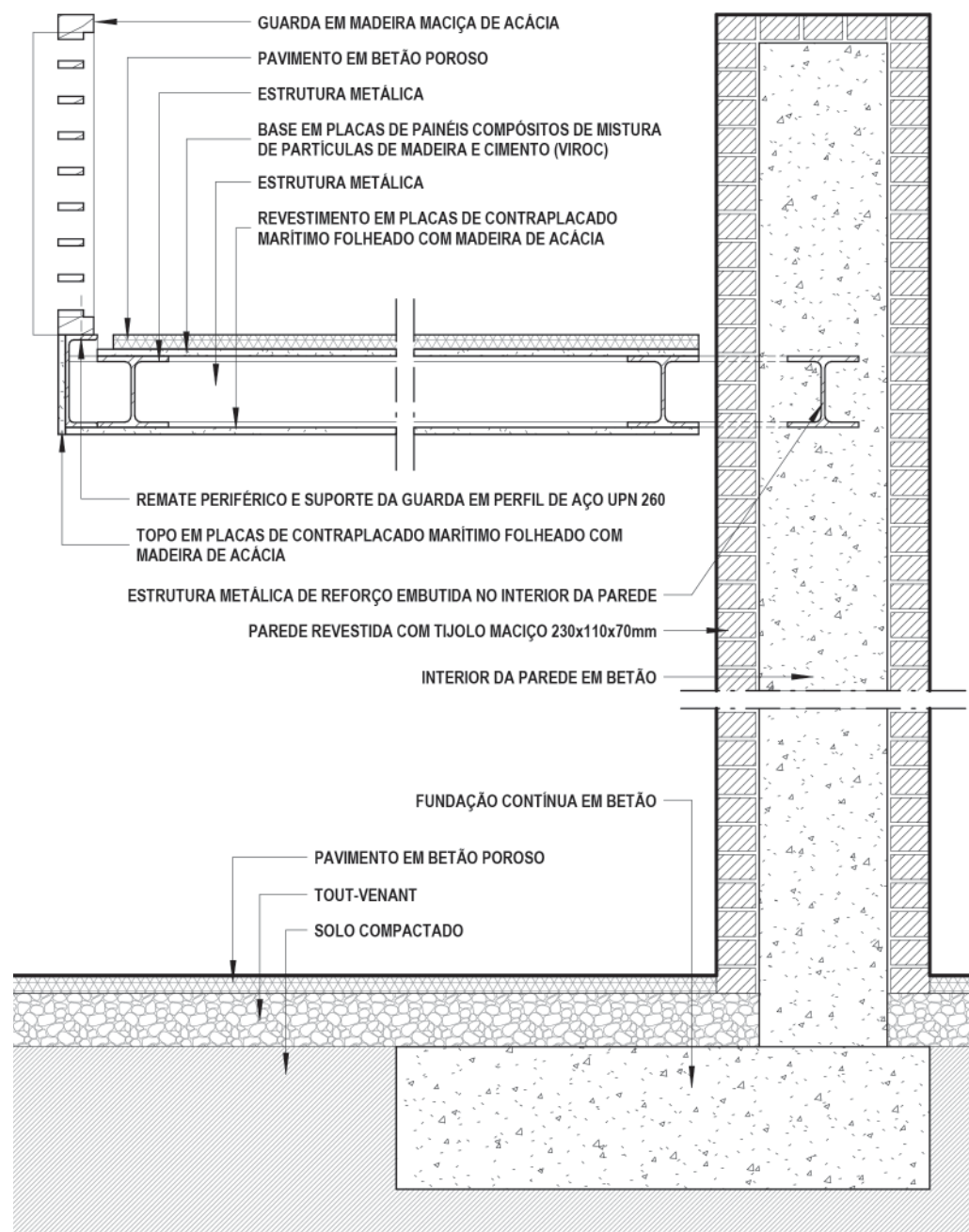




**TORRE SINEIRA**  
ESCALA 1.100

**RAMPA DE ACESSO AO CORO E COBERTURA DOS EQUIPAMENTOS**

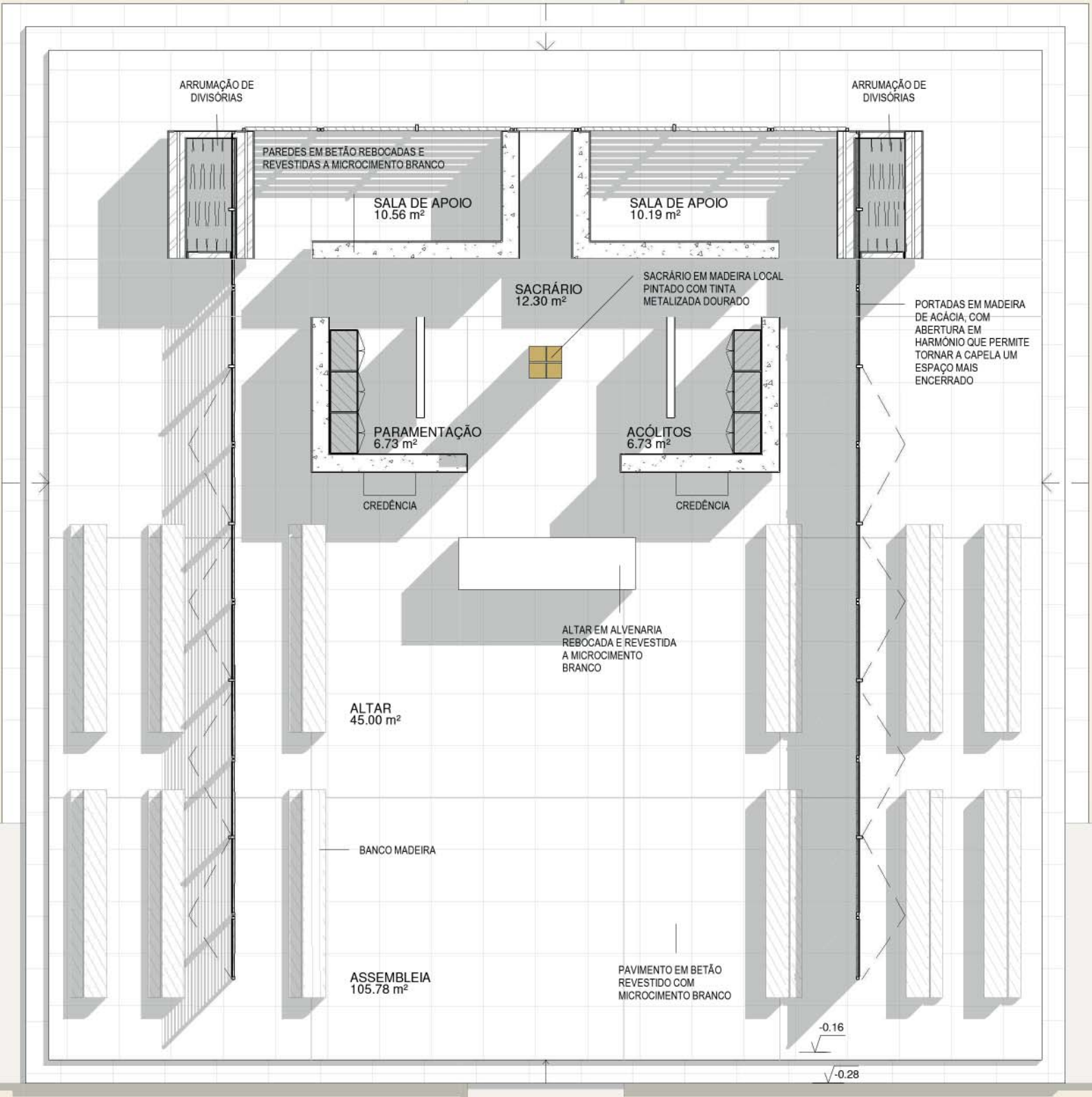




**DETALHE DO PASSADIÇO PRAÇA CENTRAL**

# CAPELA DE SÃO JOSÉ :

COMPLETAMENTE ABERTA AO EXTERIOR, ENCONTRA-SE NO CENTRO DE UM OUTRO ESPAÇO MAIOR QUE DESIGNAMOS POR IGREJA DE SÃO JOSÉ. A CAPELA SURGE NÃO SÓ COMO ELEMENTO QUE PERMITA CELEBRAÇÕES MAIS PEQUENAS E MAIS INTIMAS, COMO SERVE A FUNÇÃO LITÚRGICA DE UMA ALTAR-MOR, CONTENDO NO SEU INTERIOR O SACRÁRIO.



## SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ

PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM



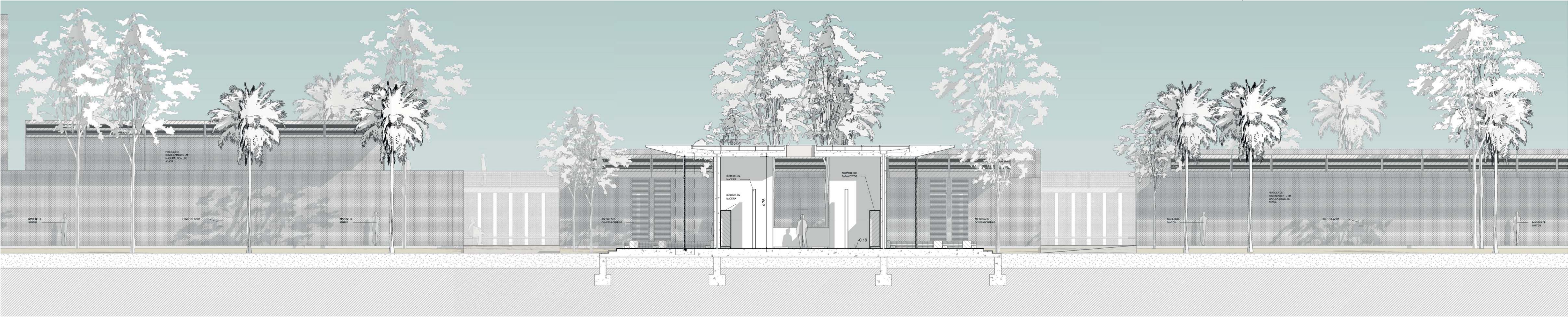


VISTA DOS BANCOS

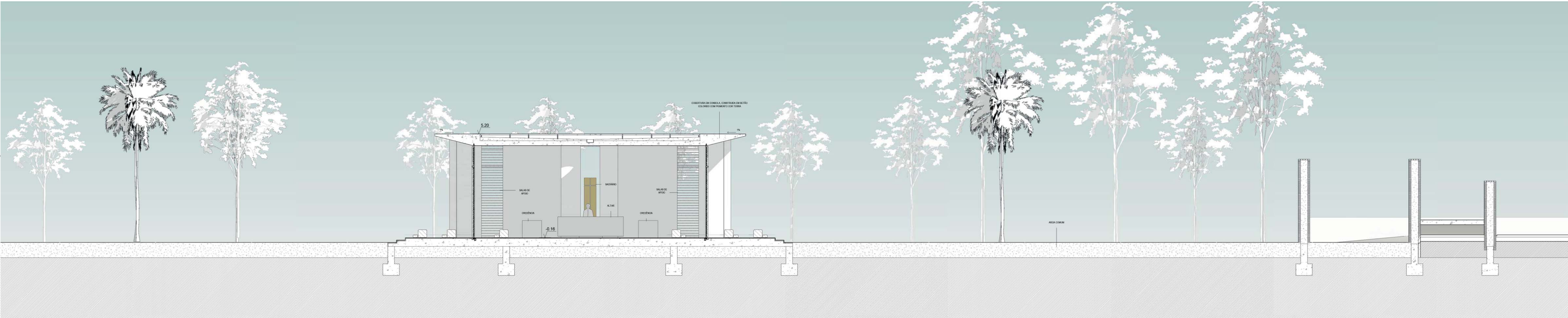
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

“REDESENHO E REAQUALIFICAÇÃO  
DA AVENIDA MARGINAL DE SÃO TOMÉ  
PROJECTO FINAL DE MESTRADO - GONÇALO OOM





CAPELA DE SÃO JOSÉ - CORTE A  
ESCALA 1.100



CAPELA DE SÃO JOSÉ - CORTE B  
ESCALA 1.100



